



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

JACIARA LIMEIRA DE AQUINO

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NUMA PERSPECTIVA
FUNCIONALISTA: O CASO DA CONCORDÂNCIA VERBAL**

**PAU DOS FERROS
2015**

JACIARA LIMEIRA DE AQUINO

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NUMA PERSPECTIVA
FUNCIONALISTA: O CASO DA CONCORDÂNCIA VERBAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros/RN, Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos e na linha de pesquisa Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal

**PAU DOS FERROS
2015**

DEDICATÓRIA

*Aos meus avós maternos, “Papai Luiz” e “Mamãe Munda” (In Memoriam),
por todos os valores que, humildemente, me ensinaram.*

*Aos meus pais, Maria Eleide e Antonio Nival,
por serem a representação mais pura e sincera de amor e de família.*

*Aos meus amigos,
por se fazerem presentes, mesmo com minhas constantes ausências.*

*Aos meus alunos:
por me ajudarem a acreditar que a educação ainda é possível.*

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de conclusão de mais uma etapa importante em minha formação profissional e acadêmica, seguindo as convenções propostas, poderia listar aqui uma numerosa quantidade de nomes. Nomes de pessoas amigas, companheiros de curso, alunos com os quais desenvolvi esta pesquisa, escola colaboradora e até aquelas pessoas que, com pensamentos negativos, foram de extrema importância para a construção desse trabalho, mas como para isso, eu precisaria gastar períodos e mais períodos de agradecimentos e mais agradecimentos, escolhi agradecer aqueles, que em momentos de vitórias e de derrotas sei que estiveram e estarão sempre presentes, seja fisicamente ou em pensamentos.

Agradeço ao meu Pai Celeste, ao Ser Supremo que, em todos os momentos, se mostra presente em minha vida. A Ele agradeço pelo dom da vida, pela coragem dada a cada instante e pela força de vontade e determinação para superar adversidades e seguir em frente na busca pela concretização dos meus sonhos e objetivos.

A minha família palavras são poucas para expressar a minha sincera gratidão. Minha família é uma muralha, com a qual me sinto protegida e aconchegada. Agradeço, de modo especial, a minha “Mainha”, por estar sempre pronta a me amparar, por ser a minha melhor e mais organizada torcida, por ser meu amor incondicional.

Ao meu Noivo, agradeço por entender a importância que esses momentos têm para mim, por me estimular a seguir em frente e por acreditar que determinação é fundamental quando se quer alcançar metas.

Aos meus verdadeiros amigos agradeço pela presença mesmo quando me fiz ausente. Agradeço também, aos amigos que construí durante essa caminhada, pois com eles compartilhei angústias, boas conversas, boas risadas e inúmeros conhecimentos.

A Escola Estadual 29 de Março por me permitir desenvolver esta pesquisa e por colaborar com ela. E, principalmente, aos meus alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, turma de 2014, sem os quais não teria sido possível o desenvolvimento deste trabalho. A eles, todo o meu carinho e o meu respeito

A CAPES, financiadora dessa pesquisa. Ao CAMEAM/UERN e aos professores ministrantes das disciplinas que, com sabedoria, me fizeram refletir sobre o meu fazer pedagógico, de modo especial, a minha orientadora, Prof^ª. Rosângela Vidal, pelas valiosas contribuições. Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, de modo positivo ou negativo, foram essenciais para o desenvolvimento deste árduo trabalho.

RESUMO

Na prática de ensino que vivenciamos no contexto do Ensino Fundamental (particularmente, do 9º ano), percebemos sérias dificuldades quanto ao emprego adequado de regras gramaticais nas produções dos alunos, principalmente, aquelas escritas. Tendo em vista essas constatações, sentimos a necessidade de repensar o ensino de gramática na escola, dada a sua importância, de modo particular, contribuindo para a compreensão da concordância verbal e levantando reflexões científicas quanto às escolhas e adequações necessárias a aplicações eficientes desse fenômeno nos enunciados e textos. Nessa linha de raciocínio, tivemos como questão de pesquisa, compreender o papel do ensino de gramática na escola, levando em consideração o funcionalismo linguístico e a variedade constitutiva da língua. Para isso, elencamos os seguintes objetivos: (i) explicar e sugerir reflexões a respeito dos contextos favorecedores da não concordância verbal a partir de gêneros escritos produzidos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental; (ii) discutir as implicações do ensino da concordância verbal tomando por base o desenvolvimento de um projeto de letramento desenvolvido no nível de ensino ora mencionado;

(iii) refletir acerca do ensino de gramática na escola, mais especificamente, da concordância verbal, de modo a considerar a língua em uso e as situações comunicativas em suas variedades. No intuito de alcançar tais objetivos, inicialmente, lançamos reflexões e análises a partir dos gêneros escritos pelos alunos (05 artigos de opinião sobre violência e abuso sexual produzidos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental antes do desenvolvimento do projeto de letramento sobre concordância verbal); em seguida, analisamos, de modo descritivo e interpretativo, a aplicação e o desenvolvimento de um projeto de letramento sobre concordância verbal, que foi realizado no 9º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual 29 de Março, localizada no município de Portalegre/RN; e ainda, tecemos comentários analíticos sobre artigos de opinião produzidos pelos alunos durante o desenvolvimento do projeto, os quais passaram por um processo de correção, reflexão e reescrita, tendo como finalidade a publicação no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte”, criado e gerenciado pela turma de alunos já mencionada. Nesse sentido, nos amparamos nos postulados de Franchi (2006); Faraco (2008) e Martelotta (2013) a respeito das concepções de gramática, indo do normativo ao linguístico. Com relação à Linguística Centrada no Uso e a Gramática Funcional, levamos em consideração as ideias de Furtado da Cunha (2013) e Cezario e Furtado da Cunha (2013), Furtado da Cunha & Tavares (2007), Martelotta (2003), dentre outros. Sobre a necessidade e a importância do ensino de gramática numa perspectiva funcionalista e variacional, realizamos um passeio nas considerações de Neves (2003) e Vieira e Brandão (2007), além de outros estudiosos. A respeito da concordância verbal, enquanto estatuto morfossintático, nos detemos nas considerações de Bechara (2009); Vieira (2007) e Perini (2001). Além dessas discussões, pontuamos algumas considerações com relação as contribuições dos projetos de letramentos para o ensino de língua materna, através das sugestões de Oliveira & Tinoco et. all (2011), dentre outros teóricos. Com isso, pretendemos confirmar a relevância de repensar o papel do ensino de gramática na escola, de modo que ele possa ser significativo e eficiente.

Palavras-chave: Ensino de Gramática. Concordância Verbal. Funcionalismo Linguístico. Projeto de Letramento

ABSTRACT

In the practice of teaching that we witnessed in the context of the Secondary School (particularly, 9th Grade), we noticed serious difficulties concerned to the proper use of grammar rules in the productions of the students, mostly written productions. Having these acknowledgments in mind, we felt the necessity of reflect about the teaching of grammar in school, given its importance, in a private way, to contribute to the comprehension of the verbal concordance and raising scientific reflexions concerned to the choices and the adequacy needed to efficient applications of this phenomenon in the enunciations and the texts. In this line of thought, we had as a research question, to comprehend the role of school's grammar teaching, taking into account the linguistic functionalism and the variety constitutive of language. For this, we listed the following objectives: (i) explain and suggest reflections about the contexts which support the not verbal concordance, based on the written gender produced by 9th grade students in Secondary School; (ii) discuss the implications of the verbal concordance teaching, having as its basis the development of a literacy project in the teaching level mentioned; (iii) reflect upon school grammar teaching, more specifically, upon verbal concordance, considering the language in use and the variety of communicative situations. In the pursuit of reaching such objectives, firstly we put into action reflections and analysis upon the written gender made by the students (05 opinion articles about violence and sexual abuse produced by students in the 9th grade of Secondary School before the development of the Literacy Project about verbal concordance); secondly, we analysed, in a descriptive and interpretative way, the application and the development of a literacy project about verbal concordance, which was carried out in a 9th grade class of Secondary School, from Escola Estadual 29 de Março, located in the city of Portalegre/RN; and also, we made analytic remarks about the opinion articles produced by the students during the development of the project, which passed by a process of correction, reflection and re-writing, having as a purpose to be published in the *blog* "estudar é arte, aprender faz parte", created and managed by the mentioned class of students. In this sense, we sought the support of the postulates by Franchi (2006); Faraco (2008) and Martelotta (2013) about the grammar conceptions, from the normative to the linguistic. Related to the Linguistic focused on the use and the Functional Grammar, we considered the ideas from Furtado da Cunha (2013) and Cezario and Furtado da Cunha (2013), Furtado da Cunha & Tavares (2007), Martelotta (2003), among others. About the need and the importance of Grammar teaching in a functionalist and variacionist perspective, we took a ride into the considerations by Neves (2003) and Vieira and Brandão (2007), among other thinkers. As regards to the verbal concordance, as morphosyntactic statute, we focused on the considerations by Bechara (2009); Vieira (2007) and Perini (2001). Besides these discussions, we punctuated some considerations regarded to the contributions of the literacy projects for the teaching of mother language, through the suggestions by Oliveira & Tinoco *et. all* (2011), among other theoretical students. With this work, we intend to confirm the importance to reflect upon the role of grammar school teaching, so that it can be both significant and e effective.

Key-words: Grammar Teaching. Verbal Concordance. Linguistic Functionalism. Literacy Project.

QUADRO

Quadro 1: Variáveis linguísticas condicionadoras da não concordância e contexto morfosintático ----- 66

LISTA DE ARTIGOS DE OPINIÃO

- Artigo de Opinião 1 – *Abrir o olho para o abuso*
 Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais*
 Artigo de Opinião 3 – *Abuso sexual com crianças e adolescentes*
 Artigo de Opinião 4 – *Abuso sexual geral muita consequência*
 Artigo de Opinião 5 – *Os abusos sexuais nos dias atuais*
 Artigo de Opinião 6 – *Um mundo diferente*
 Artigo de Opinião 7 – *Drogas, violência e jovens*
 Artigo de Opinião 8 – *Gravidez na adolescência*
 Artigo de Opinião 9 – *Quais as consequências da gravidez na adolescência?*
 Artigo de Opinião 10 – *O apressado come cru*

LISTA DE AMOSTRAS

Amostra 1: Artigo de Opinião <i>Abrir o olho para o abuso</i> -----	71
Amostra 2: Artigo de Opinião <i>Abrir o olho para o abuso</i> -----	73
Amostra 3: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual nas redes sociais</i> -----	74
Amostra 4: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual nas redes sociais</i> -----	74
Amostra 5: Artigo de Opinião <i>Abrir o olho para o abuso</i> -----	77
Amostra 6: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual nas redes sociais</i> -----	78
Amostra 7: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual gera muita consequência</i> -----	79
Amostra 8: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual nas redes sociais</i> -----	80
Amostra 9: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual gera muita consequência</i> -----	81
Amostra 10: Artigo de Opinião <i>Os abusos nos dias atuais</i> -----	81
Amostra 11: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual nas redes sociais</i> -----	83
Amostra 12: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual com crianças e adolescentes</i> -----	83
Amostra 13: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual nas redes sociais</i> -----	84
Amostra 14: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual com crianças e adolescentes</i> -----	84
Amostra 15: Artigo de Opinião <i>Abuso sexual com crianças e adolescentes</i> -----	85
Amostra 16: Artigo de Opinião <i>Um mundo diferente</i> -----	105
Amostra 17: Artigo de Opinião <i>Drogas, violência e jovens</i> -----	108
Amostra 18: Artigo de Opinião <i>Drogas, violência e jovens</i> -----	108
Amostra 19: Artigo de Opinião <i>Gravidez na adolescência</i> -----	110
Amostra 20: Artigo de Opinião <i>Gravidez na adolescência</i> -----	111
Amostra 21: Artigo de Opinião <i>Quais as consequências da gravidez na adolescência?</i> -----	114
Amostra 22: Artigo de Opinião <i>Quais as consequências da gravidez na adolescência?</i> -----	114
Amostra 23: Artigo de Opinião <i>O apressado come cru</i> -----	116
Amostra 24: Artigo de Opinião <i>O apressado come cru</i> -----	116

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: <i>Blog “Estudar é arte, aprender faz parte”</i> -----	98
Imagem 02: <i>Blog “Estudar é arte, aprender faz parte”</i> -----	99
Imagem 03: Artigo de Opinião 6 <i>Um mundo diferente</i> -----	104
Imagem 04: Artigo de Opinião 7 <i>Drogas, violência e jovens</i> -----	106
Imagem 05: Artigo de Opinião 8 <i>Gravidez na adolescência</i> -----	109
Imagem 06: Artigo de Opinião 9 <i>Quais as consequências da gravidez na adolescência?</i> ---	112
Imagem 07: Artigo de Opinião 10 <i>O apressado come cru</i> -----	115

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS -----	11
2 LÍNGUA EM USO: PERSPECTIVAS GERAIS PARA O ENSINO FUNCIONALISTA DE GRAMÁTICA NA ESCOLA -----	18
2.1 Concepções de gramática: do normativo ao linguístico-----	18
2.2 A Linguística Centrada no Uso e a Gramática Funcional-----	22
2.3 Proposições para um ensino de gramática pautado no uso da língua em sua variedade constitutiva -----	28
3 ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO DA CONCORDÂNCIA VERBAL -----	37
3.1 A concordância verbal numa perspectiva normativa-----	37
3.2 A concordância verbal na perspectiva da língua enquanto eminentemente funcional e variacional -----	40
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA -----	47
4.1 Situando o estudo: o contexto da pesquisa-----	47
4.2 Descrição da pesquisa -----	49
4.3 Constituição do <i>Corpus</i> -----	52
4.3.1 Artigos de opinião -----	52
4.3.2 Projeto de letramento: ensino de gramática e concordância verbal-----	54
4.4 Projeto de letramento: etapas, ações e metas-----	54
4.4 Critérios de Análise -----	66
5 ENSINO DE GRAMÁTICA E CONCORDÂNCIA VERBAL EM ARTIGOS DE OPINIÃO: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA COM PROJETO DE LETRAMENTO -----	68
5.1 A não realização da concordância verbal, enquanto fenômeno gramatical, em artigos de opinião: explicações pontuais em contextos específicos-----	69
5.2 Projeto de letramento e ensino de concordância verbal: da aplicação em sala de aula aos resultados obtidos -----	87
5.3 Implicações do projeto de letramento: a compreensão da concordância verbal em artigos de opinião -----	101
5.4 Retomando alguns pontos e estabelecendo algumas considerações quanto as análises levantadas -----	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	121
REFERÊNCIAS -----	125
ANEXOS -----	128

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na maioria das vezes, as aulas de Língua Portuguesa se mostram desvinculadas da língua que efetivamente é utilizada em diferentes situações comunicativas. Trata-se de um ensino apenas metalinguístico que prescreve e estabelece regras relacionadas à norma-culta, o que por sua vez, se dá de modo aleatório e descontextualizado, tomando por base uma língua ideal.

Na prática de ensino que vivenciamos no contexto do Ensino Fundamental (particularmente, do 9º ano), percebemos sérias dificuldades quanto ao emprego adequado de regras gramaticais nas produções dos alunos, principalmente, aquelas escritas. Embora consigamos, na maior parte dos casos, compreender significativamente suas produções textuais, estas apresentam fenômenos linguísticos recorrentes, tais como: falta de pontuação adequada, flexão verbal e não concordância entre os termos que compõem os enunciados e, conseqüentemente, entre os elementos que formam os textos em sua totalidade, dentre outros aspectos.

Dentre tais fenômenos, destacamos o que diz respeito às regras de concordância verbal, pois observando textos diversos escritos pelos alunos desse nível de ensino, percebemos que a não concordância está presente praticamente na totalidade dos textos (de um total de dezenove textos – artigos de opinião – produzidos pelos alunos em uma situação específica – discussão sobre a violência e o abuso sexual contra os jovens, quinze apresentam inadequações quanto à concordância verbal em alguns trechos).

Tendo em vista essas constatações, sentimos a necessidade de repensar o ensino de gramática na escola, de modo particular, contribuir para a compreensão de casos particulares de concordância verbal, levantando reflexões científicas quanto às escolhas e adequações necessárias a aplicações eficientes desse fenômeno nos enunciados e textos.

Dando destaque à compreensão do fenômeno da concordância verbal, de modo a contribuir para a assimilação desse conceito nas aulas de língua materna, a problemática da

pesquisa em evidência pretende responder à seguinte questão: qual o papel do ensino de gramática na escola, levando em consideração o funcionalismo linguístico em meio a contextos comunicativos reais?

Seguindo posicionamentos, principalmente advindos da linguística funcional e enfocando, sutilmente, sugestões da sociolinguística, partimos da hipótese de que o ensino de gramática deve se dar com a linguagem em uso, compreendendo-a em suas variedades e heterogeneidade constitutiva. Nesse sentido, pretendemos sugerir que a escola deve lidar com as variedades linguísticas presentes em situações interativas concretas, de modo a não prestigiar uma variedade em detrimento de outras, isto é, possibilitar uma reflexão acerca da língua em uso, fazendo com que os alunos saibam adaptar e escolher as modalidades adequadas às diversas situações comunicativas nas quais estão inseridos.

Além dessa problemática mais geral, buscamos responder as seguintes questões: (i) como discutir e compreender a não concordância verbal em textos escritos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental, levando em consideração contextos favorecedores desse fenômeno? (ii) quais as implicações do ensino da concordância verbal tomando por base o desenvolvimento de um projeto desenvolvido no nível de ensino ora mencionado? (iii) qual o papel do ensino de gramática na escola (especificamente, da concordância verbal) de modo a considerar a língua em uso diante das diferentes situações comunicativas e suas variedades?

A fim de discutir tais questionamentos, levantamos considerações acerca do ensino de gramática, dando destaque as perspectivas mais voltadas para a compreensão da língua enquanto eminentemente variável, bem como da Linguística Centrada no Uso. Enfocamos, de modo particular, o fenômeno da concordância verbal, sugerindo compreensões científicas e possibilidades variacionais a depender do contexto situacional dos enunciados e textos, como é o caso das variáveis sugeridas por Vieira (2007) para compreender a ocorrência ou não da concordância.

Dessa forma, nos amparamos na Linguística Centrada no Uso ou linguística funcional de vertente norte-americana, amparada nos postulados de Givón, Hopper, Thompson e associados, a qual propõe que a língua deve ser vista como uma atividade social. Sendo assim para compreendê-la é necessário levar em consideração seus usos comunicativos, bem como as particularidades desse uso. Nesse sentido, abordar a gramática numa perspectiva funcionalista é aproximar a forma linguística das funções que ela cumpre socialmente para atender as especificidades dos diferentes contextos de interação. (Cf. FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007).

Nessa perspectiva, não podemos desconsiderar as variedades que constroem, de fato, a nossa Língua Portuguesa, uma vez que é essa heterogeneidade que demonstra sua vivacidade e criatividade intrínseca. Sendo assim, abordar algumas variáveis sugeridas por Vieira (2007) como condicionadoras da não concordância verbal é algo que serve para mostrar que antes de certas variedades observadas em situações comunicativas diversas serem tratadas como erros, elas devem ser consideradas como possibilidades linguísticas passíveis de reflexões e significados dentro do contexto comunicativo em que aparecem.

Diante de tais discussões e questionamentos, temos como objetivo geral nessa pesquisa, compreender o papel do ensino de gramática na escola, mais especificamente, da concordância verbal, no 9º ano do ensino fundamental, levando em consideração o funcionalismo linguístico em meio a contextos comunicativos reais.

Partindo desse objetivo geral, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos: (i) examinar os contextos favorecedores da não concordância verbal a partir de textos escritos produzidos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental; (ii) averiguar as implicações do ensino da concordância verbal tomando por base o desenvolvimento de um projeto desenvolvido no nível de ensino ora mencionado; (iii) refletir acerca do ensino de gramática na escola, mais especificamente da concordância verbal, de modo a considerar a língua em uso diante das diferentes situações comunicativas e suas variedades.

Assim, apresentamos pontos pertinentes com relação ao ensino de gramática na escola, não de modo descontextualizado e prescritivo, mas pautado em discursos concretos e variáveis, que deem atenção aos usos reais da língua em contextos comunicativos específicos e determinados, uma vez que as variedades não implicam em erros, mas em escolhas significativas do ponto de vista linguístico e científico.

Seguindo esse raciocínio, concordamos com Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 14) quando elas justificam que a insatisfação pelo ensino fundamentado nesse tipo de prescrição é generalizada, estimulando o desenvolvimento de pesquisas linguísticas que “visem contribuir para um ensino-aprendizagem que tenha por propósito ampliar as competências comunicativas dos alunos ao privilegiar conteúdos que não estejam distantes da língua que falamos, ouvimos, escrevemos e lemos diariamente no Brasil, em diferentes contextos de interação”.

É válido ressaltar que essa proposta de ensino do fenômeno da concordância verbal não é inédita, pois outros autores também se debruçaram sobre esse fenômeno, como Lemle e Naro (1977), pioneiros com relação à depreensão dos elementos condicionadores do fenômeno, abordando a regra de concordância entre o sujeito e o verbo com alunos do programa Mobral do Rio de Janeiro; e Vieira (1995 *apud* VIEIRA, 2007) que investigou tal fenômeno com base

em formas verbais de 3ª pessoa, condicionantes que levam a não concordância entre falantes masculinos do norte fluminense, dentre outros. Porém, este assunto continua relevante por levantar considerações a respeito do fenômeno da concordância verbal a partir de eventos motivados e concretos (artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual 29 de Março, Portalegre/RN) e ainda mediante o desenvolvimento de um projeto sobre tal fenômeno, no referido nível de ensino. Além disso, propõe análises de textos escritos pelos alunos desse nível de ensino à luz das variáveis sugeridas por Vieira (2007), as quais atuam como condicionantes ou não da realização da concordância verbal e servem para refletir cientificamente sobre o fenômeno em evidência, mostrando que a não realização da concordância não pode simplesmente ser taxada como erro, antes é necessário colaborar para a superação de tais incidências. De modo geral, essa pesquisa mostra-se pertinente por analisar uma proposta para o ensino de concordância verbal no contexto escolar do ensino fundamental, tratando-o como um fenômeno científico a fim de gerenciar reflexões para se compreender a variedade da língua em situações comunicativas.

O nosso interesse por essa linha de pesquisa e estudos, se deve, inicialmente, às preocupações acadêmicas quanto ao ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, de gramática, haja vista sempre suscitar novas discussões, fazendo-se necessário constantemente, reflexões que possam lidar com problemáticas ligadas à sua verdadeira necessidade e eficiência. Sendo assim, partimos do princípio de que o ensino de gramática se faz necessário na escola, seguindo princípios funcionalistas em meio a usos linguísticos concretos e, não apenas parâmetros normativos em completa desconexão com a realidade dos discentes, da escola e do ensino de língua materna de modo geral.

Profissionalmente, enquanto docente de Língua Portuguesa, consideramos necessário o trabalho com a língua em uso, na tentativa de promover um ensino eficiente que permita aos educandos uma reflexão acerca de sua própria língua nas diferentes situações comunicativas das quais fazem parte, uma vez que podemos comprovar que o ensino, de modo descontextualizado e prescritivo a fim de promover uma língua ideal, acaba por gerar uma série de mitos e incoerências.

De modo pessoal, enquanto usuários da língua, afirmamos que é imprescindível compreendê-la em meio aos processos comunicativos e interacionais nos quais estamos inseridos diariamente, já que sentimos a necessidade de adequar nossas escolhas linguísticas em virtude das nossas necessidades comunicacionais, assim como também, das exigências estabelecidas pelas diversas instâncias sociais.

No intuito de responder aos nossos questionamentos e alcançar os nossos objetivos, inicialmente, lançamos reflexões e análises a partir dos textos escritos pelos alunos (05 artigos de opinião sobre violência e abuso sexual produzidos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental antes do desenvolvimento do projeto sobre concordância verbal). Vale ressaltar que eles foram produzidos em uma situação específica de comunicação atrelada às discussões do Programa Saúde na Escola – PSE. De um total de dezenove textos, quinze apresentaram problemas de realização da concordância verbal, o que nos motivou a pensar em explicações para isso observando as contribuições de Vieira (2007) e de outros teóricos que lidam com essas incidências não como erros, mas como possibilidades da língua que, em determinados contextos, mostram-se inadequadas. Sendo assim, do universo de dezenove textos, escolhemos cinco produções aleatoriamente para levantar reflexões e sugerir explicações e, além disso, partimos de tais textos para a organização e desenvolvimento do projeto de letramento sobre o ensino da concordância verbal.

Dando continuidade às nossas propostas, analisamos, de modo descritivo e interpretativo, a aplicação e o desenvolvimento de um projeto de letramento que foi realizado no 9º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual 29 de Março, localizada no município de Portalegre/RN, sobre concordância verbal. Esse projeto foi pensado e desenvolvido devido as observações quanto à recorrência de desvios no tocante à realização ou não da concordância verbal em textos escritos. O mesmo ocorreu no período de julho a outubro de 2014, possibilitando o recolhimento de notas de campo para direcionar discussões e análises críticas que pudessem pensar a necessidade e o papel do ensino de gramática (de modo particular, da concordância verbal) a partir de práticas de leitura e escrita situadas e específicas.

Em meio ao processo de discussão a respeito do projeto de letramento e suas implicações para o ensino de gramática na escola, tecemos comentários também sobre 05 artigos de opinião produzidos pelos alunos durante o desenvolvimento do projeto, os quais passaram por um processo de correção, reflexão e reescrita e foram publicados no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte” (estudaraprender92014.blogspot.com.br), criado e gerenciado pela turma de alunos já mencionada (no *blog* foram publicados 09 artigos de opinião com três temáticas diferentes, dentre outros gêneros, fotos e vídeos, mas nos detemos a 05 artigos de duas temáticas diferentes – drogas na adolescência e gravidez na adolescência, por critérios de delimitação, sendo os mesmos escolhidos aleatoriamente). Esses textos têm o papel de possibilitar reflexões sobre as implicações de um ensino de gramática voltado para a língua em uso e para práticas de leitura e escrita de modo situado e concreto. Vale ressaltar que o *blog*, por si só, não é objeto de nossas análises, sua contribuição para a pesquisa foi servir de suporte real para a circulação de textos,

haja vista que uma das condições para o exercício de projetos de letramento é sua direção para práticas escritas reais que possam ir além dos limites da sala de aula.

Tendo em vista respaldar teoricamente o nosso trabalho, nos amparamos nos postulados de Franchi (2006); Faraco (2008) e Martelotta (2013) a respeito das concepções de gramática, indo do normativo ao linguístico. Com relação à Linguística Centrada no Uso e a gramática funcional, levamos em consideração as ideias originais de Givón, Heine, Traugott, difundidas no Brasil por Furtado da Cunha (2013), Furtado da Cunha & Tavares (2007), e Cezario e Furtado da Cunha (2013), dentre outros. Sobre a necessidade e a importância do ensino de gramática numa perspectiva funcionalista e embasada no eixo da variação, realizamos um passeio nas considerações de Neves (2003); Vieira e Brandão (2007) e Bagno (2004), além de outros estudiosos. À respeito da concordância verbal, enquanto estatuto morfossintático, nos detemos nas considerações de Bechara (2009); Vieira (2007) e Perini (2001). Além dessas discussões, pontuamos algumas considerações com relação às contribuições dos projetos de letramentos para o ensino de língua materna, como forma de justificar nossa escolha pelo desenvolvimento de tal projeto enfocando a concordância verbal, através das sugestões de Oliveira & Tinoco et al (2011), dentre outros teóricos. Com isso, acreditamos ser possível levantar considerações pertinentes com relação à importância do ensino de gramática na escola, de modo a realizar análises críticas e gerenciar reflexões coerentes.

No capítulo 2, *Língua em uso: perspectivas gerais para o ensino funcionalista de gramática na escola*, propomos considerações acerca das concepções de gramática, indo do normativo ao linguístico, de modo a destacar as contribuições do ensino de gramática a partir de posturas funcionalista ligadas ao uso da língua em situações comunicativas. Para isso, suscitamos discussões sobre a Linguística Centrada no Uso, bem como definições de gramática do ponto de vista funcional; e, ainda, proposições para o ensino de língua materna que se ancoram nos usos efetivos da língua em interações concretas.

Dando continuidade aos aportes teóricos, no capítulo 3, *A concordância verbal: estatuto morfossintático*, apresentamos considerações gerais sobre a concordância verbal, enquanto fenômeno linguístico e morfossintático, apontando visões mais tradicionais a respeito desse fenômeno. Além disso, situamos a concordância verbal cientificamente, haja vista compreendê-la numa perspectiva mais funcional, levando em consideração a dinamicidade da língua e sua heterogeneidade constitucional.

No capítulo 4, *Aspectos metodológicos da pesquisa*, situamos o nosso trabalho de modo a explicitar sua contextualização; descrição com relação aos métodos e procedimentos utilizados na sua realização; bem como apresentamos os passos, etapas e metas priorizados no

desenvolvimento do projeto de letramento sobre concordância verbal. Expomos ainda, como se deu a seleção do *corpus* ora analisado e os critérios utilizados para isso, tendo em vista nossos questionamentos e objetivos.

Na sequência, especificamente no capítulo 5, *Ensino de gramática e concordância verbal em artigos de opinião: implicações para o ensino de língua materna com projeto de letramento*, apresentamos as nossas análises conforme delimitações do *corpus* e os critérios estabelecidos no capítulo metodológico. Sendo assim, o dividimos em tópicos de modo a expor explicações para a não realização da concordância verbal em determinados contextos, tomando por base produções textuais dos alunos (artigos de opinião produzidos em momento anterior ao desenvolvimento do projeto e fortes influenciadores deste); a apresentar as implicações do desenvolvimento do projeto de letramento sobre esse fenômeno, visando contribuir para a sua compreensão, bem como comprovando a tese de sua importância para a significação do ensino e da aprendizagem em Língua Portuguesa; e, ainda, a evidenciar a evolução da escrita dos educandos (escritores/alunos) a partir do projeto desenvolvido, tendo como ponto de observação também, artigos produzidos pelos alunos em meio a um novo contexto de produção, avaliação e divulgação.

Por fim, expomos as considerações finais, retomando pontos pertinentes com relação aos nossos objetivos e questionamentos, no intuito de lançar contribuições com relação ao ensino de Língua Portuguesa, mais precisamente de gramática, numa perspectiva dinâmica, pautada na língua em uso e na sua heterogeneidade eminente.

Diante do exposto, esperamos com essa pesquisa, confirmar a relevância do ensino de gramática, levantando reflexões críticas e científicas que possam contribuir para discussões no tocante à necessidade de um ensino de Língua Portuguesa dinâmico, que contemple a língua como um organismo vivo, em seus usos variáveis, haja vista os diferentes contextos comunicativos em que estamos inseridos enquanto usuários da língua.

2 LÍNGUA EM USO: PERSPECTIVAS GERAIS PARA O ENSINO FUNCIONALISTA DE GRAMÁTICA NA ESCOLA

Neste capítulo, fazemos uma explanação acerca das concepções de gramática, expondo, desde visões tradicionais a conceitos ligados à funcionalidade da língua, entendendo-a como um conjunto dinâmico e heterogêneo de normas e princípios que são estabelecidos e determinados diante das situações comunicativas e interacionais, ou seja, a língua como uma atividade funcional. Além disso, apresentamos discussões ligadas à Linguística Centrada no Uso, bem como definições de gramática do ponto de vista funcional, uma vez que são essas concepções que, verdadeiramente, podem tornar eficiente o ensino de gramática na escola. Seguindo tais perspectivas, apontamos ainda, proposições para um ensino de gramática ancorado nos usos reais da língua em meio a sua heterogeneidade constitutiva.

2.1 Concepções de gramática: do normativo ao linguístico

É fato que os falantes, ao utilizarem a língua, seguem regras próprias do sistema linguístico, já que não combinam os elementos de maneira aleatória, nem tampouco de acordo com vontades individuais. Dessa forma,

[...] os falantes não combinam unidades de qualquer modo [...] seguem uma tendência de colocação que parecem estar associadas ao conhecimento geral que possuem de sua própria língua, que lhes permite formular e compreender frases em contextos específicos de comunicação. (MARTELOTTA, 2013, p. 44).

Diante disso, modelaram-se interpretações e descrições acerca do funcionamento da língua, seu conjunto recebe o nome de *gramática*. Inicialmente, cabe considerar que o termo gramática sugere dois sentidos: por um lado, o termo é usado para designar o funcionamento da própria língua, sendo o objeto concreto do cientista da linguagem, levando em consideração a natureza dos elementos que constituem a língua, bem como as restrições que limitam a organização de tais elementos em meio a contextos reais de uso; por outro lado, designa os

estudos e/ou modelos teóricos organizados pelos cientistas da linguagem com o objetivo de explicar o funcionamento da língua a partir da descrição dos elementos linguísticos e de suas possibilidades de combinação. Nessa segunda acepção, temos uma variedade de conceitos, compreendendo desde posturas tradicionais a implicações linguísticas relacionadas à funcionalidade da língua em meio aos contextos interacionais e comunicativos. (Cf. MARTELOTTA, 2013).

As concepções de gramática estão fortemente ligadas a conceitos de língua, linguagem e texto, percorrendo um caminho que inova à medida que evoluem as teorias linguísticas. Embora seja nítida essa guinada com relação aos estudos linguísticos, muitas vezes a escola prioriza a gramática normativa, tendo-a como sinônima de ensino de Língua Portuguesa e limitando-se a prescrição de normas e conceitos metalinguísticos.

Tomando por base os pressupostos de Faraco (2008), o estudo gramatical é bastante antigo. Remonta sua origem às civilizações grega e romana, tendo recebido delas as bases da retórica e da boa argumentação. A isso soma-se também as ideias filosóficas de Aristóteles e Platão à respeito da lógica, ou seja, de como se organiza o raciocínio válido e a normatividade fundamentada em uma língua ideal.

A autoria da primeira gramática foi de Dionísio Trácio no século II a. C., esta descrevia aspectos da língua grega, sendo tomada como modelo por estudos gramaticais posteriores. A gramática de Trácio baseava-se em uma língua ideal, isto é, na língua escrita exemplar dos grandes escritores e poetas da época, o que estabeleceu e constituiu a tradição normativa, fortemente perpetuada até hoje.

Desse modo, sufocam-se as diversidades linguísticas observadas em busca da prescrição de fatos corretos da linguagem, uma vez que possibilitava a fixação de modelos estigmatizados e a recusa da heterogeneidade natural da língua. Heterogeneidade esta que, muitas vezes, promove uma diferença valorativa de caráter social que rotula determinadas variedades como corretas e prestigiadas, e outras como erros e desvios, o que não deveria acontecer, pois todas as variedades possuem uma organização estrutural própria e perfeitamente compreensível aos olhos de uma ciência da linguagem pautada na interação e no uso real.

De acordo com Franchi (2006), existem diferentes maneiras de compreender a linguagem e, conseqüentemente, de compreender gramática e o modo como essa disciplina é tratada nas escolas, mais especificamente, nas aulas de Língua Portuguesa. Dentre elas, destacam-se: a gramática normativa, a descritiva e aquela que parte de uma visão mais interacional de língua, texto e discurso, isto é, a funcionalista.

A gramática normativa é entendida como:

[...] o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Dizer que alguém ‘sabe gramática’ significa dizer que esse alguém ‘conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente’. (FRANCHI, 2006, p. 16).

Nessa concepção, todo uso linguístico que foge às normas pré-estabelecidas é apontado como erro e, qualificado, preconceituosamente, como linguagem vulgar, desprestigiada. A escola até hoje é fortemente tradicional, e, em virtude disso, tenta corrigir tais “erros” por meio da disseminação e imposição de regras, que na maioria das vezes, são lançadas de modo descontextualizado.

O processo de mudança linguística é desconsiderado e a evolução natural das línguas é sufocada em prol dos ideais padronizados como corretos. No entanto, essa postura mostra-se falha, assim como afirma Martelotta (2013, p. 47):

[...] ao conceber a existência de formas gramaticais corretas, os gramáticos tradicionais abandonam determinadas formas consideradas erradas, mas que são efetivamente utilizadas pelos falantes na comunicação diária. Com isso, essa gramática adota uma visão parcial da língua, sendo incapaz de explicar a natureza da linguagem em sua totalidade.

Sendo assim, essa visão parcial da língua não abarca as heterogeneidades linguísticas observáveis em situações interativas reais. As lacunas dessa abordagem motivaram novos estudos e novas formas de compreender a gramática.

Como forma de direcionar outros olhares sobre o termo gramática, surge o que se compreende por gramática descritiva, a qual é definida como

[...] um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical. (FRANCHI, 2006, p. 22).

Sendo assim, “saber gramática” significa descrever e distinguir as estruturas da língua, suas funções e seus papéis na construção dos textos. Porém, apesar de não ser tão prescritiva quanto a gramática normativa, a gramática descritiva acaba se transformando em um instrumento para a prescrição de normas e regras.

De um ponto de vista mais amparado nos estudos linguísticos que enfatizam os reais usos da linguagem em suas diferentes funções, Franchi (2006, p. 25) sugere que:

Gramática corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genérica humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica. ‘Saber gramática’ não depende, pois, em princípio, da escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva), na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras.

Segundo essa acepção, todo falante dispõe de uma ‘gramática interna’, a qual a criança já domina quando chega à escola, não podendo ser, portanto, desconsiderada pelo fato de constituir uma variedade linguística que se diferencia da variedade culta. Ainda de acordo com Franchi (2006), o que não está de acordo com a norma-padrão não constitui necessariamente um erro ou desvio, é apenas uma modalidade linguística diferente. Assim, verifica-se a heterogeneidade constitutiva da linguagem, bem como a regularização das diferentes variedades linguísticas.

Em consonância a isso, Martelotta (2013) apresenta a gramática cognitivo-funcional. Segundo o referido autor, a escolha por esse termo – “cognitivo-funcional” - justifica-se por unir, apesar dos traços distintos, algumas escolas linguísticas e gramaticais que em comum:

- observam o uso da língua, considerando-o fundamental para a compreensão da natureza da linguagem;
- observam não apenas o nível da frase, analisando sobretudo, o texto e o diálogo;
- tem uma visão da dinâmica das línguas, ou seja, focalizam a criatividade do falante para adaptar as estruturas linguísticas aos diferentes contextos de comunicação;
- consideram que a linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana, isto é, sua estrutura é consequente de processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados em situações de interação com outros indivíduos. (MARTELOTTA, 2013, p. 62).

Por meio dessa citação, podemos afirmar que, nesse sentido, os estudos gramaticais mostram-se mais eficientes e úteis diante das realidades dos sujeitos falantes, pois levam em consideração todo o processo comunicacional, seus objetivos, os participantes e o contexto discursivo. Para compreender a comunicação humana, são levados em conta princípios cognitivos e funcionais, ou seja, aspectos que fazem parte do falante, de modo constitutivo, e, também, da própria interação com o meio do qual faz parte, tendo em vista as intenções impregnadas na comunicação em virtude de alcançar fins específicos e determinados. (Cf. MARTELOTTA, 2013).

Cabe destacar ainda, que segundo essa concepção, não podemos desassociar a criatividade do falante em organizar seus discursos seguindo seus objetivos e intenções comunicativas da organização dos elementos linguísticos que seguem critérios pré-estabelecidos. Assim,

[...] nos termos funcionalistas, a gramática não pode ser vista como independente do uso concreto da língua, ou seja, do discurso. Quando falamos, valemo-nos de uma gramática, ou seja, de um conjunto de procedimentos necessários para, através da utilização de elementos linguísticos, produzirmos significados em situações reais de comunicação. Mas, ao adaptarmos esses procedimentos aos diferentes contextos de comunicação, podemos remodelar essa gramática, que, na prática, seria o resultado de um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas e interativas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso. (MARTELOTTA, 2013, p. 63).

Com isso, percebemos a relação recíproca entre discurso e gramática haja vista que se constituem mutuamente, sendo interligados em prol da eficiência da interação, uma vez que esses elementos (discurso e gramática) se modificam, transformando-se e adaptando-se para cumprir as reais intenções comunicativas.

Em síntese, compreender a gramática dessa forma não significa dizer que a variedade culta não deva ser ensinada nas escolas. Ao contrário, a escola é responsável por esse ensino, porém de modo a não deixar de considerar a língua em sua essência e funcionalidade natural, pois é impossível conceber gramática sem considerar suas distintas acepções, haja vista estar propenso a cair em vazios teóricos que limitam a compreensão da linguagem em suas naturezas humana, social, cultural e interacional.

Diante do exposto, ficam claras as evoluções dos estudos linguísticos que impulsionaram estudos diversificados acerca da língua e, conseqüentemente, da gramática. Isso explica a origem das tradições gramaticais disseminadas na escola, e justifica a escolha por um ensino de gramática que se pautar, principalmente, nos usos reais dos usuários da língua, levando em consideração as variedades intrínsecas aos contextos comunicativos e interacionais que dispõem de objetivos e finalidades diversificadas.

2.2 A Linguística Centrada no Uso e a Gramática Funcional

O funcionalismo se opõe a correntes linguísticas tradicionais como o estruturalismo e o gerativismo, pois apresenta uma preocupação em estudar a estrutura gramatical das línguas em relação aos contextos comunicativos diversos em que tais estruturas são usadas. Dessa

forma, apresenta propostas teóricas distintas, além de objetivos e métodos também distintos quanto à análise linguística. (Cf. FURTADO DA CUNHA, 2013).

Essa escola linguística defende a seguinte concepção de língua de acordo com Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 14):

[...] atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada [...] é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação [...] está sempre entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas estão engajadas.

Entender a língua dessa forma é levar em consideração sua capacidade de organizar as relações sociais. Sendo assim, a língua deve ser compreendida como uma atividade social que media a comunicação e os processos interativos entre os sujeitos sociais tendo em vista seus interesses, o contexto em que as manifestações linguísticas ocorrem, bem como todo o processo discursivo envolto em interações diversas.

Nessa linha de raciocínio, a linguagem é vista como um instrumento de interação social, indicando uma relação entre linguagem e sociedade. De acordo com Furtado da Cunha (2013, p. 157):

Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Nessa perspectiva, os contextos interativo e comunicacional são decisivos na escolha das estruturas gramaticais para compor os discursos, pois é o contexto de uso, essencial à análise funcionalista, que motiva e determina as diferentes estruturas sintáticas, o que indica uma relação de reciprocidade entre as regras gramaticais da língua e as situações reais de uso dessas regras. Por isso, uma gramática amparada em princípios funcionalistas “procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 158).

Outra característica importante do funcionalismo, de acordo com Furtado da Cunha (2013), diz respeito ao processo de aquisição da linguagem. Para ele, esse processo advém do

desenvolvimento de necessidades e habilidades impostas pelas situações de interação nas quais os usuários estão inseridos, já que é a partir disso que eles constroem a gramática da sua língua.

Além disso, os funcionalistas defendem

[...] a visão de que a linguagem não constitui um conhecimento específico, como propõem os gerativistas, mas um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana [...] Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura, e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem. (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 158).

Com essa afirmação, é nítida a compreensão da linguagem como uma atividade comunicativa, cognitiva e social, o que implica em considerar a língua como um sistema não autônomo, que depende do comportamento social, adaptando-se às práticas sociais em virtude dos interesses dos sujeitos falantes inseridos em meios sociais específicos, com condições culturais e interacionais também específicas.

Tomando por base as discussões de Furtado da Cunha e Souza (2007), o funcionalismo linguístico aborda a língua como uma atividade social fincada no uso cotidiano, estando relacionada, de modo intrínseco, às situações comunicativas. Nessa perspectiva, a gramática, por sua vez, é compreendida como “uma estrutura dinâmica e maleável, que emerge das situações cotidianas de interação” (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 7).

A gramática funcionalista sugere explicações sobre a língua levando em consideração tanto os elementos linguísticos quanto os extralinguísticos advindos das situações reais de comunicação. Assim, a sintaxe, por exemplo, “tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 163).

De acordo com Furtado da Cunha (2013, p. 164):

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes [...] as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada [...] a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional.

Dessa forma, o ensino de gramática na escola não pode desconsiderar os reais contextos linguísticos e sociais em que os alunos estão inseridos, já que é imprescindível

compreender a

maleabilidade da língua, sua flexibilidade e dinamismo em decorrência das situações de comunicação e dos usos possíveis que os falantes fazem das estruturas da língua.

A linguística funcionalista divide-se em duas linhas de investigação, a norte-americana e a sistêmico-funcional, as quais guardam em comum o entendimento social, comunicacional e interativo a respeito da língua/linguagem. Por questões de delimitação teórica nos deteremos a algumas noções gerais a respeito da linguística funcional norte-americana.

De acordo com Cezario e Furtado da Cunha (2013), a linguística funcional norte-americana começou a se projetar a partir da década de 1970, propondo análises acerca da língua e levando em consideração o contexto linguístico e a situação extralinguística. Nesse viés, sugere que o estudo da gramática e do discurso se dê de modo simultâneo, já que “parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (CEZARIO & FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 14).

A linguística funcional norte-americana é baseada nos postulados de Givón, Hopper, Thompson e Chafe, principalmente, e difundida no Brasil por Martelotta (2013), Furtado da Cunha & Tavares (2007), Cezario & Furtado da Cunha (2013), dentre outros estudiosos, ganhando espaço haja vista se mostrar um terreno frutífero para lidar com fenômenos linguísticos sob a ótica da concreticidade das comunicações e interações sociais que se dão por meio da língua em uso cotidianamente.

Segundo Martelotta & Areas (2003, p. 23-24) essa perspectiva de estudos acerca da linguagem ganhou força, inicialmente, nos Estados Unidos, na década de 1970, por meio, principalmente, dos teóricos supracitados, os quais passaram “a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística”. Ao entender a língua desse modo, tanto as questões da estrutura linguística, quanto os objetivos contextuais da comunicação são considerados para termos de análises e de pesquisas. Sendo assim, “para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída”. Nesse interim, seus apontamentos consideram a gramática “[...] um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais frequência” (FORD; FOX; THOMPSON, 2003, p. 122 *apud* FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 18).

Seguindo essa linha de pensamentos, Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 18) afirmam que “a gramática é o agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso, do discurso, das experiências com a interação linguística que os seres humanos acumulam durante a vida”. Nesse sentido, a gramática que aborda a língua de modo

descontextualizado e desligado dos usos concretos promove ineficiências desastrosas no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que é necessário abordar os aspectos gramaticais normativos em conjunto com todo o processo comunicativo que organiza os discursos, isto é, as interações sociais.

Ainda de acordo com os autores mencionados acima, destacamos, dentre as contribuições do funcionalismo para uma nova compreensão de gramática, a seguinte afirmação de Thompson e Couper-kuhlen (2005) citada por Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 18): “o reconhecimento de que, para a linguística fornecer uma explicação acerca de como as pessoas realmente usam a língua, ela deve considerar a gramática como interacionalmente sensível e cognitivamente realística”. Com essa contribuição, acreditamos que, abordar em sala de aula a gramática numa perspectiva funcionalista é considerá-la sob uma ótica emergente em que as formas linguísticas são analisadas em meio aos contextos linguísticos específicos, haja vista as funções que elas desempenham na comunicação, numa perspectiva discursivo-textual. Com o desenvolvimento dos estudos nessa área, observamos, de modo geral, que o “funcionalismo entende que a linguagem se define, essencialmente, como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informações entre interlocutores reais” (PEZATTI, 2009, p. 169). Isso justifica a priorização das funções da língua em detrimento da forma, uma vez que esta última é explicada e motivada pela função que desempenha em meio ao contexto comunicativo, o que implica a compreensão dos fenômenos linguísticos a partir da funcionalidade da língua em situações interacionais concretas.

Nesse sentido,

[...] os funcionalistas estão interessados em explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Ultrapassam, portanto, o âmbito da estrutura gramatical, e buscam na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 14-15).

Essa afirmação nos permite compreender que, a abordagem funcionalista se mostra promissora para a compreensão de fenômenos linguísticos ligados diretamente ao ensino de Língua /Portuguesa na escola, uma vez que, levar em conta o contexto discursivo dos alunos, suas condições de produção e seus ambientes de uso da língua, são essenciais para fazê-los refletir acerca de tais usos, possibilitando uma tomada de posição e de escolhas que se mostrem eficientes do ponto de vista comunicativo. Além disso, não impõe as regras gramaticais

normativas com supremacia absoluta, pois não é a forma, a estrutura linguística que é destacada, mas a funcionalidade, o uso, as regularidades da língua.

Uma gramática que se diz funcionalista,

[...] não pode ser compreendida ou estudada sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos que governam seu surgimento. As regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 18-19)

Sendo assim, considera a relação entre discurso e gramática, isto é, o que de fato é usado e disseminado pela língua em sua variedade constitucional, bem como acompanha as mudanças linguísticas, as quais seguem as mudanças sociais e as necessidades comunicativas dos falantes/usuários da língua.

Seguindo tais posicionamentos, cabe-nos destacar também, que:

Na teoria funcionalista, a variação linguística é interpretada como um estágio da trajetória de regularização gramatical das formas linguísticas. Estudar a língua sob a perspectiva discursivo-textual permite, assim, que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que ela é a própria língua em uso. (FURTADO da CUNHA & SOUZA, 2007, p. 19).

Em consonância a essa afirmação, entendemos que a variação linguística não pode ficar de fora das propostas de análise dos fenômenos linguísticos, bem como das práticas de ensino e aprendizagem nas aulas de língua materna, pois para se compreender a língua, enquanto sistema comunicativo e social, devemos levar em consideração sua heterogeneidade e sua capacidade de evolução e mudança em virtude das práticas comunicacionais. Nesse sentido, destacamos as palavras de Martelotta (2003, p. 57):

As línguas são sensíveis às nuances culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando, de um lado, variações de natureza individual, social, regional, sexual, entre outras, que convivem em um mesmo momento do tempo, e, de outro lado, mudanças que se manifestam com o passar do tempo.

Em meio a isso, reiteramos a relevância de tratar da língua considerando seus usos possíveis e variáveis, pois para cumprir os interesses dos usuários, a língua pode assumir diferentes formas, as quais tem a propriedade de adaptar-se em decorrência da funcionalidade que pretendem desencadear em prol da interação.

Em linhas gerais, a visão funcionalista pode ser resumida da seguinte forma, segundo as aceções de Givón (1995 *apud* MARTELOTTA & ARES, 2003, p. 28):

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualmente dependente e não atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramática permitem algumas exceções.

Diante dos pontos mencionados acima, podemos afirmar que uma das questões centrais do funcionalismo é a compreensão da língua como algo dinâmico e heterogêneo que se organiza de determinadas formas com vistas a conseguir cumprir os objetivos comunicacionais a que se propõe. Por isso, considerá-la não como um sistema de signos estáticos, mas como um mecanismo vivo que emerge e evolui à medida que as necessidades dos usuários vão sendo delineadas é pensar na relevância do uso linguístico em meio as diversas situações de interação.

2.3 Proposições para um ensino de gramática numa perspectiva funcionalista pautada no uso da língua em sua heterogeneidade constitutiva

É sabido que a linguística, de modo geral, tem um amplo leque de discussões a oferecer no tocante ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, visando ampliar habilidades quanto à produção de gêneros escritos e orais diversos, por meio de um processo de construção reflexiva, crítica e criadora. Sendo assim, a linguística, do ponto de vista funcional, surge como um aparato teórico e metodológico orientador para tratar das questões da língua levando em conta sua funcionalidade diante de atividades sociais concretas de interação.

Na escola, para que o ensino assuma uma direção de abordar a língua como uma estrutura dinâmica e maleável, deixando, ao menos em segundo plano, a abordagem gramatical regularizadora e fragmentária, são necessários alguns passos. Dentre eles, destacamos, de acordo com Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 15-16), dois:

O primeiro passo seria um conhecimento mais amplo por parte do professor sobre a estrutura e o funcionamento da língua [...] O segundo seria o entendimento de que, embora independentes, os aspectos formais, semânticos e discursivos de uma língua devem ser articulados, uma vez que representam diferentes fazes de um mesmo objeto.

Esses passos, do modo como são propostos, contribuiriam para um ensino que abordaria discurso e gramática como elementos que se complementam e não se distanciam como pretende as metodologias tradicionais e prescritivas dos estudos gramaticais.

Em consonância com essas proposições, tomamos por base as ideias de Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 16-17) sobre o ensino de gramática:

Entendemos que o ensino gramatical não pode ser centrado exclusivamente na variedade escrita padrão, que prioriza apenas um subconjunto de fatos, em detrimento das demais variedades. Ao contrário, é preciso expor o aluno a um conhecimento mais diversificado da realidade linguística brasileira, ajustando o ensino de português a essa realidade [...] Cabe à escola desenvolver atividades que, contemplando a variação linguística observada e textos reais, falados e escritos, levem o aluno a perceber a adequação de determinados empregos em determinadas situações, ou seja, a língua em uso.

Por meio dessa afirmação, percebemos que o ensino de gramática na escola, dada a sua importância e necessidade, é eficiente se partir dos usos reais da língua em situações comunicativas diversas. Levar os alunos a terem contato com variedades linguísticas diferentes é estimulá-los a observarem e refletirem acerca da língua de modo vivo, considerando sua dinamicidade, capacidade de adequação e heterogeneidade intrínseca.

Ao considerarmos os usos da língua, ou melhor, o discurso que se dá por meio da interação para tratar as questões gramaticais, concordamos que:

A abordagem funcionalista argumenta a favor de uma linguística baseada no uso, considerando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extra-linguística. Acolhe a hipótese de que a linguagem se adapta às necessidades de comunicação dos seus usuários e as gramáticas refletem essas adaptações (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 34).

Dessa forma, é imprescindível a associação dos aspectos linguísticos e extralinguísticos para poder, de fato, compreender a língua em sua essência e, assim, tratá-la como componente essencial das relações. Desse prisma, a língua se adapta as diferentes situações de interação, dando aos seus usuários condições de atuarem significativamente por meio da linguagem diante dos objetivos estabelecidos e determinados.

Seguindo essas orientações, destacamos mais um dos papéis do professor diante dessa postura funcionalista para lidar com a língua e, conseqüentemente, com a gramática:

[...] atuar como orientador do processo de construção e re-construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experimentarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real. Desse modo, estará criando

oportunidades para a emergência de padrões gramaticais heterogêneos, e para o refinamento das estratégias de manejo desses padrões, com a ampliação da capacidade de adequá-los a situações de usos variados (FURTADO DA CUNHA & TAMARES, 2007, p. 34-35).

Sendo orientador, o professor estará estimulando os discentes a refletirem acerca estimulando os discentes a refletirem acerca da língua de modo consciente, crítico e reflexivo, pois colocará a língua em foco, não como sistema de regras usadas para bem falar e escrever, mas como uma atividade social que se estrutura de múltiplas formas a depender da situação de interação. Com isso, a heterogeneidade adentra as questões gramaticais, contribuindo para a apreensão da língua como um organismo vivo que se transforma, reconfigurando-se para cumprir as funções que lhe são propostas.

Quanto a afirmação de que devemos considerar, para critérios de ensino e de aprendizagem, a língua em seus usos reais e efetivos, é válido apresentarmos a importância do trabalho com textos nas aulas de Língua Portuguesa, de acordo com Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 46):

É o trabalho com textos que levará à análise de certos tópicos gramaticais, os que são necessários para a compreensão e interpretação dos textos em questão e, em decorrência, para a ampliação da competência comunicativa dos alunos, meta principal do ensino de língua portuguesa.

Por meio disso, reiteramos a relevância de partir do trabalho com textos nas aulas de língua materna, tendo condições de subsidiar reflexões mais consistentes a respeito da língua, tanto em termos estruturais, quanto em termos funcionais. Tratar das questões gramaticais enfocando traços sintáticos e/ou morfológicos de modo descontextualizado é deixar de lado a atuação da língua em prol do cumprimento de objetivos comunicacionais que se concretizam através dos textos que circulam na sociedade.

De modo geral, concordamos com Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 48) quando elas apresentam a prioridade do que deve ser abordado pela gramática na escola, a saber:

Enfim, a prioridade, no que diz respeito à abordagem da gramática na escola, é estimulada diariamente os alunos a usarem e abusarem de itens gramaticais em suas diferentes funções, produzindo textos de gêneros variados, orais e escritos, formais e informais, e refletindo sobre o que a utilização de um dado item traz para cada texto em termos de efeitos semântico-pragmáticos e morfossintáticos.

Isso condiz com as propostas lançadas também nos documentos oficiais, como nos PCN, por exemplo. Além disso, estão em consonância com a perspectiva da linguística funcionalista, já que uma de suas características é tomar para análise e discussão dados linguísticos em uso, tendo em vista todo o processamento textual com seus elementos linguísticos e extralinguísticos.

Outro ponto a destacarmos é a necessidade de encararmos a linguagem com suas múltiplas faces e como naturalmente heterogênea, sendo esta a prioridade do ensino de Língua Portuguesa, haja vista que a escola é a instituição oficialmente credenciada como disseminadora do conhecimento, atuando na formação cidadã e preparando os alunos para assumirem criticamente seus papéis sociais. Para tanto,

[...] a perspectiva direcionadora do tratamento escolar da linguagem seria, a princípio, a rejeição de moldes, sejam eles de desempenho, guiado por submissão estrita a normas linguísticas consideradas legitimadas, sejam eles de organização de entidades metalinguísticas, guiadas por submissão estrita a um paradigma e suas exemplificações, o qual, excluindo outras formas, veladamente constitui uma organização modelar, e, portanto, diretiva. (NEVES, 2003, p. 117).

Seguindo tal posicionamento, evidencia-se uma necessidade de mudança de ritual no tocante ao ensino de gramática na escola. Não é certo continuar a estudar gramática sendo esta desvinculada do uso linguístico concreto que permeia os discursos reais, ou seja, decorar um conjunto de regras aleatórias não contribuirá para o desenvolvimento de comunicações eficientes.

De acordo com isso, vale mencionar o que diz Faraco (2008, p. 130) sobre a gramática:

Está mais do que na hora, então, de nós como cidadãos e como professores, exorcizarmos esse famigerado monstro. Olhá-lo de frente e destrinçá-lo sem temor. Superar a cultura do erro e criar condições para um ensino mais eficiente e eficaz da língua portuguesa em nossas escolas.

Dessa forma, a escola deve estar mais voltada para a reflexão da língua efetivamente usada, uma vez que, deve lidar com a realidade linguística dos alunos, destacando a sua heterogeneidade. Com isso, não deve priorizar uma variedade como a única possibilidade de utilização da língua, do contrário, deve lidar com a língua numa perspectiva funcional, isto é, com a língua em uso.

O ensino de Língua Portuguesa tem como objetivo principal desenvolver a competência e a habilidade da leitura e da escrita, possibilitando aos usuários da língua a capacidade de

produzir textos, de modo que possam refletir sobre as estruturas gramaticais, reconhecendo, em detrimento dos contextos interacionais, quais escolhas linguísticas se mostram mais adequadas. Desse modo, é possível perceber um tratamento científico para com o fenômeno da linguagem, o que, de fato, gerencia atitudes ativas com relação ao seu funcionamento (Cf. VIEIRA, 2009).

Ao ensinar a Língua Portuguesa, “a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos” (BRASIL, 1997, p. 15). Nesse sentido, é indispensável o trato com uma variedade de gêneros, tendo em vista a diversidade de situações comunicativas que estão inseridas no meio social.

O trato com a língua deve partir e se fundamentar no uso da linguagem, o que não implica em ensinar uma fala e uma escrita “corretas”, mas sim que sejam adequadas aos contextos reais de comunicação. Em virtude disso, cabe destacar que as práticas de ensino devem partir

[...] do uso possível aos alunos e pretendem provê-los de oportunidades de conquistarem o uso desejável e eficaz. Em que a razão de ser das propostas de leitura e escuta é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio. Em que a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a expressão e a comunicação por meio de textos e não a avaliação da correção do produto. Em que as situações didáticas tem como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente. (BRASIL, 1997, p. 22).

Sendo assim, as variedades dos alunos não podem ser taxadas como simples “erros”, do contrário, devem ser encaradas como manifestações reais da dinamicidade da língua. Com isso, os educandos terão maiores possibilidades de realizarem escolhas condizentes com as situações concretas de interação, pois serão movidos pela própria vivacidade da linguagem no tocante a produção e compreensão de textos situados e funcionais.

De acordo com os pressupostos de uma ciência linguística amparada em princípios sociolinguísticos e funcionalistas,

[...] o tratamento da gramática num espaço escolar há de respeitar a natureza da linguagem, sempre ativada para a produção de sentidos [...] a língua é dinâmica e variável, é um sistema adaptável, sempre em acomodação, de tal modo que só na sua face sociocultural se poderá admitir a existência de moldes e modelos [...] a gramática de uma língua não pode ser oferecida como uma camisa-de-força, primeiramente mapeada para depois ser recheada de exemplos, aqueles que venham a calhar para a doutrina assentada. (NEVES, 2003, p. 85).

Com isso, percebemos que é fundamental tratar a língua em sua variabilidade e funcionalidade, o que não implica que a escola não deva trabalhar com a gramática culta ou padrão nas aulas de Língua Portuguesa, mas que ao trabalhá-la, a coloque dentro de um universo bem mais amplo que é a linguagem em seu todo. De tal modo, deve haver uma contextualização das regras gramaticais, proporcionando uma “repertoriação” adequada aos usuários da língua, que de acordo com as situações comunicativas organizam seus discursos. Em vista disso, Neves (2003) propõe que:

[...] a escola tem de ser garantida como o lugar privilegiado de vivência de língua materna: língua falada e escrita, língua padrão e língua-não-padrão, nunca como pares opostos, ou como atividades em competição; enfim, uma vivência da língua em uso em sua plenitude: falar, ler, escrever. (NEVES, 2003, p. 90).

Com isso, afirmamos que a escola, como instituição mediadora de conhecimentos e saberes, precisa atuar com a variedade, seja ela no campo linguístico, social ou cultural. Quando a escola prioriza uma variedade linguística em detrimento de outras com a justificativa que cabe a ela ensinar a linguagem “correta”, ela se distancia do foco verdadeiro que deve ser dado ao ensino de língua materna, qual seja, lidar com uma língua efetivamente em uso. Assim, para que a escola esteja, de fato, engajada com um ensino de gramática eficaz e funcional, é primordial que ela finque as bases deste na concreticidade da linguagem em suas diversas manifestações.

Nessa linha de raciocínio, concordamos com Neves (2003, p. 85) quando ela argumenta que:

Adquirimos nossa língua (e, portanto, a ‘gramática’ que a organiza) sem nunca termos tido aulas, e essa aquisição refere-se especialmente à capacidade que todo falante tem, jogando com as restrições de sua língua materna, de proceder a escolhas comunicativas adequadas, operando as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de produção. Isso significa dizer que não há discurso sem gramática, mas que também não há gramática sem discurso.

Nesse viés, afirmamos mais uma vez que a escola não pode pautar-se em um único padrão, rígido e autossuficiente em si mesmo, pois ao priorizar um ensino descontextualizado de regras e normas, continua a perpetuar deficiências, que esperamos ver superadas a partir da compreensão da língua como sistema complexo, adaptável, dinâmico, variável, enfim, como um organismo vivo que está em constante evolução, assim como afirma Bagno (2004, p. 117)

“a língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação”.

Com toda a diversidade linguística que adentra o universo escolar a cada dia, é inquestionável a fixação de novas bases para o ensino de língua materna e, conseqüentemente, de gramática. Por isso, em consonância com Vieira e Brandão (2007, p. 9-10), destacamos três princípios fundamentais à gramática didático-pedagógica das aulas de Língua Portuguesa:

[..] (i) o objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver a competência de leitura e produção de textos; (ii) a unidade textual – em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, nos diferentes registros, variedades, modalidades, consoante as possíveis situações sociocomunicativas – deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de Português; e (iii) os elementos de natureza formal – relativos aos diferentes níveis de gramática – são essenciais para a construção do texto.

Diante disso, é evidente a necessidade de pautar o ensino de língua materna em atividades de leitura e de escrita, de modo a possibilitar ao aluno a aproximação com uma variedade de gêneros, o que resultará em práticas concretas e eficientes de linguagem, através do contato com uma pluralidade de possibilidades, isto é, de variedades linguísticas. Sendo assim:

O ensino da língua deveria centrar-se menos em exercícios gramaticais, de ensino de metalinguagem e mais em possibilitar ao aluno o domínio das várias modalidades de uso e da modalidade culta da comunidade de que ele faz parte. A primeira forma de ‘concretizar’ este ‘usar melhor’ é fazê-lo reconhecer a diversidade linguística, os usos linguísticos, para além da unidade, do ideal linguístico. (VIEIRA e BRANDÃO, 2007, p. 28).

Seguindo esse posicionamento, surgiria um ensino mais produtivo e eficiente, já que a fixação de regras e normas tem se mostrado ineficaz, haja vista a necessidade de considerar a língua em uso.

De acordo com Bagno (2004), é pertinente refletir a respeito dos seguintes questionamentos: o que é ensinar português e quais objetivos se pretendem alcançar com a prática de sala de aula? Para tanto, cabe aos professores de Língua Portuguesa ter em vista, de modo claro, que tal ensino deve seguir as mudanças e evoluções linguísticas, pois, ainda segundo Bagno (2004, p. 119):

O ensino da gramática normativa mais estrita, a observação terminológica, a paranoia classificatória, o apego à nomenclatura – nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade culta. Esforçar-se para

que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo, conjunção etc. – nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da língua culta.

Tomando por base a citação acima, entendemos que um ensino que se fecha na normatividade imposta pelos compêndios gramaticais tradicionais, afasta os alunos (usuários da língua) da verdadeira essência da linguagem. Dessa forma, há uma perpetuação de mitos e preconceitos que qualificam o português como difícil, desqualificando as variedades linguísticas que não condizem com o normativamente imposto.

Mais uma vez destacamos que a questão não é deixar de ensinar gramática nas aulas de português. A reflexão é outra: como ensinar uma gramática que leve em conta as variações, isto é, que enfatize a língua efetivamente em uso, a qual se adequa aos diferentes contextos culturais, sociais e comunicativos. Com base em Neves (2003, p. 93), “[...] o tratamento da língua-padrão na escola, ao contrário de implicar uma consideração de que essa modalidade seja algo divorciado do uso linguístico, deve assumir que ela nada mais é que uma das variantes da língua em uso”.

Diante do exposto, cabe à escola levar os alunos a terem contato com variações linguísticas e diferentes modalidades da língua, não de modo a estabelecer oposições injustificadas ligadas ao “certo” e ao “errado”, mas por outro lado, torná-los conscientes e capazes de utilizarem as variações à serviço das necessidades interacionais. Desse modo, estará capacitando os usuários a produzirem “enunciados adequados, eficientes, ‘melhores’, nas diversas situações de discurso, enfim, nas diversas modalidades de uso” (NEVES, 2003, p. 94). Nessa linha de raciocínio, trazemos à baila, as considerações de

Furtado da Cunha &

Costa et. all (2003, p. 29):

Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

Sendo assim, a gramática, tendo em vista sua relevância para a compreensão de fenômenos ligados à Língua Portuguesa, não pode ser abordada, nem tão pouco tomada como a própria língua em si, de modo a entender tudo que se mostra diferente como “erro”, pois são as diferenças que caracterizam verdadeiramente a complexidade da língua, sua criatividade e capacidade de adequação e mudança.

Com essas proposições, passamos, no capítulo seguinte, a evidenciar o fenômeno da concordância verbal em meio ao contexto gramatical. Para isso, nos ancoramos nos princípios funcionalistas que compreendem a língua em uso mediante sua heterogeneidade para mediar as situações de interação. Dessa forma, destacamos noções e conceitos que denotam uma cientificidade necessária para se compreender tal fenômeno, levando em consideração às possibilidades de variação e mudança da língua em decorrência dos contextos a que este sistema altamente dinâmico está atrelado de modo intrínseco.

3 A CONCORDÂNCIA VERBAL: ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO

Apresentamos nesse capítulo, considerações específicas acerca da concordância, mais detalhadamente da concordância verbal, enquanto conteúdo gramatical, uma vez que é pertinente entendê-la do ponto de vista científico, tendo em vista a necessidade de compreender tal fenômeno, bem como de tratá-lo na escola do ponto de vista funcional diante dos contextos concretos ligados a usos reais.

3.1 A concordância verbal numa perspectiva normativa

Tomando por base uma perspectiva tradicional e normativa de língua e de gramática, Bechara (2009, p. 543) diz, genericamente, que a concordância “consiste em adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”, isto é, que a regra geral para que haja concordância nos enunciados e textos é que os elementos que os compõem apresentem harmonia entre si no que diz respeito ao gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e às pessoas do discurso. Nesse sentido, estabelece dois tipos de concordância em Língua Portuguesa, a nominal e a verbal.

A concordância nominal é a que se dá em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo); o artigo, o numeral e o particípio, que são itens conhecidos como determinantes; e o substantivo ou pronome, palavras determinadas a que se referem. Já a concordância verbal (que será evidenciada nesse trabalho) é “a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração” (BECHARA, 2009, p. 543).

A concordância se dá de palavra para palavra, sendo total ou parcial (também nomeada *atrativa*), à medida que se leve em conta a totalidade ou a proximidade das palavras determinadas numa série de períodos coordenados; ou de palavra para sentido (“*ad sensum*” ou *silepse*), pois “a palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que se aplica [...]” (BECHARA, 2009, p. 546). Em ambos os casos existe uma série de regras e particularidades impostas pela gramática normativa (Cf. BECHARA, 2009).

Devido a isso e a outros fatores, Bechara (2009, p. 544) alerta que “é preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”. Ou seja, a partir de uma série de regras e de particularidades implícitas nessa “liberdade” referida por Bechara (2009), são determinadas as escolhas que propiciam a realização da concordância, tendo em vista uma compreensão clara dos textos, o que é posto como algo impositivo que acaba por desconsiderar a real variedade da nossa língua materna.

Ainda seguindo posicionamentos tradicionais e prescritivos, destacamos nas palavras de Vieira (2007, p. 86), o que propõe a abordagem tradicional a respeito desse tema:

Preocupada em estabelecer as normas da ‘arte de falar e de escrever corretamente’, a abordagem tradicional, no caso da concordância verbal, estabelece, para as construções com um só núcleo, a regra geral, que propõe que o verbo deve se conformar ao número e a pessoa do sujeito. Sendo um fato morfossintático, essa relação entre verbo e sujeito se concretiza por meio das desinências verbais de natureza número pessoal. Em casos de sujeito de mais de um núcleo na construção, estabelece, quanto à pessoa, que o verbo vai para a primeira do plural, se houver um sujeito de primeira pessoa; não existindo sujeito de primeira pessoa, vai para a segunda do plural, se houver um de segunda; e para a terceira do plural, se os sujeitos forem de terceira pessoa.

Essa afirmação permite-nos dizer que, em geral, a concordância verbal se dá através de uma relação entre o sujeito e o verbo. Dessa forma, por exemplo, quando temos um sujeito no singular, temos uma flexão verbal também no singular, o que leva em consideração o núcleo do sujeito e as pessoas do discurso. Assim, na concordância de palavra para palavra, devemos estar atentos a algumas regras gerais, tais como: quando há um só sujeito e quando há mais de um sujeito. No primeiro caso, tratando-se de um sujeito simples e estando este no singular, o verbo irá para o singular; no segundo, se o sujeito for composto, o verbo irá para o plural, independentemente de sua posição em relação ao verbo. (Cf. BECHARA, 2009).

Porém, não é possível aplicar essa regra geral a todas as situações comunicativas realizadas concretamente por meio da língua. Por isso, a gramática normativa propõe uma série de particularidades e exceções, como por exemplo o sujeito constituído por pronomes pessoais, a posição do sujeito em relação ao verbo, sujeito ligado por uma série aditiva enfática, sujeito constituído por expressões partitivas, dentre outras.

Na busca por recursos para explicar tantas possibilidades com relação à concordância verbal, é feita, normalmente, a distinção entre concordância gramatical e concordância ideológica. De modo genérico, “a concordância gramatical é aquela que atende às exigências

postuladas na regra geral, enquanto a ideológica (ou silepse ou sínese) envolve as realizações que não se enquadram nas regras básicas propostas pela gramática” (VIEIRA, 2007, p. 86). Isto é, a concordância gramatical segue a harmonia de palavra para palavra com relação a caracteres como gênero, número e pessoa, já a ideológica prioriza o sentido – “torna importante muito mais o sentido do que a regra de concordar o predicado com o número e a pessoa” (PLOENNES & BRASIL, 2014, p. 26).

Mesmo com essa série de particularidades, a gramática normativa não consegue dar conta de todos os usos linguísticos que surgem em meio a contextos específicos, muito menos mostra-se como algo frutífero dentro do ensino de Língua Portuguesa se for visto como algo alheio à funcionalidade da língua, pois mesmo que seja na instância escolar que o aluno deva ter contato com a formalidade da língua que usa, ele não vai conseguir ter um rendimento satisfatório se essas regras forem tratadas por meio de frases descontextualizadas da própria vivacidade da língua.

É válido ressaltar que a não realização da regra de concordância implica em estigmatizações relacionadas à diferenciação social, principalmente, no ambiente escolar. Esse contraste entre os usos linguísticos dos alunos e as políticas de ensino pautadas em gramáticas que pressupõem uma norma única, indica que há uma necessidade crescente de conhecimentos acerca dos usos reais dos falantes, tendo em vista compreender suas escolhas e variedades. (Cf. VIEIRA, 2007).

Nesse sentido, Vieira (2007, p. 87) afirma que:

Tais casos, descritos de forma particularizada nas gramáticas, demonstram, por um lado, a inconsistência do tratamento tradicional que, pouco criteriosamente, privilegia ora aspectos sintáticos ou morfológicos, ora semânticos, e chega a admitir que o verbo concorde com outros termos da oração que não o sujeito. Por outro lado, tais casos denotam a expressiva variabilidade que envolve a concordância verbal, legitimada pelas gramáticas normativas, embora de forma não explícita.

Desse modo, a realização ou não da concordância verbal está relacionada ao contexto social do falante de modo estigmatizante, ou seja, o fato de saber usar adequadamente ou não as regras desse fenômeno, implica em questões ideológicas que vão além de fatores estritamente linguísticos, conforme argumenta Vieira (2007, p. 92), “o fenômeno da (não)-concordância é o caso prototípico de variação que identifica, discrimina, (des)valoriza o usuário da língua em termos sociais”. No tocante a isso, vale salientar que esses usos variados que os falantes fazem da língua, na maioria das vezes, são condenados pela instituição escolar e por outros contextos

formais, haja vista que os contrastes se mostram mais evidentes e em oposição à norma imposta como única e correta.

3.2 A Concordância verbal na perspectiva da língua em uso

Amparados nas perspectivas de Vieira (2007), Furtado da Cunha & Tavares (2007), dentre outros estudiosos que abordam esse assunto, consideramos que o enfoque a ser dado sobre a concordância verbal enquanto conteúdo da Língua Portuguesa, deve ser embasado na compreensão da língua em uso e de suas variedades e/ou possibilidades de atuação, uma vez que as marcas de concordância ou de não concordância são condicionadas também por fatores extralinguísticos, tais como classe social, ambiente cultural, idade, sexo. Diante disso:

[...] o primeiro passo para o estabelecimento de uma metodologia adequada ao ensino da concordância é o conhecimento real dos fatores que presidem à opção do falante pela aplicação ou não da regra, visto que a presença da marca de número na forma verbal não é categórica em nenhuma variedade do português brasileiro. (VIEIRA, 2007, p. 85).

Evidenciamos que o fenômeno da concordância verbal representa um fato variável, que pode ser concretizado ou não pelos usuários da língua em função de fatores linguísticos e extralinguísticos, o que não implica em taxar a não realização da concordância como um erro, mas como uma variedade que pode gerar inadequações, por isso a importância de promover estudos de gramática levando em conta seus princípios científicos, tendo em vista possibilitar reflexões que impliquem em escolhas adequadas às diferentes situações comunicativas. Nesse contexto, “o fenômeno da concordância verbal se reduz a um aspecto do mecanismo geral que filtra frases de significado anômalo” (PERINI, 2010, p. 277), ou seja, os falantes reconhecem frases malformadas rejeitando-as por não estarem de acordo com suas previsões e possibilidades.

Em consonância a isso, destacamos que “diversos estudos tem demonstrado que a concordância verbal é um caso típico de variação inerente no português do Brasil” (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 1007, p. 35). Dessa forma, tratar uma possível falta de concordância como um erro de português é deixar cair por terra uma série de pesquisas que apontam que em determinados contextos e devido a aspectos discursivo-pragmáticos a ausência de marcas de concordância está condicionada à particularidades explicáveis e compreensíveis dentro dos usos possíveis da língua.

Considerar a língua como um sistema dinâmico e variável faz com que determinados textos ou enunciados sejam perfeitamente compreendidos, embora não estejam de acordo com as regras gramaticais tradicionais, principalmente, no contexto falado, o qual por ser mais espontâneo e imediato guarda uma carga menor de formalidade. Já em meio ao ambiente da escrita, vemos que determinadas situações se mostram mais favoráveis ou não à realização da concordância, como nos diz Vieira (2007) a partir de pesquisas realizadas com falantes específicos do Rio de Janeiro. É válido ressaltar ainda que “pesquisas recentes tem verificado que a falta de cumprimento às regras de concordância (e não só a elas) da gramática tradicional parece decorrer do próprio funcionamento da língua e dos processos cognitivos envolvidos no uso que o falante pratica” (PLOENNES & BRASIL, 2014, p. 26), ou seja, antes de ser descrito como erro, devemos pensar nas mudanças e evoluções que próprias da língua, tendo em vista sua constante dinamicidade e criatividade.

Com relação aos elementos condicionadores do fenômeno da concordância verbal, destacamos, por um lado, o grau de escolaridade do indivíduo. Falantes com nível baixo de escolaridade apresentam maiores incidências de inadequações quanto a esse fenômeno, enquanto aqueles com graus mais elevados, isto é, detentores de uma variedade dita culta, tem mais facilidade de aplicar adequadamente os princípios da concordância. Entretanto, isso não se constitui como uma regra, já que pesquisas recentes têm mostrado que a “elite letrada”, em situações de fala, nem sempre realiza a concordância entre o sujeito e o verbo, principalmente, quando este aparece no fim da sentença.

A isso, somamos outros diversos elementos condicionadores, as chamadas variantes linguísticas, utilizadas por Vieira (2007) para controlar a realização ou não da concordância verbal em pesquisa realizada com falantes de doze comunidades do norte fluminense, do sexo masculino, analfabetos ou com pouca escolaridade.

A título de conhecimento das variantes linguísticas que irão amparar as nossas análises, citamos, de acordo com Vieira (2007, p. 88-89):

- a) a posição do sujeito em relação ao verbo;
- b) a distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo;
- c) o paralelismo no nível oracional;
- d) a animacidade do sujeito;
- e) o paralelismo no nível discursivo;
- f) a saliência fônica;
- g) o tempo verbal e o tipo de estrutura morfossintática;
- h) meio social do falante e sua faixa etária.

Essas variantes implicam diretamente na composição da concordância verbal, condicionando escolhas adequadas e/ou inadequadas. Por isso, para que os alunos tenham consciência e saibam refletir cientificamente a respeito dos usos que fazem da língua, mais especificamente desse fenômeno, é necessário levar em consideração nos estudos gramaticais, os princípios variáveis desta, bem como as possibilidades linguísticas que temos em virtude das diferentes situações de comunicação e interação social. Dessa forma,

A concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre [...] dadas as complexidades dos fatores determinantes da concordância e da instabilidade em sua execução em nossa língua. (PLOENNES & BRASIL, 2014, p. 29 *apud* FERNANDES, 2013).

Nesse sentido, as regras prescritas nas gramáticas tradicionais, muitas vezes contraditórias e confusas acabam caindo na abstração, o que dá espaço as regras relacionadas aos usos efetivos da língua.

Além dessas variantes apontadas por Vieira (2007), destacamos de acordo com Furtado da Cunha & Tavares (2007), outras considerações a respeito da ausência de marcas de concordância em determinadas situações. Segundo as referidas autoras, há contextos estruturais e discursivo-pragmáticos que favorecem a não realização da concordância, por exemplo, cita em sintonia com Vieira (2007), os casos dos sujeitos pospostos ao verbo quando assumem a função sintática de objetos diretos. Essa constatação é fruto dos estudos de Costa (1995, 2000) ao verificar índices de realização da flexão verbal com sujeitos explícitos de terceira pessoa do plural e indica que quando o sujeito aparece após o verbo há maiores chances de não concretização da concordância verbal do que quando ele está em sua posição típica, no início da oração.

Outra condição discursivo-pragmática a ser apresentada é o subprincípio da integração. Esse princípio está relacionado aos materiais que tornam distante o sujeito e o verbo, como por exemplo, apostos e outros elementos sintáticos que são colocados nas orações entre o sujeito e o verbo tornando-os distantes sintaticamente um do outro. De acordo com Furtado da Cunha & Tavares (2007, p 36), “a introdução de material de apoio entre o sujeito e o verbo, como o aposto (por exemplo) enfraquece a integração entre sujeito e predicado no plano do conteúdo, o que resulta na não flexão verbal”.

Como podemos ver, essas considerações apontadas por Furtado da Cunha & Tavares (2007) dialogam com os apontamentos de Vieira (2007), tendo em vista a noção da condição

variável que a língua assume em virtude das reais condições contextuais em que se manifesta. Desse modo, é válido acrescentar que:

No ensino da concordância ou da categoria gramatical sujeito, o professor de português pode ampliar seus recursos didáticos se incorporar a perspectiva discursivo-pragmática, levando seus alunos a refletir sobre esses tópicos para além de seus limites puramente formais. Assim, professor e alunos podem discutir as motivações que levam o usuário da língua a realizar ou não a concordância de número entre sujeito e verbo (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 36-37)

Nesse sentido, devemos, enquanto professores, levar os alunos a realizarem pesquisas e, conseqüentemente, refletirem acerca das razões pelas quais as marcas de concordância aparecem ou não em determinados contextos estruturais. Com isso, estaremos promovendo significações mais plausíveis com relação aos estudos linguísticos e gramaticais do que se ficarmos presos a uma “lista de explicações e de exemplos por vezes até distantes do uso real contemporâneo” (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 37).

É interessante observar, então, que as escolhas linguísticas estão relacionadas aos contextos de uso. Isso não implica necessariamente em dizer que as situações informais estão ligadas apenas à fala, pois tanto na fala quanto na escrita verificamos uma série de estratégias linguísticas, discursivas e pragmáticas determinadas pela situação comunicativa e pelas intenções da interação.

Em meio a tais discussões e tomando por base os pressupostos de Vieira (2007), destacamos as seguintes indagações: (i) para que ensinar a concordância verbal? (ii) o que ensinar sobre esse fenômeno linguístico? E (iii) como apresentar a regra variável levando em consideração princípios funcionalistas e variacionais?

Tais questionamentos fazem-nos refletir a respeito do modo como devemos lidar com esse conteúdo gramatical nas nossas aulas de língua materna, já que é possível partir de diversas alternativas, levando em consideração, tanto outros fenômenos gramaticais, como textuais, de modo dinâmico e com fins específicos e determinados.

Seguindo as ideias de Vieira (2007), concordamos que o ensino da concordância verbal nas aulas de língua materna, justifica-se, inicialmente, por oferecer possibilidades aos educandos de desenvolverem um raciocínio científico sobre a sua língua. Mesmo que se trate de um entre muitos conteúdos gramaticais que devem ser trabalhados e ensinados na escola, o ensino desse conteúdo está relacionado a uma série de outros fenômenos, como, a transitividade verbal, questões de regência, dentre outros.

Posteriormente, esse ensino justifica-se por permitir aos alunos o contato com estruturas linguísticas diversas, o que o faz ser plural. Nesse sentido, deve levar em consideração as mais diferentes variedades linguísticas, já que nenhuma pode ser ignorada tendo em vista sua funcionalidade social mediante instâncias apropriadas e, também a variedade dita culta, pois é na escola que o contato com ela é estabelecido.

De modo geral:

[...] a finalidade do ensino da concordância coaduna-se com a argumentação daqueles que defendem o ensino da dita norma-padrão como uma das formas de inserção dos indivíduos nos mais diversos estratos, uma vez que lhe permite conhecer opções linguísticas a que se atribui normalmente prestígio social. (VIEIRA, 2007, p. 93).

Nessa perspectiva, o ensino da concordância verbal possibilita ao discente a capacidade de saber definir suas escolhas em detrimento dos seus objetivos comunicacionais e das situações sociais das quais ele participa. Essas escolhas refletem as várias possibilidades que temos quando fazemos uso da língua, sendo assim, não podem ser simplesmente taxadas como erros a serem corrigidos, mas como um fenômeno que merece ser discutido e refletido para que possa ser utilizado de forma apropriada e consciente.

Diante dessas considerações, Vieira (2007, p. 93) destaca dois objetivos intimamente ligados ao ensino da concordância: “(a) desenvolver o raciocínio lógico-científico sobre a linguagem na esfera dessa estrutura morfossintática específica; e (b) promover o domínio do maior número possível de variantes linguísticas, de forma a tornar o aluno capaz de reconhece-las e /ou produzi-las, caso deseje”.

Com relação ao primeiro objetivo, o primordial é promover reflexões à respeito da língua de modo a possibilitar a compreensão da concordância verbal, para a partir disso, levar os alunos a delimitarem e identificarem os usos que fogem à regra. O que se entende por concordância verbal depende da concepção gramatical assumida, uma vez que as diferentes teorias gramaticais seguem critérios específicos.

Seguindo os posicionamentos de Perini (2001), a concordância tem a meta de atribuir funções sintáticas aos sintagmas nominais no plano oracional, ou seja, é um traço amplamente organizador da estrutura da oração. Em consonância a isso, estão as ideias de Vieira (2007, p. 94) com relação ao que deve ser seguido pelo professor de Língua Portuguesa:

Com graus de adequações à maturidade do público-alvo, o professor de Língua Portuguesa, a partir da aplicação das definições a um conjunto de dados linguísticos, deve promover o conhecimento e a reflexão sobre a

concordância verbal inserida no sistema linguístico concretizado nas diversas situações sociocomunicativas. Levando em conta especialmente o fato de que a concordância verbal é um fenômeno de natureza morfossintática, fazer o aluno compreender seu conceito é, a um só tempo, introduzi-lo no conhecimento da estrutura oracional e apresentar-lhe noções fundamentais da morfologia da língua portuguesa.

Com base nesses pressupostos, o ensino desse fenômeno deve ser encarado em suas características morfossintáticas em relação às situações sociais e comunicativas. Dessa forma, é fundamental fazer os alunos compreenderem seu conceito diante da funcionalidade da língua e não como algo alheio aos processos de comunicação.

Quanto ao segundo objetivo sugerido por Vieira (2007) – promover o domínio do maior número possível de variedades linguísticas -, o ensino da concordância verbal deve partir de textos variados, que apresentem e sejam constituídos a partir de diferentes variantes em decorrência de registros e modalidades linguísticas distintas. Para isso, o professor precisa ter conhecimento de que a língua é variável e de que o fenômeno em questão também é um fato variável que pode estar condicionado a fatores linguísticos e extralinguísticos. Sendo assim, “o que parece imprescindível é que as propostas de ensino da concordância decorram de uma forma realista de encarar a diversidade, traço inerente de qualquer língua, e se baseiam na observação sistemática do comportamento de dados concretos” (VIEIRA, 2007, p. 97).

Levando em consideração a forma como deve ser apresentada a concordância para os alunos, é salutar pensar em despertar neles uma consciência das variantes concordância e não-concordância, de modo a fazê-los atentarem “para a realidade e uso em relação a esse fato linguístico” (VIEIRA, 2007, p. 98).

Encarar o fenômeno tendo em vista a realidade de uso, só é possível se o ensino e reflexão partirem do texto enquanto unidade global de comunicação que gerencia sentidos, uma vez que, desse modo, não tomaremos o fenômeno de modo isolado como se ele não fizesse parte de contextos comunicativos específicos e determinados. Isto é, “partindo do pressuposto de que o texto deverá ser o ponto de partida para a percepção geral do fenômeno, o conceito da concordância verbal e a percepção da regra variável poderão ser desenvolvidas, em termos metodológicos, a partir da unidade textual” (VIEIRA, 2007, p. 98).

Cabe frisar que ao tomarmos o texto como objeto de ensino desse fato morfossintático, não o fazemos como um pretexto para ensinar gramática, haja vista darmos atenção ao texto no seu todo significativo e complexo. Outro ponto que merece atenção é partir da realidade dos alunos, principalmente, observando seus níveis de dificuldade, partindo, inicialmente, de atividades mais simples, para, posteriormente, à medida que os avanços forem sendo percebidos, orientar atividades mais

complexas. Além disso, os objetivos devem ser claros e definidos, para que professor e alunos atuem juntos no processo de ensino e aprendizagem realizando escolhas conscientes de como lidar com o fenômeno da concordância verbal, já que esse assunto pode ser abordado de diferentes enfoques.

De modo geral,

A partir dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa, deve-se promover o raciocínio lógico-científico do aluno, com base em atividades reflexivas, para que ele desenvolva o conhecimento acerca da concordância verbal e esteja consciente da valoração sociolinguística da concordância ou da não-concordância, de modo a fazer opções linguísticas conscientes na produção de textos orais e escritos. (VIEIRA, 2007, p. 101).

Diante do exposto, destacamos a importância de se partir de uma perspectiva que leve em consideração as normas reais observadas perante a funcionalidade da língua nas situações concretas de comunicação e interação, uma vez que os usos linguísticos da concordância verbal, bem como dos demais fatores linguísticos estão condicionados a fatores internos ao sistema da língua e a princípios extralinguísticos, os quais não podem ser desconsiderados.

Com isso, acreditamos possibilitar um ensino pautado nos usos reais, estimulando reflexões científicas que permitam aos educandos o reconhecimento e identificação dos modos adequados e/ou inadequados de utilizar a língua em meio ao contexto no qual estão inseridos. A questão aqui não é corrigir erros, mas gerenciar compreensões e, conseqüentemente, escolhas que sejam favoráveis a realização da comunicação em diferentes situações, com diferentes modalidades e registros.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesse capítulo, traçamos o percurso metodológico que ampara a nossa pesquisa, apresentando a sua contextualização, descrição, bem como as etapas seguidas no desenvolvimento do projeto de letramento sobre a concordância verbal, o *corpora* que levamos em conta para realizar nossas análises e os critérios que seguimos para realizá-la. Com isso, situamos metodologicamente o nosso trabalho, tendo em vista responder os nossos questionamentos e alcançar os nossos objetivos.

4.1 Situando o estudo: o contexto da pesquisa

Levando em consideração os objetivos propostos e os questionamentos que motivaram nossa pesquisa, desenvolvemos investigações e ações a fim de refletir sobre o papel do ensino de gramática na escola, de modo particular, da concordância verbal, tendo em vista princípios funcionais.

Tendo caráter social, esta pesquisa tem como universo de estudos, inicialmente, gêneros textuais¹ escritos de alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual 29 de Março, localizada em Portalegre/RN, a saber: 05 artigos de opinião escritos pelos alunos sobre abuso e violência sexual, produzidos anteriormente ao desenvolvimento do projeto (de um total de 19 textos, coincidentemente, o número de alunos do nível de ensino em questão, 15 apresentam “problemas” na realização da concordância verbal, desse universo, selecionamos, aleatoriamente 05 artigos). Nessa parte, procuramos explicar e sugerir reflexões quanto à não realização da concordância verbal em determinados contextos, uma vez que isso requer considerações, haja vista não poder, simplesmente, ser tratada como erro gramatical. Para promover essas reflexões, partimos das considerações de Vieira (2007) com relação às variantes condicionadoras da não realização da concordância verbal, de Furtado da Cunha & Tavares

¹ Optamos por tratar dos textos nessa pesquisa como gêneros textuais, seguindo os posicionamentos de Marcuschi (2008), uma vez que os consideramos em sua funcionalidade e concreticidade em meio à situações comunicativas e interacionais efetivas.

(2007) que, seguindo uma postura funcionalista, abordam considerações discursivo-pragmáticas com relação à concordância verbal e, ainda, de outros teóricos que tratam do uso da língua em contextos reais. A partir disso, buscamos lançar explicações que possam levar à construção de entendimentos científicos do fenômeno em foco, bem como possam atuar para a superação de inadequações por parte dos alunos, por isso a partir dos artigos em evidência nos motivamos a organizar e a desenvolver um projeto de letramento sobre concordância verbal, o qual será descrito na sequência das análises.

Tendo em vista o diagnóstico realizado por meio dos gêneros textuais escritos pelos alunos, nos motivamos a desenvolver um projeto de letramento sobre a concordância verbal que, partindo de gêneros textuais variados, de variedades linguísticas reais e de situações de escritas determinadas e situadas, possa contribuir para superação de problemas relacionados a realização de concordâncias verbais inadequadas. Dessa forma, em um segundo momento de nossa análise, nos debruçamos sobre a organização e todo o processo de desenvolvimento do projeto já mencionado. Sendo assim, lançamos mão de observações e notas de campo obtidas por meio da aplicação e realização do projeto de letramento sobre concordância verbal, o qual foi desenvolvido no período de julho a outubro de 2014, no 9º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual 29 de Março, localizada à Avenida Hipólito Fialho, 319, Portalegre/RN, por se tratar da nossa instituição de ensino enquanto docente de língua materna, e, mais especificamente, porque em nossa prática pedagógica nos deparamos com inadequações, isto é, com desvios relacionados ao fenômeno da concordância verbal. Além disso, mais uma vez retomando as variáveis sugeridas por Vieira (2007) e outros princípios que tratam da relevância de lidar com a língua em uso, nos detemos a algumas produções dos discentes (05 artigos de opinião escolhidos aleatoriamente em meio a um total de 09) realizadas durante o desenvolvimento do projeto e que tiveram como finalidade comunicativa serem publicados em um *blog* “estudar é arte, aprender faz parte” que foi idealizado e construído pela turma de alunos em trabalho pedagógico.

O desenvolvimento do projeto nos motivou a refletir sobre estratégias que pudessem melhorar o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos educandos, já que com técnicas gramaticais mais voltadas para a prescrição de normas e para a metalinguagem, o ensino de língua portuguesa não surte grandes significados. Com isso, acreditamos poder confirmar nossa hipótese inicial de que o ensino de gramática é relevante na escola, porém numa perspectiva mais funcionalista e variacional que possa sugerir reflexões científicas sobre a dinamicidade da língua portuguesa, uma vez que como vemos nas análises, os gêneros produzidos durante o

desenvolvimento do projeto, mostram-se como uma evolução e superação de problemas encontrados anteriormente.

As análises em questão pretendem discutir sobre o papel do ensino de gramática a partir de considerações funcionalista, que tratam da língua em sua heterogeneidade e de acordo com as situações de comunicação, bem como entender o porquê de determinados contextos serem mais propícios para a não concordância, de modo a compreender como se dá efetivamente esse fenômeno gramatical, e ainda, entender a dinamicidade da língua por meio do ensino de gramática (especificamente, da concordância verbal).

4.2 Descrição da pesquisa

Nossa pesquisa é classificada de cunho social e educacional, sendo nomeada como pesquisa participante, o que se justifica em virtude do desenvolvimento de ações coletivas orientadas em prol da resolução de problemas diagnosticados, bem como dos objetivos propostos. Através da pesquisa participante, nós, enquanto professores-educadores, temos a possibilidade de discutir a relevância do processo de investigação, devido as perspectivas intervencionais das quais participamos na realidade social.

Segundo Demo (2000), essa pesquisa se insere no campo das pesquisas práticas, sendo “ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico” (DEMO, 2000, p. 21). Dessa forma, liga-se à nossa prática pedagógica efetiva, pois realizamos intervenções pedagógicas ligadas à compreensão da concordância verbal, as quais geraram notas de campo observadas e analisadas de modo crítico e interpretativo.

Outro ponto a ser destacado com relação a esse tipo de pesquisa é o enlace dialógico e interacional que deve ser estabelecido entre pesquisador e universo de pesquisa. No nosso caso entre professor e alunos, pois como o próprio nome suscita, esse tipo de pesquisa implica, impreterivelmente, a participação, tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no contexto da pesquisa em seu todo. Além disso, é necessário que o relacionamento entre pesquisador e sujeitos se dê de maneira igualitária e “horizontal”, e não de forma autoritária e “vertical”, já que estes sujeitos não são meros participantes e, sim, peças fundamentais de todo o processo (Cf. DEMO, 2000).

Isso está em consonância com um dos pontos que consideramos importantes no contexto real da sala de aula, o “contrato de confiança”, que segundo Kleiman & Sepulveda (2012),

mostra-se como fundamental no estabelecimento da interação e do envolvimento significativo entre educador e discentes, permitindo um ensino motivador e satisfatório para as partes envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem.

A pesquisa participante gera conhecimentos tanto para os pesquisadores quanto para os pesquisados, haja vista o envolvimento ativo que apresentam, funciona como um processo educativo e, ainda, como um possível processo de mudança (Cf. ROCHA, 2004).

De acordo com Haguete (1987, p. 142): “a ideia de participação envolve a presença ativa dos pesquisadores e de certa população em um projeto comum de investigação que é ao mesmo tempo um processo educativo, produzido dentro da ação”. Nesse contexto, professores e alunos atuaram em conjunto para modificar as práticas do ensino de gramática na escola, optando por uma visão funcional e variacional da língua que pudesse contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno da concordância verbal, suas particularidades e importância em virtude dos objetivos comunicacionais ligados às especificidades da língua portuguesa.

Esta pesquisa desencadeou notas de campo e observações, pois tomamos como objeto de análise todo o desenvolvimento e aplicação do projeto de letramento sobre a concordância verbal. Embora não se caracterize como pesquisa de campo, leva em consideração alguns princípios desta, como a coleta de dados. Assim, utilizamos a técnica da observação e anotações de campo, que são imprescindíveis em qualquer modalidade de pesquisa, principalmente àquelas que lidam com fenômenos/práticas sociais, como é o nosso caso.

Devido ao seu caráter social e educacional, nossa pesquisa está ligada à abordagem qualitativa. Isso justifica-se porque o nosso objeto de estudo está atrelado à organização social própria do contexto da sala de aula e da realidade pedagógica, evidenciando os alunos como sujeitos envolvidos no processo de intervenção em conjunto com o professor-pesquisador, em meio a eventos (aulas) situados e concretos.

A abordagem qualitativa, tomando por base as ideias de Minayo (2008, p. 21), enfatiza que, por tratar de questões particulares,

Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2008, p. 21).

Diante disso, não nos interessa quantificar dados, mas, principalmente, interpretar os dados obtidos através das observações e notas de campo efetuadas no contexto da sala de aula através de todo o desenrolar do projeto, levando em consideração as produções desenvolvidas (antes e durante o desenrolar do projeto), o comportamento dos alunos diante do fenômeno gramatical destacado, com vistas à realização de escolhas condizentes e adequadas, bem como a própria relevância do ensino gramatical na escola.

Com relação ao método, este compreende os modos ou regras a serem seguidas no processo de investigação científica de modo a validá-las, seguindo critérios determinados e estabelecidos:

A ciência utiliza-se de um método que lhe é próprio, o *método científico*, elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais entre os fenômenos (SEVERINO, 2007, p. 102, grifos do autor).

Assim, a definição do método a ser adotado na investigação científica, tem a incumbência de delimitar e traçar os caminhos a serem seguidos, em decorrência da problemática que deu início à pesquisa, bem como das hipóteses que são lançadas como prováveis soluções para o problema.

Nesta pesquisa, nos amparamos no raciocínio dedutivo para justificarmos e argumentarmos em favor da nossa hipótese, qual seja: a relevância do ensino de gramática na escola, possibilitando reflexões sobre a língua em sua funcionalidade e variedade intrínseca.

No raciocínio dedutivo, temos um “procedimento lógico, raciocínio, pelo qual se pode tirar de uma ou de várias proposições (premissas) uma conclusão que delas decorre por força puramente lógica. A conclusão segue-se necessariamente das premissas (SEVERINO, 2007, p. 105). Nessa perspectiva, pretendemos, a partir do ensino da concordância verbal de modo reflexivo e científico, confirmar a hipóteses geral sobre a relevância do ensino de gramática.

Diante do exposto e no intuito de amparar teoricamente nossa pesquisa, nos respaldamos nos pressupostos de Martelotta (2003, 2013); Martelotta & Areas (2003); Faraco (2008); Furtado da Cunha & Tavares (2007) e Franchi (2006) para lançar concepções de gramática destacando a visão funcionalista que toma a língua enquanto sistema dinâmico ligado aos usos linguísticos. Nos debruçamos nas propostas da Linguística Centrada no Uso e na gramática funcional a partir das considerações de Furtado da Cunha (2013); Furtado da Cunha

& Souza (2007); Pezatti (2009), dentre outros. Além disso, compreendemos a língua em sua variedade constitutiva, seguindo os posicionamentos de Neves (2003); Faraco (2008); Vieira & Brandão (2007), bem como em outros teóricos importantes nessa área de estudos. Com relação ao fenômeno da concordância verbal, inicialmente, partimos das considerações normativas de Bechara (2009) e, posteriormente, na funcionalidade linguística de tal fenômeno em Vieira (2007) e Perini (2001). Ainda destacando aportes teóricos, fundamentamo-nos em Oliveira & Tinoco et al (2011) e Kleiman & Sepulveda (2012) para justificarmos a importância da prática pedagógica atrelada a projetos de letramento.

Por meio desses apontamentos, esperamos realizar intervenções e investigações proveitosas com o objetivo principal de confirmar a importância do ensino de gramática na escola, e, nesse sentido colaborar, por meio de reflexões pertinentes, para o ensino de língua portuguesa de modo geral.

4.3 Constituição do *corpora*

Tendo em vista a necessidade de delimitação em nossa pesquisa, o nosso *corpora* de investigações e análises se constitui em duas partes, seguindo critérios específicos e determinados.

4.3.1 Artigos de opinião

Em um primeiro momento, apresentamos as análises realizadas a partir de cinco (05) artigos de opinião produzidos numa situação específica de comunicação – discussões sobre abuso e violência sexual contra os jovens, os quais foram produzidos pelos alunos em um momento anterior ao desenvolvimento do projeto de letramento e que tiveram papel fundamental e motivador para a organização e desenvolvimento do mesmo, uma vez que dos dezenove textos produzidos nesse momento inicial, quinze apresentam desvios quanto à realização da concordância. A seleção de tais gêneros se deu de modo aleatório em meio à totalidade dos dezenove textos produzidos, haja vista estes contemplarem a totalidade da sala de aula (9º ano do ensino fundamental).

Tendo em vista questões de delimitação, bem como dos nossos objetivos, selecionamos amostras dos textos ora mencionados de acordo com as variáveis condicionadoras da não concordância verbal sugeridas por Vieira (2007) e, também, com as sugestões discursivo- pragmáticas de Furtado da Cunha & Tavares (2007) sobre tal fenômeno, levando em

consideração aspectos gerais dos gêneros, sua funcionalidade comunicativa, etc. As amostras têm o intuito de mostrar as incidências da não realização da concordância em determinados contextos, a fim de sugerir reflexões que possam contribuir para a superação de inadequações linguísticas dentro do espaço da sala de aula, bem como, de modo científico, tratar essas ocorrências como inadequações possíveis de serem explicadas e não como simples erros.

Tecemos comentários analíticos ainda, sobre cinco (05) artigos de opinião produzidos durante o desenvolvimento do projeto (de julho a outubro de 2014). Estes últimos passaram por processos de reflexão, correção e reescrita e foram publicados no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte”, o qual foi criado pelos alunos em uma das etapas de realização do projeto. Como no *blog* foram publicados um número maior de artigos, bem como outros gêneros como charges, comentários, fotos e vídeos, a escolha dos mesmos se deu tendo em vista contemplar duas temáticas escolhidas pelos alunos e trabalhadas em sala de aula, *gravidez na adolescência* e *drogas na adolescência*. Essa delimitação advém da maior familiaridade dos alunos pela temática, haja vista terem sido trabalhadas pelo Programa Saúde na Escola – PSE, e, apesar de serem temas recorrentes para os alunos, os mesmos demonstram interesse e necessidade de maiores discussões.

Dessa forma, temos um total de dez (10) artigos de opinião analisados à luz das variáveis sugeridas por Vieira (2007) e das considerações de Furtado da Cunha & Tavares (2007), com a ajuda de outros aportes teóricos advindos de princípios funcionalistas que consideram o papel fundamental de tratar da língua em seus mais diversos contextos de uso, e, posteriormente, seguindo as considerações teóricas levantadas nessa pesquisa, procuramos observar a evolução da compreensão do fenômeno da concordância verbal nas produções dos alunos, como uma implicação promissora do projeto de letramento em destaque. A análise dos dez (10) artigos produzidos em situações diferentes se deu em dois momentos distintos (os artigos que foram publicados anteriormente ao desenvolvimento do projeto constituem o primeiro tópico do capítulo de análises, e aqueles escritos durante o desenvolvimento do projeto são explorados no terceiro tópico, seguindo uma lógica que vai do diagnóstico inicial e motivação para o desenvolvimento do projeto, até as implicações do referido projeto), apresentando considerações com relação à realização ou não da concordância verbal, uma vez que no primeiro momento, os alunos não tiveram acesso às discussões sobre concordância de modo a compreenderem contextos influenciadores ou não, bem como das possibilidades linguísticas desse fenômeno em situações distintas de comunicação; e, no segundo, estavam em contato com o fenômeno da concordância de modo funcional, variacional e científico, por meio do

projeto de letramento em desenvolvimento, o que indica certas implicações desse projeto no tocante ao ensino de gramática.

4.3.2 Projeto de letramento: ensino de gramática e concordância verbal

Dando continuidade à apresentação do nosso *corpora*, analisamos, de modo crítico e interpretativo, toda a aplicação e realização da sequência proposta pelo projeto de letramento sobre concordância verbal, de modo a verificar contribuições de um ensino pautado em usos reais da língua a fim de confirmar sua relevância. Esse projeto foi desenvolvido no 9º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual 29 de Março, localizada no município de Portalegre – RN, e teve como justificativa as observações e diagnósticos realizados na sala de aula em evidência, quanto à recorrência de desvios no tocante à realização ou não da concordância verbal em gêneros escritos (artigos de opinião produzidos em momento anterior ao projeto e que analisados motivaram sua organização e desenvolvimento). O projeto aconteceu no período de julho a outubro de 2014, envolvendo uma série de atividades, conforme vemos a seguir, e, possibilitou, o recolhimento de notas de campo e de produções escritas para direcionar discussões e análises que possam confirmar a necessidade e a importância do ensino de gramática (de modo particular, da concordância verbal) a partir de práticas de leitura e escrita situadas e específicas.

4.4 Projeto de letramento: etapas, ações e metas

A opção de desenvolver um projeto de letramento sobre o ensino de gramática, mais especificamente da concordância verbal, justifica-se, de acordo com Oliveira e Tinoco et. all (2011, p. 12) por estar:

Em oposição à compreensão de escola vista como um espaço fechado preocupado exclusivamente com a homogeneização do indivíduo e das práticas sociais e a cristalização de um conhecimento produzido e distribuído de forma desigual na sociedade, essa opção de educação baseia-se na relação vida/escola, defendendo os princípios de autonomia, liberdade, igualdade e democracia e buscando, sobretudo, processos de mudança e emancipação social.

Dessa forma, pensar em ensinar gramática a partir de um projeto de letramento é assumir como prioridades a real situação da sala de aula e dos educandos, lidar com objetos concretos

de comunicação social respeitando a funcionalidade da língua e sua variedade e, desencadear reflexões sobre a língua que permitam aos alunos a realização de escolhas linguísticas apropriadas e adequadas às diversas situações comunicativas das quais fazem parte de modo efetivo.

Em consonância a isso, está o pensamento de Kleiman e Sepulveda (2012, p. 15) sobre como deve ser o ensino de gramática na escola:

[...] é preciso que o estudo da gramática seja dosado de acordo com as condições reais de aprendizado, de modo que algum resultado seja alcançado. Não adianta encher a lousa de teoria gramatical, fazer uma apresentação de conteúdos, alguns exercícios, e seguir adiante para cumprir metas irrealizáveis.

O ensino de gramática só faz sentido, então, quando lida com a verdadeira dinamicidade da língua, sua funcionalidade e variação. As aulas devem ser interativas, buscando a participação de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, bem como considerando o papel do outro (aluno) na situação comunicativa, pois o diálogo e a interação são os pilares básicos para um trabalho competente com a linguagem e seus princípios.

Diante disso, o diálogo também é fundamental para a prática de projetos de letramento, pois de acordo com Kleiman & Sepulveda (2012, p. 12), “quando a aula se estrutura em forma de diálogo, há parceria, colaboração e negociação, respeito à opinião do outro, no lugar de imposição com base nas relações hierárquicas que existem entre professor e aluno”. Dessa forma, há uma troca de saberes para gerenciar aprendizados significativos e também o estímulo à autonomia, já que o aluno torna-se agente do seu aprendizado e não apenas repositório de informações.

É válido ressaltar ainda que:

A realização de um projeto de letramento envolve a leitura de textos que circulam no mundo social e a produção de textos que serão lidos. Os alunos escrevem aquilo que for relevante para a realização do projeto. Trabalhar com projetos acarreta uma ressignificação conceitual importante para o aluno que passa a entender que ler e escrever não são práticas circunscritas à esfera escolar. (KLEIMAN, 2012 *apud* KLEIMAN & SEPULVEDA, 2012, p. 22).

Com isso, percebemos que a realização de projetos está atrelada à sociedade, uma vez que constitui práticas de linguagens e como tal não pode estar desvinculado do social. Além disso, tem finalidades específicas e não fecha-se na sala de aula como critério de avaliação para o professor.

Ao escolher partir de gêneros escritos específicos estamos levando em consideração as possibilidades sugeridas por Vieira (2007) de encarar como positivas as variedades linguísticas presentes em diferentes situações comunicativas. Além disso, estamos priorizando usos linguísticos concretos e trabalhando com o todo textual e não com frases soltas e desconexas.

Apesar de estarmos deixando de lado pontos de interrogação que poderiam ser desenvolvidos a partir do estudo da concordância verbal, acreditamos que nossa proposta é pertinente por tratar o texto não como pretexto para a apreensão de regras gramaticais, mas como uma prática comunicativa concreta que assume formas diferentes em virtude das intenções comunicativas desencadeadas pela interação (Cf. NEVES, 2012).

No que diz respeito aos gêneros escolhidos para o desenvolvimento das atividades, buscamos priorizar gêneros textuais diversos, com graus de complexidade moderados para facilitar a compreensão dos alunos, uma vez que no ensino, de acordo com Vieira (2007), devemos partir de textos simples, em estrutura e funcionalidade comunicativa, para, posteriormente, possibilitar a compreensão de textos com estruturas e estilos mais complexos. Essa escolha não ignora a possibilidade de outros gêneros, pois estamos cientes da sua ampla variedade, tendo em vista as diferentes práticas sociais.

Quanto a proposta de produzir gêneros com sequências predominantemente argumentativas (artigos de opinião, especificamente), estamos em consonância com o que se espera das habilidades e competência a serem desenvolvidas no 9º ano do ensino fundamental quanto ao ensino de língua materna, pois tal tipologia deve ser priorizada, já que ao final do ensino fundamental, é esperado que o aluno saiba argumentar e defender opiniões (Cf. PCN, 1997). Com isso, não estamos desprezando outras sequências textuais, até mesmo porque com a variedade de gêneros trabalhados em sala de aula, percebemos que os textos argumentativos também dispõem composições outras, tais como, narrações e descrições.

Para a publicação e circulação dos textos, haja vista que uma das finalidades dos projetos de letramento é pensar na escrita enquanto prática social e não como algo que se encerra nas mãos do professor no contexto da sala de aula (OLIVEIRA & TINOCO et. all, 2012), juntamente com os educandos, optamos pelo *blog* enquanto meio de divulgação dos gêneros, isto é, como um ambiente de ensino e aprendizagem, por ser considerada uma ferramenta hipertextual promissora no que diz respeito à interação entre alunos e professores, bem como por ser algo inovador e condizente com as realidades dos alunos, que estão, cada vez mais, inseridos nesse universo das tecnologias e da *internet* (Cf. SENRA & BATISTA, 2011).

Com relação à compreensão do *blog* como uma ferramenta pedagógica, cabe-nos fazer algumas considerações. Essa ferramenta não será tomada como um ponto fundamental em

nossas análises, o enfoque recai apenas como um ambiente promissor para levar os trabalhos dos alunos a circularem além do contexto escolar, uma vez que assim eles estarão imersos em práticas sociais definidas e concretas, a partir das quais poderão dar funcionalidades reais às suas produções. Além disso, possibilitar o contato dos discentes com os multiletramentos das novas tecnologias é, cada vez mais, uma necessidade da escola.

Nesse sentido, destacamos o papel do *blog* como ferramenta hipertextual promissora no tocante a mediar atividades relacionadas ao ensino de língua materna, mais especificamente de gramática, associando a leitura e a escrita ao letramento digital, como também aos multiletramentos. Tais atividades são pautadas em objetivos comunicacionais concretos, sendo assim, não são consideradas apenas como critérios de avaliação para o professor, mas, principalmente, como uma prática social.

Devido às suas características comunicativas e interacionais ligadas às práticas sociais de leitura e de escrita, o *blog* mostra-se como um espaço de aprendizado rico, isto é, constitui-se como um recurso educacional importante, que além de tornar-se interessante e motivador para os educandos, possibilita o desenvolvimento da argumentação, da leitura, da escrita, das normas gramaticais e dos aspectos comunicacionais como um todo, levando o aluno a estudar a língua portuguesa, de uma maneira mais dinâmica e prática, assim como afirmam Senra e Batista (2011).

Apesar de tantas constatações quanto à contribuição do *blog* nos processos de ensino-aprendizagem relacionados às práticas de linguagens, essa ferramenta não foi, inicialmente, pensada do ponto de vista pedagógico. Porém, está sendo bastante utilizado no âmbito educacional. Com o uso dos *blogs*, bem como de outros ambientes virtuais, a escola possibilita uma interação mais acentuada e colaborativa entre professores e alunos, de modo a cumprir sua função social comunicativa na construção de conhecimentos e saberes (Cf. SENRA & BATISTA, 2011).

De acordo com os autores supracitados,

[...] essa ferramenta pode constituir-se num recurso de apoio à aprendizagem por ser um espaço de criação coletiva, que aproxima professores e alunos, sem contar que, com o uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), a escola cumpre o seu papel de preparar o aluno para os desafios impostos pela sociedade, não na intenção da continuidade, mas da transformação da realidade que ora se apresenta (SENRA & BATISTA, 2011, p. 5-6).

Desse modo, o *blog* encontra-se de acordo com as finalidades propostas para o trabalho com projetos e com isso justificamos sua escolha enquanto um ambiente de circulação e

divulgação das práticas de escrita dos alunos, destacando que ele não será analisado, pois o nosso foco de investigação principal nessa pesquisa é o papel do ensino de gramática na escola numa perspectiva funcionalista pautada no uso da língua em situações reais.

Diante das considerações lançadas sobre projeto de letramento e sobre o meio que usamos para fazer circular as produções dos discentes, destacamos as seguintes ações e metas com as quais estruturamos e organizamos o desenvolvimento e aplicação das atividades propostas diante do projeto de letramento sobre concordância verbal.

1º Momento (5 h/a)

- Tomando como ponto de partida e como material didático as produções dos alunos (artigos de opinião sobre violência e abuso sexual, produzidos anteriormente ao processo de intervenção), dividimos, inicialmente, a sala em pequenos grupos, e usando cópias dos gêneros que eles haviam produzido, pedimos que cada grupo faça uma avaliação de suas produções e/ou das produções dos seus colegas (a medida que fomos distribuindo aleatoriamente os gêneros é provável que alguns alunos se deparem com suas próprias produções, porém, por se tratar de uma atividade colaborativa, haverá espaço para a troca de opiniões e de discussões). Essa avaliação seguiu critérios estabelecidos pelo professor pesquisador juntamente com a turma em um processo colaborativo de mediação, partindo de indagações que contemplaram aspectos de significado, sentido, organização, nível de formalidade do gênero, questões gramaticais, dentre outros.
- Na sequência, pedimos que os docentes apontassem, oralmente, suas considerações e, à medida que isso foi acontecendo, intervimos, com a ajuda de um projetor de multimídia, expondo trechos das produções dos alunos, de modo que, colaborativamente, eles pudessem apontar possíveis inadequações linguísticas e/ou de sentidos, que levaram à discussões iniciais sobre a concordância verbal, destacando a língua em uso e sua variedade eminente.
- Realizadas as etapas anteriores, propomos, grupalmente, o processo de refação e ou reescritura dos textos, possibilitando a interação entre os alunos, por meio de discussões quanto às escolhas textuais e linguísticas que utilizaram para compor suas produções, levando em consideração as especificidades do gênero (artigo de opinião), seus níveis de formalidade, etc.
- Como uma forma de divulgar as atividades dos discentes, fazendo com que elas não sejam apenas objetos de avaliação para o professor, propomos, em sala de aula, uma espécie de roda de leitura, em que, oralmente, os alunos pudessem expor seus textos, fazer comentários

com relação aos textos dos colegas, enfim, interagir, compartilhando conhecimentos, aprendizados e pontos de vistas.

2º Momento (5 h/a):

- A partir dos textos apresentados a seguir, pretendemos fazer os alunos identificarem e construir os possíveis sentidos, verificando a presença de variedades linguísticas, bem como as particularidades das situações comunicativas. O uso gêneros variados é o nosso ponto de partida, por se tratar de um contexto comunicativo estruturado, propício para o entendimento da concordância verbal, bem como de outros fenômenos linguísticos, assim como propõe Vieira (2007).
- Realizar a construção de sentidos em cada texto, observando sua estrutura, sua funcionalidade comunicativa e o contexto situacional, assim como também observar as variedades linguísticas em virtude das especificidades de cada gênero, por meio de um diálogo com a turma, motivando os alunos a compreenderem os diferentes usos linguísticos do fenômeno da concordância verbal, também foi nossa intenção.
- A partir dos passos anteriores, contribuimos, de modo dialogal, para que os alunos pudessem construir o conceito da concordância verbal de modo reflexivo e científico, levando em consideração a funcionalidade da língua e seus usos reais, de modo a reconhecer quando há a concordância nos textos, ou quando não há, se isso afeta o seu sentido, dentre outros pontos que foram levantados. De acordo com Vieira (2007), estamos com isso, lidando com dados linguísticos concretos e variáveis que estimulam uma reflexão sobre a língua em uso.

Gênero 1 – História em Quadrinhos:



Fonte: <http://desordempublica.com.br/2012/04/16/o-discurso-do-chico-bento/>

Gênero 2 – Tirinha:



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7452

Fonte: <http://www.clednews.com/2011/10/atividades-escolares-2-ensino-medio.html> frase

Gênero 3 – Letra de Música:

Letra da Canção “Inútil” (grupo Ultraje a rigor)

A gente não sabemos escolher presidente
 A gente não sabemos tomar conta da gente
 A gente não sabemos nem escovar os
 dente Tem gringo pensando que nós é
 indigente

(Refrão)

Inútil
 A gente somos inútil
 Inútil
 A gente somos inútil
 Inútil
 A gente somos inútil
 Inútil
 A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar
 A gente faz trilho e não tem trem prá botar
 A gente faz filho e não consegue criar
 A gente pede grana e não consegue pagar
 (Refrão)

A gente faz música e não consegue gravar
 A gente escreve livro e não consegue publicar
 A gente escreve peça e não consegue encenar
 A gente joga bola e não consegue ganhar

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/ultraje-a-rigor/inutil.htm>.

Gênero 4 – Crônica:

Crônica: O mais belo futebol da Terra (Nelson Rodrigues)

"Chamo os nossos jogadores de paus de arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau de arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados."

Em 58, na véspera de Brasil x Rússia, entrei na redação. Tiro o paletó, arregajo as mangas e pergunto a um companheiro: — “Quem ganha amanhã?” Vira-se para mim,

mascando um pau de fósforo. Responde: — “Ganha a Rússia, porque o brasileiro não tem caráter.”

Eis a opinião dos brasileiros sobre os outros brasileiros: — não temos caráter. Se ele fosse mais compassivo, diria: — “O brasileiro é um mau-caráter.” Vocês entenderam? O mau-caráter tem caráter, mau embora, mas tem. Ao passo que, segundo meu colega, o brasileiro não tem nenhum. Pois bem. No dia seguinte há o jogo e, no seu primeiro lance, Garrincha sai driblando russos e quase entra com bola e tudo.

Vejam: — diante do Brasil, a Rússia perdeu antes da luta. Bastou um momento de Mané para liquidá-la. Mas o que ainda me espanta é a frase do companheiro: — “O brasileiro não tem caráter.” Essa falta de autoestima tem sido a vergonha, sim, tem sido a desventura de todo um povo. Ganhamos em 58, ganhamos em 62. Depois da Suécia e do Chile, seria normal que retocássemos um pouco a nossa imagem. Mas há os recalcitrantes. Outro dia, um colega puxou-me para um canto. Olha para os lados e cochicha: — “Não somos os melhores.” E repetiu, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Não somos os melhores.” E por todas as esquinas e por todos os botecos há patricios vendendo impotência e frustração.

Quando o escrete partiu [para o México] levando vaias jamais cicatrizadas, vários jornais fizeram uma sinistra impostura. A seleção ia para a guerra. Uma Copa é uma guerra de foice no escuro. Mas parte da nossa imprensa pôs a boca no mundo: — “Humildade, humildade!” Eu pergunto: — o que é o brasileiro? O que tem sido o brasileiro desde Pero Vaz de Caminha? Vamos confessar a límpida, exata, singela verdade histórica: — o brasileiro é um pau de arara. Vamos imaginar esse pau de arara na beira da estrada. Que faz ele? Lambe uma rapadura. E além de lambe a rapadura? Raspa, com infinito deleite, a sua sarna bíblica.

E súbito encosta uma Mercedes branca, diáfana, nupcial. O cronista esportivo, que a dirige, incita o pau de arara: — “Seja humilde, rapaz, seja humilde!” Vocês percebem a monstruosidade? Não basta ao miserável a sarna, nem a rapadura. Ainda lhe acrescentam a humildade. Certos rapazes da imprensa não perceberam que a humildade é defeito de reis, príncipes, duques, rainhas. Há pouco tempo, o papa assim se despediu de uma senhora brasileira: — “Reze por mim”, implorou Sua Santidade. Podia fazê-lo porque era a maior figura da Igreja.

Outro exemplo: — a mulher bonita. Conheci uma que era linda, linda. Quase uma Ava Gardner ou mais do que a Ava Gardner. Quando o marido entrava, ela se lançava não aos seus braços, mas aos seus pés. E fazia apenas isto: — beijava um sapato do marido e, depois, o outro sapato. Também podia fazer isso porque era maravilhosa. Por onde passava ia ateando paixões e suicídios. A humildade era a sua vaidade de mulher bonita.

Passo da mulher fatal ao escrete. Um escrete é feito pelo povo. E como o povo o fez? Com vaias. Nunca houve na Terra uma seleção tão humilhada e tão ofendida. E, além disso, os autores das vaias ainda pediam humildade. O justo, o correto, o eficaz é que assim incentivássemos a seleção de paus de arara: — “Tudo, menos humildade! Seja arrogante! Erga a cabeça! Suba pelas paredes! Ponha lantejoulas na camisa!”

Chamo os nossos jogadores de paus de arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau de arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados.

Estou dizendo tudo isso na véspera, exatamente na véspera, de Brasil x Itália. É a finalíssima. Vejam vocês: — o escrete negado não três vezes, mas mil vezes foi vencendo os seus adversários, um por um, não deixando pedra sobre pedra. Diziam que os europeus não deixam jogar. Pois bem: — quando se trata do Brasil, todo mundo o deixa jogar

Fonte: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/cronicas-de-nelson-rodrigues-o-mais-belo-futebol-da-terra>

3º Momento (5 h/a):

- Após a construção do conceito da concordância verbal, levamos mais dois gêneros textuais para o trabalho em sala para que os alunos identificassem usos adequados ou inadequados desse fenômeno tendo em vista os níveis de formalidade dos textos, os veículos de comunicação em que eles circulam e o público para o qual se destinam.
- Com base na construção dos sentidos dos gêneros, e procurando compreender suas variedades e níveis de linguagem quanto a formalidade ou informalidade, conduzimos os alunos a identificar as inadequações ou adequações da concordância verbal em decorrência da funcionalidade dos textos e das suas intenções comunicativas

Gênero 5 – Letras de Música:

Letra da Canção: Nós vamos invadir sua praia (Ultraje a rigor)

Daqui do morro dá pra ver tão legal
 O que acontece aí no seu litoral
 Nós gostamos de tudo, nós queremos é mais
 Do alto da cidade até a beira do cais
 Mais do que um bom bronzeado
 Nós queremos estar do seu lado

Nós 'tamo' entrando sem óleo nem creme
 Precisando a gente se espreme
 Trazendo a farofa e a galinha
 Levando também a vitrolinha
 Separa um lugar nessa areia
 Nós vamos chacoalhar a sua aldeia

Mistura sua laia
 Ou fuge da raia
 Sai da tocaia
 Pula na baia
 Agora nós vamos invadir sua praia

Agora se você vai se incomodar
 Então é melhor se mudar
 Não adianta nem nos desprezar
 Se a gente acostumar a gente vai ficar
 A gente tá querendo variar
 E a sua praia vem bem a calhar

Não precisa ficar nervoso
 Pode ser que você ache gostoso
 Ficar em companhia tão saudável
 Pode até lhe ser bastante recomendável
 A gente pode te cutucar
 Não tenha medo, não vai machucar

Mistura sua laia
 Ou fuge da raia
 Sai da tocaia
 Pula na baia
 Agora nós vamos invadir sua praia

Mistura sua laia
 Ou fuge da raia
 Sai da tocaia
 Pula na baia
 Agora nós vamos invadir sua praia

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/ultraje-a-rigor/inutil.html#ixzz36yhPblp>

Gênero 6 – Editorial:

Editorial: “A copa como ela é”, disponível no jornal *online A Folha de São Paulo*, através do link <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/04/1437881-editorial-a-copa-como-ela-e.shtml> (todos os textos da Folha estão protegidos por direitos autorais e não podem ser reproduzidos)

4º Momento (5 h/a):

- Em conjunto com a turma, escolhemos temáticas atuais para a produção de textos argumentativos (artigos de opinião), os quais foram divulgados em um *blog* que foi criado juntamente com os alunos (frisamos mais uma vez que o *blog* não é nosso objeto de estudo,

apenas o suporte no qual os alunos divulgaram suas produções, para que o processo de leitura e escrita não fosse entendido apenas como uma pretensão textual para ser avaliada pelo professor, assim como sugere Kleiman, 2012).

- Criamos juntamente com os alunos o *blog* da turma, no qual foram divulgados, inicialmente, os gêneros produzidos. Posteriormente, demos continuidade ao projeto utilizando o *blog* como espaço pedagógico de ensino e aprendizagem, conforme sugerem Senra & Batista (2011)².
- Após a escolha da temática, orientamos os alunos para a produção de textos argumentativos³ com uma finalidade específica – ser veiculado no *blog*. Com essa finalidade, os alunos deviam ter consciência das escolhas linguísticas que fariam, uma vez que a publicação em *blogs* exige o domínio da formalidade da variedade escrita da língua nesse contexto (Cf. SENRA & BATISTA, 2011).
- Os alunos irão produzir para uma comissão⁴ de alunos da própria turma avaliar, com isso delegamos funções e permitimos que eles consigam, de modo autônomo, identificar inadequações quanto ao fenômeno estudado e realizar escolhas conscientes e adequadas.
- Por meio dos artigos de opinião produzidos, pretendemos que os alunos sejam capazes de se auto avaliarem quanto ao conceito e usos da concordância verbal com gêneros variados e em situações comunicativas e interacionais específicas.

Lidando mais especificamente com o ensino da concordância verbal, esse projeto nos forneceu elementos pertinentes para a análise, haja vista o recolhimento de notas de campo e de observações, além disso, acreditamos obter resultados exitosos no que diz respeito a possibilitar uma reflexão sobre a língua evidenciando sua funcionalidade e variedade constitutiva.

4.5 Critérios de análises

Nossa análise se divide em partes, na primeira, tendo em vista realizar uma análise dos artigos de opinião, levando em consideração contextos específicos que influenciam a não realização da concordância no intuito de superar inadequações, selecionamos 05 artigos

²A cada semana, um grupo era sorteado para gerenciar o *blog*, ficando responsável por avaliar as produções, escolher informações importantes para a turma e para a escola a serem divulgadas, enfim pela sua atualização.

³A escolha por esse tipo de texto justifica-se pelas especificidades do suporte *blog*, que assim como sugerem Senra e Batista (2011) é um local de divulgação de opiniões, pontos de vistas e informações.

⁴Essa comissão foi escolhida através de um sorteio, e teve a incumbência de avaliar a qualidade dos textos e, em seguida, postar as produções no *blog*.

produzidos em um momento anterior ao desenvolvimento do projeto, que muito motivaram sua organização e desenvolvimento. Esses artigos foram analisados considerando as variáveis sugeridas por Vieira (2007), os apontamentos de Furtado da Cunha & Tavares (2007), bem como contribuições de outros teóricos ancorados em princípios funcionalistas que põem em evidência as variedades da língua em uso. Como forma de explicitação de alguns princípios que levamos em conta em nossas análises, apresentamos no quadro a seguir as variáveis propostas por Vieira, (1995 *apud* 2007, p. 88-89) que funcionam hipoteticamente como elementos condicionadores da não concordância verbal.

Quadro 1: Variáveis linguísticas condicionadoras da não-concordância e contexto morfossintático

Variáveis linguísticas condicionadoras da não-concordância verbal	Contexto morfossintático
Posição do sujeito em relação ao verbo	Sujeitos pospostos favoreciam a não concordância;
Distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo	Quanto maior a distância entre esses dois constituintes, maior seria o cancelamento da regra de concordância verbal;
Paralelismo no nível oracional	O menor número de marcas explícitas de plural no sujeito levaria à ausência de marcas de plural no verbo;
A animacidade do sujeito	Sujeitos de referência animada (seres vivos), que funcionam em geral como agentes da oração, favoreciam a realização da marca de plural no verbo, enquanto os elementos de natureza inanimada não a favoreciam;
Paralelismo no nível discursivo	No caso de verbos em série discursiva, a ausência da marca de plural em um verbo levaria à ausência da marca de plural no verbo seguinte;
Saliência fônica (além da relação entre a tonicidade e o número de sílabas das formas singular e plural)	No que se refere à diferença material fônica entre as formas singular e plural, as formas verbais mais perceptíveis, mais salientes (como, por exemplo, <i>cantou/cantaram</i> ou <i>é/são</i>), seriam mais marcadas no plural do que as menos perceptíveis, menos salientes (como <i>come/comem</i>);

Tempo verbal e tipo de estrutura morfosintática	Os índices de concordância poderiam ser diferenciados a depender do tempo verbal e da construção sintática.
---	---

Adaptado de Vieira (2007, p. 88-89)

Para dar conta da sequência das análises, nos debruçamos, de modo crítico e interpretativo, sobre as observações e notas de campo recolhidas por meio do desenvolvimento do projeto de letramento sobre concordância verbal. No intuito de não cair em meras descrições, levamos em consideração os pressupostos teóricos utilizados para respaldar a pesquisa, bem como a própria metodologia da mesma.

E, finalizando, lançamos apontamos a partir dos textos produzidos durante o desenvolvimento do projeto (05 artigos de opinião que foram publicados no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte”), como forma de tratar das implicações do projeto para o ensino de gramática, mais especificamente da concordância verbal.

Por meio de tais critérios nos debruçamos sobre nosso *corpora*, no intuito de alcançar nossos objetivos, responder nossas questionamentos e poder confirmar nossa hipótese inicial quanto à relevância do ensino de gramática na escola.

5 ENSINO DE GRAMÁTICA E CONCORDÂNCIA VERBAL EM ARTIGOS DE OPINIÃO: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA COM PROJETOS DE LETRAMENTO

Tendo em vista os aportes teóricos enfocados e os aspectos metodológicos seguidos, nesse capítulo apresentamos a análise dos dados coletados durante o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, nos detemos, inicialmente, aos gêneros textuais produzidos pelos alunos em uma situação específica de comunicação anterior ao desenvolvimento de um projeto de letramento sobre concordância verbal (05 artigos de opinião sobre o tema “violência e abuso sexual contra os jovens”), os quais foram um dos principais pontos de partida para repensarmos o ensino de gramática na escola e que deram motivação para o desenvolvimento do projeto de intervenção. Para sugerir reflexões sobre inadequações quanto à concordância verbal em tais gêneros, nos embasamos nas variáveis de Vieira (2007), nas considerações de Furtado da Cunha & Tavares (2007) e de outros teóricos, uma vez que nosso interesse, nesse ponto, é levantar explicações para a não realização da concordância, tendo em vista contextos específicos, além disso, seguimos as contribuições do funcionalismo linguísticos, haja vista a importância de lidar com a língua em uso.

Na sequência, debruçamo-nos criticamente na organização, desenvolvimento e aplicação do projeto de letramento sobre concordância verbal, o qual foi motivado, principalmente, pelas constantes incidências quanto a não realização da concordância em gêneros textuais escritos, com vistas a descrever as implicações desse projeto para o ensino de gramática, bem como a compreensão de fenômenos gramaticais de modo colaborativo, participativo e funcional, buscando entender qual é o papel do ensino de gramática na escola.

Dando continuidade, lançamos ainda, olhares sobre gêneros textuais produzidos pelos alunos durante o desenvolvimento do projeto de intervenção – projeto de letramento (05 artigos de opinião sobre duas temáticas distintas que foram produzidos com a finalidade de serem publicados no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte”, criado e gerenciado pela turma de alunos em questão – 9º ano). Com isso, queremos enfatizar o papel do ensino de gramática, como um conjunto processual de ações, que por meio de discussões e orientações pautadas na cientificidade da língua pode corroborar em implicações positivas e coerentes.

5.1 A não realização da concordância verbal, enquanto fenômeno gramatical, em artigos de opinião: explicações pontuais em contextos específicos

Sendo recorrente a prática de produções textuais escritas nas aulas de língua materna, há sempre preocupações com relação à formalidade desse sistema. Dessa forma, é comum vivenciarmos um ensino de língua portuguesa que, preponderantemente, valoriza a prescrição de normas e regras gramaticais. Porém, é notório que um ensino gramatical prescritivo e impositivo não está rendendo bons frutos, uma vez que sem explicações científicas e sem compreensões significativas, os alunos não conseguem aplicar as regras impostas, nem muito menos entender o porquê de seus usos e de suas exigências.

Partindo de gêneros textuais escritos de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola específica, anteriormente apresentada e contextualizada, observamos significativas recorrências quanto as inadequações de fenômenos linguísticos, mas por critérios de delimitação, destacamos a não realização da concordância verbal, pois na maioria das produções observadas, percebemos que esse fenômeno é o mais evidente.

Partindo dessas observações, vem à tona algumas questões que motivaram essa pesquisa. Dessa forma, inicialmente, temos o intuito de explicar que essas inadequações não acontecem por acaso, o que precisa ser discutido e refletido na sala de aula, de modo a suscitar nos alunos a compreensão do fenômeno e não apenas ditar o que deve ou não ser feito, uma vez que ditar e prescrever regras não garante a eficiência das escolhas linguísticas, nem muito menos a autonomia para escolhê-las, que é o que de fato deve acontecer tendo em vista um ensino significativo e coerente.

Sendo perceptíveis essas constantes escolhas inadequadas quanto à realização da concordância verbal e tendo em vista as várias possibilidades linguísticas que estão à disposição dos usuários da língua, passamos agora a apresentar as análises dos gêneros textuais, mais especificamente, de cinco (05) artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano do ensino fundamental, da escola anteriormente mencionada, em uma situação de comunicação específica anterior ao desenvolvimento do projeto de letramento, detalhado criticamente no tópico seguinte.

No trabalho rotineiro de orientação de produções escritas, bem como da avaliação de tais produções, percebemos sérias recorrências de inadequações quanto à concordância verbal. Em uma situação de produção específica, foram recolhidos um total de dezenove (19) gêneros textuais (artigos de opinião), o que representa a totalidade dos alunos do nível de ensino em evidência, mas por critérios de delimitação em nossa pesquisa, nos detemos a cinco (05) artigos.

Esses artigos foram escolhidos e selecionados aleatoriamente, levando em consideração as especificidades de determinados contextos linguísticos que contribuem para a não realização de marcas de concordância. Para isso, nos embasamos nas discussões funcionalistas apontadas nos capítulos teóricos para compreender princípios gramaticais relacionados ao uso e à variedade da língua.

É válido mencionar que destacamos amostras dos gêneros em análise (os artigos de opinião produzidos pelos alunos encontram-se, na íntegra, expostos em anexo) para sugerir reflexões conforme propostas pelas variantes de Vieira (2007), bem como dos apontamentos de Furtado da Cunha & Tavares (2007), uma vez que os artigos de opinião, de modo geral, apesar de apresentarem marcas explícitas de não-concordância, mostram-se, em sua maioria, condizentes com a temática trabalhada (violência e abuso sexual contra os jovens), bem como constituem um todo significativo e possível de serem compreendidos em decorrência das exigências do gênero.

Dentre as variáveis levantadas por Vieira (2007)⁵, apenas uma não se mostra presente na totalidade dos artigos de opinião em destaque, a animacidade do sujeito, pois nenhum deles apresenta construções sintáticas e oracionais em que o sujeito não seja um ser vivo. As demais variedades mostram-se explicitadas nos artigos em diferentes proporções, ganhando relevo a variável referente à distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo, e a estrutura morfossintática dos enunciados, haja vista, como vemos conforme as amostras expostas nas análises, aparecerem com mais frequência.

Antes de passarmos para a exposição de amostras retirados dos gêneros textuais em análise como forma de explicitar as ocorrências das variáveis condicionadoras da não-concordância verbal, cabe-nos tecer breves comentários sobre os artigos de opinião selecionados, tendo em vista a globalidade dos textos como significativos.

Em sua maioria, os artigos selecionados mostram-se coerentes com a temática em evidência – violência e abuso sexual contra os jovens – o que mostra que os alunos são conhecedores do tema, bem como conhecedores das características do gênero que foi solicitado e produzido, uma vez que é nítida a apresentação dos pontos de vistas, a defesa de argumentos e a impessoalidade através do uso da primeira e terceira pessoa do plural. Além disso, seguem a estrutura formal de um texto em prosa, dissertativo-argumentativo.

Contudo, apesar da formalidade reservada ao gênero, percebemos fenômenos linguísticos em desacordo com as particularidades da norma padrão, como pontuações

⁵ O quadro das variáveis está exposto no capítulo metodológico desse trabalho.

inadequadas, falta de acentuação gráfica e marcas de não concordância verbal, além disso, vale destacar que os artigos em evidência não foram solicitados com uma finalidade comunicativa definida, encerrando-se nos olhares avaliativos do professor e de seus critérios para atribuir notas.

Dessa forma, nossa análise pretende apontar as variáveis favorecedoras da não-concordância, buscando gerenciar reflexões, não como forma de apontar as inadequações como erros, mas de explicar que estas fazem parte do caráter variável da língua em decorrência dos contextos sociocomunicativos concretos e reais, ou seja, da língua em uso, o que não pode ficar de fora do contexto das aulas de língua materna. Com isso, podemos contribuir para compreensões significativas por parte dos discentes, haja vista que memorizar um conjunto de regras gramaticais não é suficiente para atuar interacionalmente por meio da língua.

Observando atentamente os artigos selecionados e buscando explicações para as inadequações encontradas, inicialmente, destacamos a variável que diz respeito à posição do sujeito em relação ao verbo. De acordo com Vieira (2007), sujeitos que aparecem após o verbo, isto é, que são pospostos ao verbo, favorecem a não realização da concordância, como vemos na amostra⁶ a seguir:

Amostra 1: Artigo de Opinião 1 – *Abrir o olho para o abuso.*

[...] às vezes, os culpados é os pais [...]

Em consonância com a variável apontada por Vieira (2007), Furtado da Cunha & Tavares (2007) assumindo uma postura discursivo-pragmática, afirmam que, em boa parte dos casos em que o sujeito aparece após o verbo, a marca de concordância não se concretiza, o que mostra que a regra é variável em virtude da própria característica variável da língua, que, em situações de uso, assume determinadas formas no intuito de se adaptar às situações interacionais.

Nessa amostra, o verbo “ser”, flexionado no presente do indicativo e no singular, não concorda em número com o sujeito “os pais”, o que segundo os autores supracitados deve-se ao fato deste aparecer em uma posição posterior ao verbo, sendo uma influência sintática e

⁶Todas as amostras destacadas fazem parte dos artigos de opinião em análise, sendo parte dos mesmos por questões de delimitar e explicitar melhor nossas considerações sobre as variáveis condicionadoras da não concordância.

discursivo-pragmática advinda do contexto em que aparece. Isso foge ao que propõe a norma padrão, mas deve ser objeto de reflexão para observar as variedades da língua e não mero quesito avaliativo das competências escritas dos discentes.

De acordo com as propostas dos estudos funcionalistas, como os de Neves (2003) por exemplo, bem como dos objetivos do ensino de gramática na escola seguindo essa perspectiva, fatos como esses são explicados diante da funcionalidade da língua enquanto eminentemente variacional, pois advém de contextos linguísticos e extralinguísticos atrelados às possibilidades da língua. Ocorrências como essa, devem ser levadas para os alunos, no contexto de sala de aula, a fim de desencadear reflexões científicas e críticas que possam permitir a eles o reconhecimento de que se trata de uma variável possível, porém inadequada em situações mais formais, como é o caso dos textos escritos que circulam na esfera escolar. Essa percepção irá torná-los aptos a realizarem escolhas apropriadas, compreendendo as especificidades das situações interacionais e comunicativas.

Essa marca de não concordância relacionada à posição do sujeito em relação ao verbo, vem mostrar que quando o sujeito aparece posterior a ele é mais comum haver inadequações quanto à concordância verbal estabelecida como apropriada para a língua escrita em situações formais. É interessante destacar que essa variável não constitui uma regra, é apenas uma possibilidade para explicar marcas de não concordância, evitando concepções equivocadas que tratam tais fenômenos como erros.

Embora os alunos não tenham conhecimento dessas variáveis do modo como elas são apontadas nesse trabalho e não façam tais colocações com o propósito de exemplificá-las, percebemos que em práticas escritas concretas, pertencentes a contextos diários, como é o caso de produções textuais da esfera escolar, as inadequações estão presentes, o que merece atenção e explicações cautelosas, uma vez que podem suscitar reflexões que contribuem para a compreensão de fenômenos linguísticos reais e não meramente idealizados. Por isso, a relevância de um ensino que possibilite explicações e reflexões e não a mera imposição para a memorização de normas e regras.

Dando continuidade às reflexões a respeito das variáveis linguísticas abordadas por Vieira (2007), destacamos algumas ocorrências relativas à distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo. Segundo a referida autora, quanto maior a distância entre esses dois elementos, maior seria a incidência de não realização da concordância verbal, como vemos na amostra a seguir. A isso, somamos o que fala Furtado da Cunha & Tavares (2007) sobre o princípio da integração. Para estas autoras, os elementos que são colocados entre o sujeito e o predicado, servindo como material de apoio e tornando-os distantes sintaticamente entre si,

colaboram para a não realização da concordância, já que, uma vez distantes, esses elementos acabam não estabelecendo uma concordância tão direta quanto se estivessem próximos no plano sintático.

Amostra 2: Artigo de Opinião 1 – *Abrir o olho para o abuso.*

[...] os pais tem que ter mais cuidado com seus filhos, olhar sempre as redes sociais, se está conversando com pessoas estranhas [...]

Nessa amostra, vemos que a intenção é de propor que os pais, enquanto responsáveis por seus filhos, principalmente aqueles menores de idade, devem fazer para evitar que eles (os filhos) sejam abusados em situações ligadas à *internet*. Dessa forma, o enunciado em questão mostra-se compreensivo do ponto de vista linguístico, porém a sequência de verbos que vão se distanciando do núcleo do sujeito vão incorrendo em marcas de não concordância verbal.

O sujeito os “pais” não concorda em número com o verbo “ter”. Apesar de estar logo em seguida ao sujeito, a flexão do verbo “ter” – “tem” – não está concordando com o sujeito “os pais”, haja vista este estar no plural e exigir que o verbo também se adeque em número a ele. Nesse caso, a marca de plural se dá através da acentuação “têm”, o que muitas vezes não se mostra ser de domínio dos alunos, já que, na maioria das vezes, é mostrado como regra sem contextualização, não chegando a ser absorvida pelos discentes.

À medida que novos predicados vão sendo associados ao sujeito “os pais” e colocados sequencialmente no enunciado em análise, percebemos que a distância do sujeito com relação ao verbo contribui para a não concordância, é o que acontece com a locução verbal “está conversando”, em que o verbo auxiliar “estar”, aparece flexionado na terceira do plural “estão”, para assim concordar tanto com o sujeito “os pais”, quanto com o predicativo do objeto “com seus filhos”, como propõe a variedade culta.

Essa marca de não concordância justifica-se pelo contexto linguístico em que aparece. Além disso, em consonância com Vieira (2007), as escolhas linguísticas que fazemos refletem as várias possibilidades da língua. Ao passo que temos à nossa disposição várias possibilidades linguísticas, temos que refletir sobre elas, para que sejam utilizadas de forma apropriada e consciente, o que só será possível se isso for levado para o contexto escolar, que muitas vezes

prioriza apenas uma variedade e desconsidera as demais, qualificando-as como erros (Cf. NEVES, 2003).

Discutir essas variáveis, assim como outros princípios linguísticos no contexto escolar não implica em levar essas teorias e estudos para serem discutidos em sala de aula, mas em tomar por base tais pressupostos teóricos para orientar a ação docente, haja vista a significação de um ensino científico e crítico que parta das reais necessidades e práticas dos alunos, procurando munir-los de competências e habilidades linguísticas várias, de modo a realizar escolhas adequadas a situações específicas e distintas. Por isso, a importância de levar os alunos a refletirem a respeito da língua a partir de suas próprias produções, de modo a, coletivamente, reconhecer suas limitações e reformular a prática de escrita.

É imprescindível reconhecer a funcionalidade da língua em meio a contextos comunicacionais e interativos, para isso não devemos pautar o ensino de Língua Portuguesa exclusivamente na gramática normativa, que pressupõe uma noção ideal de língua que recusa sua heterogeneidade natural. Assim como sugere Martelotta (2013), o ensino de língua materna não pode desvincular-se das realidades linguísticas dos alunos, da funcionalidade comunicativa e dos objetivos interacionais a serem obtidos por meio da linguagem. Se o ensino desvincular-se da realidade dos alunos, estes terão ainda mais dificuldades de reconhecer a língua e os termos sintáticos que usam, pois dizer o que é “sujeito” ou “verbo” e listar uma série de tipos e flexões não é suficiente para que os educandos entendam esses elementos e os usem conscientemente.

Com relação ainda à variável relativa à distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo, nos detemos a mais duas amostras:

Amostra 3: Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais.*

[...] eles espancam a vítima, bate na vítima [...]

Amostra 4: Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais.*

Os abusadores procuram mais as crianças, pois [...] dar presentes.

Na primeira amostra, o sujeito “eles” (pronome pessoal de terceira pessoa) concorda em gênero e número com o verbo “espancar”, flexionado na terceira pessoa do plural “espancam”. À medida que o enunciado vai se desenvolvendo, o verbo “bater”, flexionado na terceira pessoa do singular “bate”, deixa de concordar com o sujeito “eles”.

Apesar dessa marca de não concordância ser explicada a partir das variáveis linguísticas apontadas por Vieira (2007) e pelo princípio da integração descrito por Furtado da Cunha & Tavares (2007), os alunos, em sua maioria, realizam escolhas como essas involuntariamente, sem saber, de fato, o porquê de estarem fazendo uso desse tipo de ocorrência. Isso se deve à falta de reflexões por parte da escola, mais especificamente, por parte do ensino de língua materna, de tratar a língua em sua variedade, promovendo a compreensão de que o uso que fazemos dela varia em decorrência dos objetivos comunicacionais e das situações interativas. Desse modo, é salutar entender que em situações mais formais, ligadas, principalmente, aos gêneros escritos estruturados, a variedade apropriada é padrão, o que não implica necessariamente desconsiderar as demais variedades, mas saber qual a mais coerente em situações determinadas.

Na segunda amostra, acontece o mesmo tipo de ocorrência. O sujeito (“os abusadores”) concorda com o verbo que está mais próximo dele (“procuram”) pelo fato de ambos estarem relacionados à flexão de terceira pessoa do plural. Já o verbo “dar”, que aparece no infinitivo um pouco mais a frente e distante do sujeito, não concorda com este, comprovando mais uma vez que a distância entre o sujeito e o verbo contribui para a não realização da concordância, isto é, quanto mais próximo, maior será o índice de concordância, e quanto mais distante, maior será a não marcação desse fenômeno linguístico.

Para Furtado da Cunha & Tavares (2007) a concordância não se realiza, em boa parte das ocorrências, nesse contexto discursivo-pragmático (sujeito distante do verbo), porque os elementos colocados entre eles, como o aposto por exemplo, contribuem para que a marca de concordância não seja tão evidenciada, já que a atenção recai mais sobre os elementos que estão entre o sujeito e o verbo do que sobre esses dois constituintes sintáticos propriamente ditos.

É válido mencionar que o fato de os alunos incorrerem na prática de enunciados que fogem às propostas padrões da concordância verbal, além de ser perfeitamente compreensível do ponto de vista da funcionalidade e da variedade linguística, está relacionado também a fatores extralinguísticos ligados ao contexto social, cultural e identificacional do sujeito falante/escritor, uma vez que o uso que ele faz da língua varia em decorrência da situação comunicativa e dos objetivos estabelecidos diante da interação (Cf. NEVES, 2003). Entretanto, destacamos que a ocorrência ora relatada, deve-se, principalmente, ao contexto linguístico no

qual se insere, bem como as questões discursivo-pragmáticas que os rodeiam e que é preciso suscitar reflexões diante de tais eventos em busca da compreensão e do entendimento dos mesmos, evitando vazios conceituais e tratamentos preconceituosos que intimidam os discentes.

Tendo em vista que a escola, muitas vezes, direciona uma atenção valorativa à concordância verbal nas aulas de língua portuguesa, usando-a como um critério avaliativo para analisar as produções textuais dos alunos, percebemos que as variedades, quanto as marcas ou não desse fenômeno, contribuem para estigmatizar socialmente o aluno, marginalizando aquele que, por razões linguísticas e/ou extralinguísticas, não produz seus textos escritos e verbais em consonância com o que é padronizado pela norma tida como correta e única, tão fortemente apregoada no âmbito escolar.

Diante dessa postura, concordamos com Vieira (2007) quando ela aponta a necessidade de a escola conhecer as regras que verdadeiramente estão em uso em meio as diversas comunidades de falantes e usuários da língua. Somamos a isso, a relevância de levar os alunos a terem contato com variedades linguísticas diversas, pois assim eles podem refletir acerca da língua, compreendendo-a como algo vivo, dinâmico, com capacidade de adequar-se a própria heterogeneidade do sistema linguístico.

Levando em consideração as amostras expostas acima, afirmamos que os elementos que favorecem ou não a realização da concordância verbal, estão condicionados a explicações pautadas nos princípios variacionais e funcionais da língua. Sendo assim, é importante que a escola esteja preocupada, de fato, com os fatores que estão por trás das opções dos falantes, já que eles não realizam suas escolhas de modo aleatório, seguem regras próprias do sistema linguístico, haja vista o conhecimento que têm da língua, bem como sua funcionalidade em meio a contextos interacionais e comunicativos (Cf. MARTELLOTA, 2013).

Todas as variedades possuem uma organização estrutural própria e compreensível aos olhos de uma ciência da linguagem pautada na interação e no uso real. De acordo com essa afirmação, e dando sequência a compreensão das variáveis condicionadoras da não concordância, Vieira (2007) propõe o paralelismo no nível oracional.

De acordo com a referida autora, o paralelismo no nível oracional se dá quando há um número reduzido de marcas explícitas de plural na composição do sujeito, que leva, conseqüentemente, à ausência de marcas de plural no verbo. Como vemos na amostra a seguir, o sujeito composto, que se encontra no singular, ocasiona a não flexão do plural do verbo que segue. Mesmo o sujeito sendo composto por dois núcleos, o que já possibilita com frequência

a realização da concordância com o verbo, a não realização dessa marca no verbo que segue o sujeito, está influenciada pela ausência de marcas de plural na sua composição:

Amostra 5: Artigo de Opinião 1 – *Abrir o olho para o abuso.*

[...] o jovem e a criança não quer falar nada para os pais com medo das ameaças.

Conforme a materialidade linguística da amostra em questão, o sujeito composto “o jovem e a criança” encontra-se no singular, o que condiciona os discentes a também flexionarem o verbo no singular, por isso a locução verbal se apresenta da seguinte forma: “quer falar”. Do ponto de vista formal, a não realização da concordância fica evidente, pois de acordo com Bechara (2009), em sujeitos de mais de um núcleo em sua composição, a flexão de número do verbo se dá em decorrência da flexão de número do sujeito. Se substituirmos o sujeito em destaque pelo pronome pessoal correspondente, “eles”, vemos que a locução verbal “quer falar” deveria ser flexionada para concordar com o sujeito de terceira pessoal do plural, nesse caso, formalmente, deveríamos ter “querem falar”.

A não realização da concordância nesse caso explica-se, de acordo com Vieira (2007), por meio da variável relacionada ao paralelismo no nível oracional conforme explicitamos, com isso vem-nos uma questão: a construção do aluno pode ser simplesmente taxada pelo professor como um erro gramatical? Claro que não.

A construção realizada pelo aluno é uma dentre outras variedades linguísticas possíveis e explicáveis dentro da Língua Portuguesa, a qual merece ser discutida e levada para reflexão e análise em meio ao contexto da sala de aula, para assim poder ser identificada e compreendida pelos alunos como uma variedade que precisa ser repensada diante de situações formais de uso da língua.

Compreender essa ocorrência como uma variedade possível é considerar a língua como uma atividade social que é determinada por situações de comunicação e interação real, isto é, está relacionada a um propósito específico, já que está entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas atuam (Cf. FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007).

A correção de enunciados desse tipo, assim como de outros, como parâmetros para dar notas e avaliar as competências escritas dos alunos condiciona-os a pautarem-se em mitos típicos da sala de aula, principalmente, das aulas de Língua Portuguesa, tais como: “escrever é

difícil”, “eu não sei produzir textos”, “eu não sei nada de português”. Esses mitos precisam ser superados, o que se torna possível promovendo discussões científicas à respeito da língua materna em meio aos contextos reais de uso nos quais os alunos estão imersos em suas rotinas diárias.

Com relação ao paralelismo no nível discursivo, mais uma variável condicionadora da não concordância tendo em vista as ideias de Vieira (2007), destacamos no universo de artigos de opinião selecionados, algumas amostras, as quais estão transcritas a seguir:

Amostra 6: Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais.*

[...] essas crianças e adolescentes tem que ficar esperto quando estiver conectado nas redes sociais.

Nessa amostra, temos um sujeito composto formado por dois núcleos, “crianças” e “adolescentes”. Esse sujeito está organizado com marcas de plural explícitas, os verbos que seguem também deveriam estar flexionados no plural, para assim concordarem em número e pessoa com o seu sujeito. Porém, como vemos, os verbos, sequencialmente, encontram-se no singular, “tem”, “ficar”, “estiver”, o que corrobora com o que Vieira (2007) chama de paralelismo no nível discursivo. Para a autora, essa variável favorecedora da não concordância, acontece no caso de verbos organizados em série discursiva, isto é, os verbos indicam ações realizadas ou seguidas pelo mesmo sujeito, quando a ausência da marca de plural em um verbo leva à ausência de marca de plural no verbo seguinte.

É o que acontece com os verbos “tem”, “ficar” e “estiver”, em que todos estão flexionados no singular e não concordam com o sujeito composto em destaque, pois o mesmo encontra-se no plural. Além disso, cabe destacar que os verbos “ficar” e “estiver” estando no infinitivo, como no enunciado em questão, concordariam com seus complementos, “esperto” e “conectado”, respectivamente. Porém, no conjunto do enunciado, mostram-se como inadequações no tocante a concordância verbal com o sujeito. Isso, também se justifica por questões discursivo-pragmática, conforme sugere Furtado da Cunha & Tavares (2007), pois questões de ordem discursiva e de sentido devem ser levadas em consideração, uma vez que apenas questões formais não dão conta dos usos da língua em meio às situações de interação.

Como vemos, essa variabilidade observada na língua não pode ser explicada pelas regras gerais da concordância verbal, nem por meio das exceções e particularidades, o que comprova mais uma vez a possível ineficiência de um ensino que se respalda unicamente pela prescrição de normas e regras.

Ainda com relação à variável paralelismo no nível discursivo, apresentamos mais uma amostra:

Amostra 7: Artigo de Opinião 4 – *Abuso sexual geral muita consequência.*

[...] os aliciadores da presentinhos [...] e quando ganha finalmente a confiança da vítima [...]

Nessa amostra, os verbos “dar” e “ganhar”, em sequência, não concordam com o sujeito “os aliciadores”, flexionado na terceira pessoa do plural. Para concordar com o sujeito em destaque, o mais adequado deveria ser “dão” que concordaria com o sujeito “os aliciadores” e também com o objeto “presentinhos”; e, “ganham”, para também concordar em número com o sujeito anteriormente mencionado.

Mais uma vez, vemos que a ausência de marcas de plural em um verbo leva a não flexão dos verbos seguintes. Talvez, ao fazer isso, o aluno esteja pautado em um princípio de hipercorreção, uma vez que, como vimos, os verbos, mesmo não concordando com o sujeito do enunciado acima, seguem a mesma flexão de pessoa e de número.

Ao realizar tais escolhas, acreditamos que os discentes não as fazem de modo consciente e autônomo, pois ao serem questionados sobre suas escolhas, percebemos que eles têm dificuldades de justificá-las. Isso acontece pelo fato de serem condicionados pelo ensino a seguirem regras memorizadas, mas não contextualizadas, ditadas e prescritas como corretas, mas que chegam aos alunos sem explicações, que os impedem de compreender a língua em seu uso e variedade. Os erros indiciam exclusões e avaliações preconceituosas, ao invés de serem tomados como pontos de partida para reflexões que suscitem reformulações conceituais e que impliquem em possibilidades de escolhas conscientes e coerentes às situações comunicativas.

Nesse sentido, destacamos mais uma vez a relevância de partir das reais necessidades dos alunos, de suas potencialidades e de suas dificuldades, para organizar as ações pedagógicas. No tocante ao ensino de língua materna, ensinar a gramática numa perspectiva funcionalista,

não deve fugir desses posicionamentos, haja vista que a língua deve ser evidenciada como uma estrutura maleável, que surge de situações cotidianas de interação e comunicação por meio da linguagem. (Cf. FURTADO DA CUNHA, 2007).

Seguindo esse posicionamento, destacamos que o professor deve atuar como orientador, construindo e reconstruindo o saber gramatical dos alunos. Além disso, de acordo com Furtado da Cunha & Tavares (2007), deve incentivá-los a experimentarem as diversas faces da língua, encarando as diversidades como possibilidades de uso, para com isso, refinar as estratégias dos alunos, ampliando a capacidade de adequação tendo em vista contextos variados e heterogêneos.

Sendo a linguagem um instrumento de interação social, assim como sugere Pezatti (2009), no ensino de Língua Portuguesa não podem ficar de fora a variedade linguística constitutiva da dinâmica natural da própria língua, haja vista que em situações distintas de comunicação e interação, realizamos escolhas linguísticas que devem estar adequadas e coerentes ao contexto linguístico e extralinguístico no qual estamos inseridos, tanto em termos de níveis de linguagem, quanto aos objetivos específicos da comunicação e ao veículo e/ou suporte em que se concretizam.

Dessa forma, as práticas de ensino-aprendizagem nas aulas de língua materna devem conceituar e compreender a língua como um sistema comunicativo e social, para assim, entender que as línguas, particularmente, a língua portuguesa, relaciona-se à cultura e ao estilo de vida dos sujeitos sociais e que, por isso, assume diferentes formas em decorrência da funcionalidade que pretende assumir (Cf. MARTELOTTA, 2003).

Outra variável favorecedora da não concordância verbal, seguindo as contribuições de Vieira (2007) é a saliência fônica. Essa variável vai além da simples relação entre a tonicidade e o número de sílabas das formas singular e plural, referindo-se à diferença material fônica entre essas formas, uma vez que existem formas verbais mais salientes, que favorecem, por sua vez, a concordância, e outras menos perceptíveis, que desfavorecem a realização desse fenômeno, como por exemplo, “come/comem”, “some/somem”, “esteja/estejam”, etc.

Como forma de compreender a variável mencionada, selecionamos algumas amostras para discussão. Inicialmente, destacamos:

Amostra 8: Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais.*

[...] esses adolescentes não pode conversar com pessoas desconhecidas nas redes sociais.

Na amostra acima, observamos uma inadequação quanto à flexão do verbo auxiliar “poder”, que aparece conjugado em terceira pessoa do singular, quando, na visão normativa, deveria estar flexionado em terceira pessoa do plural “podem”, para assim concordar em número e pessoa com o sujeito “esses adolescentes”. De acordo com Vieira (2007), essa não concordância justifica-se pela saliência fônica, nesse caso representada por uma menor saliência com relação à tonicidade da sílaba que indica plural. Na oralidade, pela própria espontaneidade da fala, orações com o verbo “poder”, na forma plural de terceira pessoa, muitas vezes mostra-se como uma economia linguística que apresenta essa forma verbal flexionada em “pode”, mesmo para sujeitos flexionados no plural, como é o caso da amostra transcrita acima.

Esse resquício de oralidade, que acaba se transferindo para a escrita, não se limita apenas à variável da saliência fônica tratada por Vieira (2007). Além desse fator específico, acontecem outras inadequações que estão atreladas às variedades faladas e escritas da língua, o que implica em pensar na necessidade de sempre tratar a língua como um conjunto de variedades que se adéquam a contextos determinados, e que fazem parte do sistema linguístico que, de fato, é usado pelos usuários da língua em situações diversas.

Em consonância a esse ponto, enfatizamos que as variedades linguísticas não podem estar ausentes das práticas de ensino e aprendizagem nas aulas de língua materna, pois para que realmente haja uma compreensão significativa da língua, enquanto sistema comunicativo e social, devemos, em meio as práticas docentes, levar em consideração sua heterogeneidade e capacidade de adaptação, em virtude da complexidade das práticas comunicacionais (Cf. NEVES, 2003).

Ainda com relação à variável da saliência fônica, enquanto contexto desfavorecedor da realização da concordância verbal, destacamos mais duas amostras extraídas dos textos em anexo:

Amostra 9: Artigo de Opinião 4 – *Abuso sexual geral muita consequência.*

Os pais, irmãos, tios, avós e pessoas que esteja no ciclo de amizade da família.

Amostra10: Artigo de Opinião 5 – *Os abusos sexuais nos dias atuais.*

Os agressores abusa mais as crianças entre 05 e 10 anos.

Nas amostras acima, vemos mais uma vez que as formas verbais “esteja” e “abusa” não concordam com os seus respectivos sujeitos, a saber: “os pais, irmãos, tios, avós e pessoas” e “os agressores”. Tanto o verbo “estar” quanto o verbo “abusar”, deveriam estar, de acordo com a variedade normativa, flexionados na terceira pessoa do plural – “estejam” e “abusam” -, sendo condicionados à não realização da concordância verbal devido à saliência fônica pouco perceptível, ou seja, menos saliente, que são menos marcadas no plural do que as mais salientes.

Nesses trechos, percebemos também a transposição de usos próprios da oralidade para a escrita, o que mostra a necessidade de se trabalhar na sala de aula com essas duas modalidades linguísticas, além de outras, tais como, visuais, sonoras e imagéticas, pois desconsiderá-las é desconsiderar a natureza dinâmica e variacional intrínseca à língua.

Tomando por base princípios funcionalistas, a partir das ideias de Martelotta & Areas (2003), alguns critérios devem ser postos em evidência no tocante à compreender a língua como um conjunto de variedades que servem aos usos reais observáveis em situações de comunicação, tais como: considerar a língua como uma atividade sociocultural que serve à funções cognitivas e comunicativas, entender que a variação e a mudança são intrínsecas à sua composição e que sua estrutura é maleável, não-arbitrária e icônica. Por meio disso, a relevância das variedades para o ensino de língua portuguesa pode vir à tona, seguindo as propostas de pensar na língua sempre em contextualização com às situações de uso em que se concretiza.

Assim como afirma Perini (2001), partir de uma série de regras e de particularidades, mostradas de modo impositivo, acaba por desconsiderar a real variedade da nossa língua materna em meio aos diversos contextos efetivos de uso, por isso é indispensável considerar as escolhas linguísticas dos falantes e usuários da língua, uma vez que é isso que determina a eficiência ou não da interação e comunicação social.

Reconhecer e identificar inadequações como estas deve ser um dos objetivos principais do ensino de língua portuguesa, haja vista o desenvolvimento da competência leitora e produtora de textos por meio dos discentes. Por meio de tais reflexões, é possível levar os alunos a pensarem sobre as estruturas gramaticais que usam em seus contextos comunicativos, identificando que escolhas linguísticas se mostram mais adequadas em detrimento de outras. (Cf. VIEIRA, 2009).

Essas reflexões acerca da língua podem ser orientadas através de um ensino que estimule a pesquisa e que, gerando autonomia, possibilite os discentes a procurarem respostas para usos concretos da língua que, por ventura, sejam mais adequados do que outros em virtude dos contextos sociocomunicativos em que aparecem. Assim, as atividades podem se tonar mais

significativas do que se abordarem apenas listas intermináveis de exemplos soltos e prescritivos, sem conexão com os verdadeiros usos observáveis em meio às interações.

Finalizando as considerações a respeito das variáveis condicionadoras da não concordância, indicadas por Vieira (2007), destacamos a estrutura morfossintática. Nesse caso, a forma como o enunciado é estruturado morfossintaticamente pode influenciar no favorecimento ou não da concordância verbal. Como vemos na amostra a seguir, a não concordância entre o verbo e o advérbio, se dá por um processo de “hipercorreção”, em que o aluno, provavelmente, de forma inconsciente, coloca o advérbio no plural tendo em vista o verbo também estar no plural. Porém, nesse caso, isso acaba provocando inadequações quanto à concordância verbal.

Amostra 11: Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais*

[...] *esses abusadores são muitos cruéis* [...]

Se observamos, primeiramente, a concordância verbal seguindo a regra geral, o sujeito concorda em número e pessoa com o verbo “ser”. Porém, o predicativo do sujeito mostra-se com uma concordância inadequada, haja vista o advérbio “muito”. Nesse caso específico, o advérbio não poder ser flexionado em plural, já que que pretende generalizar que a totalidade dos abusadores é cruel em intensidade, e não que existem muitos abusadores que são cruéis. A continuidade do predicativo, explicitada pelo adjetivo “cruéis” mostra-se em concordância com o sujeito e com o verbo, o que talvez tenha influenciado a opção do discente por “muitos” ao invés de “muito”

Também na amostra a seguir, o verbo “ser” concorda com o sujeito, mas não concorda com o seu predicativo, que deveria ter recebido, tendo em vista proposições normativas, a marcação de plural:

Amostra 12: Artigo de Opinião 3 – *Abuso sexual com crianças e adolescentes.*

Muitas crianças e adolescentes são abusado.

Neste caso, o verbo “ser”, flexionado no presente do indicativo na terceira pessoa do plural - “são”, concorda em número e pessoa com o sujeito “muitas crianças e adolescentes”. Já o predicativo do sujeito, “abusado”, não concorda com o verbo “ser”, tendo em vista que para ser adequado formalmente, deveria receber a desinência de plural “s”, sendo portando, “abusados”.

Como vemos por meio das duas amostras expostas acima, orações organizadas em torno do predicativo do sujeito contribuem para a não realização da concordância verbal. Claro que isso não pode ser considerado como uma regra imutável e indiscutível, e não é essa a intenção de Vieira (2007), entretanto, observando esses exemplos é essa a principal impressão que temos. Considerar a estrutura morfossintática como uma variável que implica a realização da concordância verbal, é na verdade fazer uma retomada de todas as variáveis apresentadas anteriormente, pois se atentarmos, todas as formas favorecedoras ou não da concordância verbal nos enunciados expostos e explicitados, apresentam alguma relação com a estrutura organizacional na qual os enunciados e textos se concretizam. Daí, a relevância em levar os alunos a refletirem acerca dos textos que estão ao seu redor, uma vez que eles se tornarão capazes de efetuar escolhas linguísticas mais significativas e coerentes com os objetivos comunicacionais que pretendem realizar por meio da interação.

Em consonância com as questões expostas, apresentamos mais três amostras que explicitam como a organização morfossintática pode se mostrar favorecedora da não realização da concordância verbal.

Amostra 13: Artigo de Opinião 2 – *Abuso sexual nas redes sociais.*

Esses problemas de abuso sexual, essas seguranças públicas tem que tomar providência desses crimes bárbaros [...]

Amostra 14: Artigo de Opinião 3 – *Abuso sexual com crianças e adolescentes.*

Muitos adolescentes e crianças quanto é abusado não querem denunciar com vergonha [...]

Amostra 15: Artigo de Opinião 3 – *Abuso sexual com crianças e adolescentes*

[...] a criança ou adolescente que recebem o abuso ficam com vergonha [...]

Sequencialmente, vemos que mesmo sem se tratar propriamente de concordância verbal, o complemento nominal da expressão “esses problemas”, formalmente, encontra-se inadequado, uma vez que deveria estar no plural concordando em gênero e número com este. Tratar de um caso como este na sala de aula, embora não seja simples, é de extrema importância para o entendimento de particularidades da língua, relacionadas, principalmente, ao contexto significativo que determinadas palavras ou expressões podem carregar. O termo “abuso sexual” ganha uma amplitude que, muitas vezes, não é de conhecimento dos discentes, principalmente, daqueles que ainda estão no nível fundamental, e isso pode limitar, de certa forma, as possibilidades de escolhas deles.

Ainda na mesma amostra, o verbo “ter” está flexionado inadequadamente tendo em vista o seu sujeito “essas seguranças públicas”, o que vem confirmar mais uma vez que a estrutura morfossintática influencia o favorecimento ou não da concordância. Para promover compreensões a partir de situações como essas no ambiente de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, é interessante mostrar as possibilidades de escolhas que a língua oferece, tornando o educando capaz de identificar que há inadequações e quais seriam as maneiras mais adequadas de construir sentidos em situações formais de comunicação por meio de língua, como é o caso do gênero escrito em questão (artigo de opinião), bem como de suas características próprias.

Na sequência, temos um caso típico de não concordância entre o sujeito e o verbo, pois sendo o sujeito constituído por dois núcleos no plural, “adolescentes” e “crianças”, também a forma verbal normativa deveria estar no plural, portando ao invés de “é”, terceira pessoa do singular do presente do indicativo, deveríamos ter a forma verbal “são”, terceira pessoa do plural, também do presente do indicativo. As inadequações de coerência relacionadas ao verbo “ser”, como vemos, aparecem com frequência, o que está de acordo com as próprias exceções lançadas pela gramática normativa com relação a essa forma verbal.

Nesse sentido, vêm-nos mais um questionamento relacionado ao ensino de gramática compreendido como a imposição de um conjunto de regras e de exceções: haja vista ser esse ensino um tanto limitador e deficiente, como trabalhar as particularidades da língua materna no contexto da sala de aula? Certamente, o ensino deve partir da língua em uso em decorrência das

diferentes situações de interação e comunicação, pois, apenas por esse viés, acreditamos ser possível promover um ensino aprendizagem efetivo e significativo para o aluno.

De acordo com Furtado da Cunha & Tavares (2007), o ensino deve considerar os aspectos discursivo-pragmáticos no que diz respeito as escolhas linguísticas que os sujeitos sociais fazem uso nas diferentes situações de interação. Dessa forma, é salutar considerar a língua como um fenômeno social organizado em virtude das situações de uso.

Continuando, a estrutura sintática da amostra: “[...] a criança ou adolescente que recebem o abuso ficam com vergonha [...]”, mostra-se como um exemplo de paralelismo no nível oracional, em consonância com Vieira (2007), em que, sendo o primeiro verbo flexionado de forma inadequada, conseqüentemente, os demais seguem a mesma flexão. Com isso, pode surgir uma indagação, já que se trata de um exemplo de paralelismo no nível oracional, por que apresentá-lo como uma manifestação da variável relativa à estrutura morfossintática? Acreditamos que isso é possível, devido à estrutura morfossintática ser uma espécie de variável que retoma as variáveis anteriormente retratadas, pois se atentarmos para o que sugere essa variante, percebemos que as marcar favorecedoras ou não da concordância verbal estão de acordo com a forma como os enunciados estão estruturados, a relação entre os elementos sintáticos e sua organização. Assim, os exemplos referentes à variável estrutura morfossintática, representam uma extensão das demais variáveis sugeridas por Vieira (2007).

É válido ressaltar também, que essa estrutura morfossintática se assemelha ao que sugere Furtado da Cunha & Tavares (2007) com relação ao que elas nomeiam de aspectos discursivo-pragmáticos, pois em ambas situações, são levadas em conta a organização linguística e extralinguística que dá vida à língua mediante aos objetivos comunicacionais pretendidos.

De modo geral, podemos afirmar que as variáveis discutidas aqui servem para lançarmos discussões e reflexões acerca de uma série de inadequações quanto à concordância verbal, presentes nos artigos de opinião produzidos pelos alunos. Isso nos chamou atenção e nos fez procurar formas de repensar o ensino de gramática na escola, procurando entender qual o seu verdadeiro papel e como proceder para, de fato, alcançar objetivos significativos e coerentes, tanto com a realidade dos educandos, como com relação às competências e habilidades esperadas para o ensino de Língua Portuguesa.

Desse modo, não pretendemos com essas explicitações lançar mão de considerações meramente linguísticas e gramaticais. Sabemos das reais dificuldades dos alunos em compreender a lista de nomenclatura dos termos sintáticos ou que compõem as orações; as inúmeras flexões verbais, regulares ou exceções; as particularidades das pontuações e das regras

ortográficas; bem como os princípios de regência e de concordância, seja ela verbal ou nominal. Nesse sentido, partimos dessas constatações para levar os alunos a repensarem acerca de suas próprias escritas, sendo possibilitados à avaliarem seus textos, reconhecerem suas limitações e, a partir delas, terem condições de renovarem suas escritas, adequando-as às situações comunicativas de modo consciente e autônomo, assim como propõe, por exemplo, Furtado da Cunha & Tavares (2007) no que diz respeito a como o ensino de língua portuguesa pode se tornar significativo e eficiente.

Dessa forma, não pretendemos discutir teorias linguísticas em sala de aula, nem tão pouco explicá-las no contexto do ensino fundamental, mas tomá-las como base para gerenciar discussões à respeito da língua ou das muitas linguagens que são usadas concretamente pelos educandos em suas práticas sociais. Além disso, evidenciar o papel da gramática numa perspectiva funcional e variacional em meio aos usos reais e suas implicações para o desenvolvimento de competências linguísticas verdadeiramente significativas, mostra-se como relevante na atual conjuntura do ensino de língua portuguesa, uma vez que repensar esse ensino e amenizar mitos relacionados a uma língua ideal é estar preocupado com o desenvolvimento dos educandos no sentido de efetuarem escolhas apropriadas em detrimento de suas necessidades comunicativas.

Assim sendo, a análise dos artigos de opinião ora realizada, funcionou como ponto de partida para a organização e desenvolvimento de um projeto de intervenção – projeto de letramento sobre concordância verbal, que será melhor descrito e analisado no tópico a seguir, e os artigos selecionados, de modo geral, estimularam as discussões em sala de aula, de modo a gerar compreensões científicas com relação ao fenômeno linguístico da concordância verbal.

5.2 Projeto de letramento e ensino de concordância verbal: da aplicação em sala de aula aos resultados obtidos

O trabalho com projetos de letramento enfrenta, muitas vezes, dificuldades de adesão e realização na escola (mesmo não sendo uma ideia totalmente nova) por se desvincular de práticas pedagógicas estritamente tradicionais. Porém, é considerado um processo de formação, possivelmente, promissor para o ensino de língua portuguesa e, conseqüentemente, de gramática, tendo em vista basear-se na interação entre professores e alunos, de modo a levar em conta a realidade da sala de aula e a situação didática, selecionando o que é, de fato, viável para as condições do trabalho escolar.

Sendo assim, a escolha pelo ensino de gramática por meio do desenvolvimento de um projeto de letramento, partiu, inicialmente, de achá-lo favorável à educação linguística, por lidar com a realidade concreta e com as variedades presentes na sala de aula, tanto com relação aos diferentes contextos situacionais dos alunos, como em relação às suas condições de aprendizado, os seus interesses e suas particularidades e, posteriormente, por perceber que práticas tradicionais arraigadas à imposições normativas não estão surtindo efeitos tão positivos o quanto se espera.

A prática de projetos requer planejamento e trabalho coletivo, com vistas a (re)significar os comportamentos dos docentes e dos discentes, uma vez que a realização das atividades parte de problemas visíveis dentro da sala de aula e têm objetivos e metas definidas, priorizando a participação ativa dos alunos e aproximando-os das práticas sociais da vida real. (Cf. OLIVEIRA & TINOCO et. all, 2011).

Nesse contexto, desenvolvemos um projeto de letramento sobre o ensino de concordância verbal, o qual justifica-se, primeiramente, pelas incidências recorrentes dos alunos em cometerem desvios com relação à realização desse fenômeno em gêneros escritos (como vemos nas análises dos artigos de opinião recolhidos antes da realização do projeto). E, posteriormente, por se mostrar, em outros contextos de ensino de língua materna, como algo promissor para o desenvolvimento de habilidades de leitura e, principalmente de escrita em práticas sociais várias, definidas e situadas.

Com a pretensão de fazer os alunos refletirem acerca da concordância verbal de modo crítico e científico, organizamos, na condição de professor-pesquisador, uma sequência de atividades, priorizando gêneros textuais variados, os quais apresentam a língua em sua variedade e funcionalidade comunicativa. Certos de que a transmissão de regras gramaticais de maneira descontextualizada e prescritiva não vem surtindo resultados positivos no tocante à compreensão do fenômeno já mencionado, como também de outros fenômenos ligados à área da gramática, concordamos com Kleiman & Sepulveda (2012) quando afirmam que o estudo de gramática deve partir da realidade da sala de aula, isto é, das condições reais de aprendizado e das necessidade e interesses dos alunos.

Iniciamos o projeto de letramento sobre concordância verbal no mês de julho de 2014, tendo se estendido até outubro do referido ano, com um total de 20 h/a. Apesar de ser uma carga horária pequena, que poderia ter sido trabalhada em quatro semanas, não nos detemos, na sala de aula, apenas a ele, já que tínhamos também outras atividades curriculares a cumprir, haja vista as exigências regulares da escola, sendo assim, intercalamos as atividades do projeto a

outras atividades de leitura e escrita que, na medida do possível, estabeleçam relação com os objetivos pretendidos pelo projeto.

Tal projeto foi desenvolvido no 9º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual 29 de Março, localizada à Avenida Hipólito Fialho, 319, centro de Portalegre/RN, por ser nossa instituição de ensino enquanto docente de Língua Portuguesa, e por constatar, a partir de observações preliminares, que os alunos sentiam grandes dificuldades quanto à escolha de opções linguísticas adequadas a serem utilizadas em determinados gêneros textuais escritos, gerando inadequações recorrentes de usos que acabavam afetando a concordância verbal como proposta pelas regras gramaticais na variedade normativa. Além disso, esse conteúdo também é proposto pelo Livro Didático – LD, “Português Linguagens” (ROBERTO CEEREJA, W. & MAGALHÃES, T. C., 2012), do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD para o referido ano de ensino e, de extrema relevância para a composição de textos, principalmente, aqueles escritos, ligados a contextos formais, como aqueles predominantes na escrita escolar e de outras instituições sociais.

A isso somamos a constatação de que a simples descrição das regras não estava surtindo efeitos tão significativos, pois a partir da análise dos artigos de opinião produzidos em uma situação específica de comunicação, encontramos uma série de inadequações recorrentes com relação à concordância verbal. Além disso, acreditamos que o papel da escola deve ser promover o contato dos alunos com a língua e suas variedades, estimulando reflexões acerca das escolhas linguísticas em virtude das situações comunicativas, sejam elas formais ou informais e, ainda, ensinar a variedade formal da língua, porém não de modo prescritivo e tradicional, mas baseado nas necessidades reais de uso dessa variedade linguística (Cf. NEVES, 2003).

Por critérios de delimitação das ações e metas a serem alcançadas com o desenvolvimento do projeto, o dividimos em alguns momentos. Cada um deles apresenta uma sequência de atividades orientadas a partir de gêneros textuais diversos que evidenciam diferentes níveis de linguagem e, conseqüentemente, variedades linguísticas, uma vez que por meio disso é possível evidenciar uma gama de possibilidades com relação aos usos da língua, bem como que algumas escolhas se mostram mais coerentes do que outras, o que não implica dizer, simplesmente, que constituem-se como erros.

Vale salientar que o trabalho com gêneros textuais diversos está de acordo com as propostas dos PCN (BRASIL, 1997) e com as proposições para o ensino gramatical de modo situado e definido (VIEIRA, 2007). Destacamos ainda, que a escolha pelos gêneros a serem trabalhados durante o desenvolvimento do projeto partiu dos objetivos a que nos propomos no

tocante a compreender a concordância verbal do ponto de vista funcional, levando em conta as variedades linguísticas e os níveis de linguagem em decorrência dos contextos comunicativos, bem como dos interesses e necessidades dos alunos.

Inicialmente, partimos dos artigos de opinião que haviam sido produzidos pelos discentes e analisados tomando por base as variáveis sugeridas por Vieira (2007), as considerações de Furtado da Cunha & Tavares (2007) com relação à concordância verbal e outros teóricos com discussões centradas no uso da língua como ponto de partida para o ensino de língua portuguesa. Com a turma dividida em grupos, distribuímos os textos aleatoriamente e solicitamos que fizessem uma avaliação contemplando aspectos estruturais e linguísticos, como organização dos textos, coerência, coesão, significado, questões ortográficas, dentre outros.

Nesse momento, as discussões foram várias, pois a medida que os alunos analisavam os textos, iam destacando pontos muito pertinentes. Os discentes fizeram anotações, recomendações e deram sugestões de possíveis melhorias para os textos, debateram possíveis inadequações, e, de modo inconsciente, já anunciavam alguns quesitos relacionados à concordância.

Partindo disso, projetamos algumas das amostras que apontamos no tópico anterior, bem como produções na íntegra e começamos a sugerir que os alunos fizessem algumas considerações. Essas considerações foram mediadas por questionamentos, tais como: (i) algum aspecto gramatical mostra-se inadequado? Qual? (ii) com relação aos significados dos textos, de modo geral, os enunciados mostram-se coerentes? (iii) por que será que essas recorrências acontecem? (iv) como seria possível modificar os aspectos apontados?

À medida em que íamos lançando as indagações, os discentes faziam apontamentos sobre inadequações linguísticas, porém chamavam-nas de erros e propunham correções advindas de conceitos da gramática normativa, apenas. Isso mostrava-se tão atrelado ao que os alunos compreendiam como sendo deveres do ensino de língua portuguesa, que alguns deles chegavam a afirmar que determinadas construções sintáticas levariam a avaliações negativas dos seus textos, pois pelo fato de serem perceptíveis “erros gramaticais”, suas produções não teriam qualidade e seriam avaliadas como inferiores e ruins.

Para trabalhar esse mito arraigado às concepções dos educandos, lançamos mão de discussões científicas que pudessem colocar o ensino de língua materna como sendo responsável pela disseminação e compreensão das variedades constitutivas da língua. Desse modo, procuramos fazê-los refletir acerca das inadequações apontadas, considerando-as não como erros, mas como possibilidades da língua, que precisam ser repensadas evitando escolhas

incoerentes com a realidade comunicativa e com os objetivos interacionais. Ao fazermos isso, estávamos tomando por base as ideias de Martelotta (2013), quando ele propõe que a língua deve ser vista na sua dinâmica de uso concreto, evitando tomá-la como algo ideal e homogêneo. Em consonância a isto, acrescentamos os princípios funcionalistas discutidos por Furtado da Cunha e Souza (2007), ao afirmarem que a gramática de uma língua não pode ser descontextualizada do seu uso efetivo; e, ainda, o posicionamento de Franchi (2006), haja vista que o que não está de acordo com a norma padrão, não pode ser, necessariamente, tido como erro ou desvio, mas sim como uma modalidade linguística diferente que, muitas vezes, é marginalizada e afastada do contexto escolar por se distanciar da variedade estigmatizada como sendo de prestígio social.

Após esse primeiro momento, propomos que, em grupos, os textos analisados fossem reescritos de modo a desencadear opções linguísticas mais adequadas tendo em vista a formalidade solicitada pelo gênero (artigo de opinião) e pelo ambiente institucional da escola. Essa reescrita foi mediada pelo professor pesquisador, que, a todo momento, colocava em evidência a relevância de levar o aluno a adquirir condições de, autonomamente, realizar escolhas significativas e coerentes com a funcionalidade comunicativa e com os objetivos interacionais das relações sociais nas quais estão inseridos, sabendo que o nível de formalidade da língua varia em decorrência de tais objetivos, bem como de outros fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os artigos reescritos foram divulgados em sala de aula por meio de rodas de leitura e de debates a respeito das produções, como forma de introduzir a sequência das atividades organizadas para o desenvolvimento do projeto, gerando compreensões e entendimentos acerca do fenômeno linguístico da concordância verbal. Sendo assim, dando continuidade as discussões e considerações, passamos à descrição do que, metodologicamente, chamamos de segundo momento do projeto em foco.

Sequencialmente, organizamos juntamente com os alunos e trouxemos para a sala de aula um conjunto de gêneros variados (tirinhas de Chico Bento e Cebolinha; letra da canção “Inútil”, de Ultraje a Rigor e a crônica “O mais belo futebol da terra”, de Nelson Rodrigues) no intuito de conduzir reflexões que pudessem fazer os alunos pensarem a respeito da concordância que existe entre as palavras e os elementos na organização dos textos, de modo que eles possam gerenciar sentidos.

Antes de introduzir conceitos relacionados ao fenômeno da concordância verbal propriamente dito, distribuímos cópias dos textos selecionados para os alunos e pedimos que eles fizessem a leitura de cada um, separadamente, e depois comparando-os entre si, procurando

responder aos seguintes questionamentos: (i) quais as principais ideias dos textos? (ii) os textos são de difícil compreensão? (iii) que sentidos eles nos oferecem? (iv) que aspectos linguísticos poderíamos destacar como contraditórios às exigências formais da Língua Portuguesa e em que isso interfere na compreensão do texto como um todo?

Ao passo que os alunos iam lendo cada gênero e buscando ativar, a partir deles, interpretações significativas, pontuávamos os questionamentos expostos, fazendo-os, oralmente, exporem as suas conclusões. A partir disso, fomos procurando destacar as variedades linguísticas e os níveis de linguagens predominantes em cada um deles, e em comparação uns com os outros, pois nosso maior interesse, nesse momento, era estimulá-los a pensarem sobre a heterogeneidade da língua portuguesa, isto é, que ela é composta por variedades (Cf. VIEIRA, 2007).

Ao conduzir os educandos a pensarem sobre a diversidade que compõe a língua portuguesa, estamos pondo em destaque que o ensino dessa língua não se limita à gramática normativa (FRANCHI, 2006), já que não é certo, diante do que propomos, ancorados em uma abordagem funcionalista, continuar a estudar e a ensinar gramática como algo desvinculado do uso linguístico que embasa e constitui os discursos reais (Cf. NEVES, 2003).

Levando em consideração o desenvolvimento de tais atividades, a maioria dos discentes interagiu e lançou colocações pertinentes com relação aos gêneros discutidos. Destacaram o papel de cada gênero que foi trabalhado em sala, bem como sua funcionalidade social, e conseguiram responder aos questionamentos colocados. Contudo, nesse contato inicial com os gêneros compostos por diferentes variedades linguísticas, apresentaram ainda algumas dificuldades quanto a identificação de traços linguísticos que fossem contraditórios às exigências formais da língua, apesar de já terem identificado pontos relacionados a isso quando analisaram e fizeram considerações a respeito de suas próprias composições textuais.

Essas dificuldades podem ser explicadas pela ineficiência de um ensino gramatical normativo e prescritivo, com o qual eles tiveram um contato mais acentuado em anos anteriores, e que, por propor a apreensão de uma língua ideal, a partir de um conjunto de regras, acaba distorcendo os verdadeiros sentidos do ensino de língua materna e impedindo os alunos de refletirem acerca das variedades da língua, assim como sugere Martelotta (2013). Além disso, as identificações realizadas por eles vinham também carregadas de mitos e preconceitos, que estigmatizavam as variedades mais informais como erros e como práticas de pessoas que não frequentavam a escola, e, por isso, não sabiam falar ou escrever.

À medida que fomos percebendo entraves, procuramos interferir nas colocações, de modo a possibilitar o entendimento de que a língua é dinâmica, heterogênea e variável. Sendo

assim, começamos a destacar alguns pontos que enfatizassem a maleabilidade da língua, tendo em vista as situações comunicativas. Para isso, destacamos, embasados nas perspectivas do funcionalismo, que o ensino de gramática deve se pautar nos usos reais da língua e nas situações de interação, pois é por meio disso que o falante/escritor organiza seus textos, faz suas escolhas e adentra os níveis de linguagem que melhor possam lhe servir. Destacamos também, que certas escolhas não podem, simplesmente, ser consideradas como erros, pois ao tomarmos como elemento de análise o todo textual, conseguimos organizar sentidos e compreensões, como propõem os objetivos do ensino de Língua Portuguesa, mesmo em meio aos desvios e inadequações (VIEIRA & BRANDÃO, 2007).

Ao levantarmos essas reflexões, começamos a construir, juntamente com os alunos, o conceito de concordância verbal. Eles foram começando a perceber que é necessário haver uma certa harmonia entre os elementos que formam os enunciados e os textos e, ainda, que em determinadas situações a realização ou não da concordância era favorecida por determinadas especificidades. Além disso, destacaram que em gêneros diferentes a concordância também se realiza de maneira diferente; e que, nem sempre, a falta de concordância implica erro, pois em determinados contextos a realização desse fenômeno é mais favorável do que em outros (VIEIRA, 2007). Além disso, perceberam ainda, que é necessário compreender que existem variedades linguísticas diversas que se adequam às diversas situações de comunicação, isto é, de acordo com condições discursivo-pragmáticas particulares, pois, com isso, ampliariam seu leque de possibilidades para lidar com a língua.

A construção do conceito do fenômeno da concordância verbal amparou-se em princípios científicos, por mostrar um avanço com relação ao conceito tradicional proposto por gramáticas normativas como a de Bechara (2009), que diz que há concordância quando o sujeito concorda com o verbo em gênero e número em situações regulares, mas que lista uma série de exceções, justamente por não dar conta de todas as ocorrências da língua.

A relação dialogal travada com a turma mediante a afirmação de um “contrato de confiança”, como defende Kleiman & Sepulveda (2012), nos permitiu confirmar as contribuições do ensino de gramática numa perspectiva funcionalista pautada nos usos variáveis da língua, através do desenvolvimento de um projeto de letramento, pois partimos das condições reais da sala de aula e das necessidades particulares dos alunos, buscando compreender a língua em sua flexibilidade e dinamismo.

Após esse momento que se estruturou em atividades mais simples, direcionamo-nos para o momento posterior proposto em nosso projeto, o qual envolveu atividades mais complexas, seguindo os critérios de Vieira (2007) para o ensino de Língua Portuguesa.

No terceiro momento, trouxemos mais dois gêneros textuais para a discussão em sala de aula, a saber: a letra de música “Nós vamos invadir sua praia”, de Ultraje a Rigor; e o editorial “A copa como ela é”, disponível no jornal online Folha de São Paulo (<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/04/1437881-editorial-a-copa-como-ela-e.shtml>). Para a discussão dos textos ora explicitados, demos o seguinte encaminhamento: identificar os usos adequados ou inadequados da concordância verbal, levando em consideração os níveis de formalidade de cada gênero, os veículos de comunicação em que circulam e o público para o qual se destinam. Esse encaminhamento foi feito pontualmente, de modo que os educandos não fizessem confusões quanto às orientações estabelecidas, e, oralmente, seguindo uma parceria entre docente e discentes, as discussões foram se estruturando e os debates acontecendo, pois todos tinham espaço para opinar e lançar seus entendimentos diante dos textos e dos encaminhamentos dados, o que é algo muito caro no tocante ao desenvolvimento de projetos de letramento, já que o ensino deve dar-se de modo horizontal e não verticalmente, com o professor no centro do saber e o aluno um mero receptor de informações e conhecimentos (Cf. OLIVEIRA & TINOCO et. all, 2012).

Como os alunos já compreendiam, ao menos parcialmente, como se dava a concordância verbal e como constituíam-se seus principais conceitos haja vista observar o gênero em sua totalidade, a análise dos gêneros citados se deu de maneira mais profunda e com menores dificuldades. Vale salientar, inclusive, que os alunos começaram a dar mais atenção à sua prática de escrita quando atrelada às formalidades exigidas pela instância escolar e por outras instâncias sociais, uma vez que começaram a lançar olhares críticos e autoavaliativos acerca das suas próprias escolhas linguísticas, as quais refletem as várias possibilidades que temos à nossa disposição ao fazer uso da língua (VIEIRA, 2007).

Isso veio confirmar, mais uma vez, a eficiência do ensino de língua materna por meio da prática de projetos de letramento como propunham Oliveira & Tinoco et. all, (2011), bem como que o ensino de gramática vinculado a gêneros concretos e funcionais vem se mostrando mais válido em detrimento da prescrição e imposição de normas.

Frisamos, entretanto, que a compreensão do fenômeno da concordância verbal a partir do funcionalismo e dos usos variáveis da língua não implica desconsiderar o papel da escola em sistematizar as particularidades da modalidade padrão, haja vista ser no espaço escolar o lugar apropriado e determinado para tais discussões, mas que a variedade culta é apenas uma dentre as muitas variedades da língua, pois há uma diversidade de gêneros, modalidades e registros, conforme apontam Vieira e Brandão (2007).

Nesse sentido, na letra da canção “Nós vamos invadir sua praia”, de Ultraje a Rigor, por exemplo, os alunos conseguiram associar as marcas de não concordância verbal à informalidade do próprio gênero, como também à liberdade subjetiva que é dada aos compositores de músicas, assim como aos poetas, que possuem certas “liberdades” para construir suas composições textuais. O grau de informalidade e o fato de a letra da música alcançar públicos diversos, com níveis de escolaridade distintos e de contextos sociais variados faz com que as marcas de não concordância entre alguns elementos linguísticos não interfira no sentido global do gênero, uma vez que é possível abstrair sentidos a partir da sua leitura, e ainda, entendimentos coerentes e pertinentes.

Já o editorial “A copa como ela é”, selecionado devido ao contexto vivenciado pela “Copa do Mundo de 2014”, que foi publicado no Jornal Folha de São Paulo online, foi encarado pelos alunos como um gênero mais formal, tendo em vista o contato com esse gênero em outras situações, bem como o entendimento (quase unânime) de características como formalidade, objetividade e imparcialidade na transmissão de opiniões e pontos de vistas por meio de tal gênero, uma vez que os gêneros ligados à argumentação ganhavam, cada vez mais, um espaço privilegiado nesse nível de ensino (9º ano do ensino fundamental), devido às exigências formais de exames pelos quais os alunos passariam, como por exemplo, a seleção para o ingresso no Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN. Os discentes associaram os traços de formalidades exigidos pelo gênero ao fato dele não apresentar marcas estruturais explícitas de não concordância. Com isso, foi possível constatar que eles conseguiram compreender as possibilidades envolvidas ao fenômeno em evidência como algo relacionado a questões linguísticas e extralinguísticas de acordo com as ideias de Vieira (2007), bem como que este fenômeno relaciona-se à própria composição dos gêneros textuais, tidos como manifestações concretas dos discursos, uma vez que alguns gêneros, tendo em vista suas funcionalidades, contextos de uso, meios de circulação e públicos definidos, mostram-se mais favoráveis à marcação da concordância do que outros.

Tendo passado os momentos iniciais de discussões e reflexões a partir de gêneros diversos, conforme apontamos, estimulamos os alunos a exporem, oralmente, temáticas que despertassem seus interesses para pesquisas, discussões e posteriores produções textuais a serem publicadas em um *blog*, o qual seria criado pela turma (9º ano do ensino fundamental) com o objetivo de dar uma finalidade concreta às produções feitas em sala, para que elas não servissem apenas como objetos avaliativos para o professor. A proposta dessas atividades foi bem recebida pela turma, gerando euforia e motivação, primeiro, por dar espaço para eles

exporem seus reais interesses, e, conseqüentemente, por lidar com elementos de suas rotinas diárias, haja vista o universo digital no qual estão inseridos.

A escolha pelo *blog* em detrimento de outros ambientes virtuais conhecidos como redes sociais não se deu de forma impositiva pelo professor pesquisador. Ao passo que as sugestões de suportes e veículos textuais iam sendo lançadas, tanto pelos alunos quanto pelo professor, conjuntamente, fizemos uma apreciação de modo a ver pontos positivos e negativos de sua utilização. Sendo assim, ao optarmos pelo *blog*, levamos em consideração as possibilidades pedagógicas sugeridas com o seu uso em sala de aula, conforme as sugestões de Senra & Batista (2011). Além disso, o *blog*, carrega em si, certos aspectos que favorecem a circulação de textos argumentativos, apesar de, atualmente, ser usado para divulgar notícias e informações de diversas áreas, como beleza, saúde, ecologia, entre outras.

No *blog*, podemos encontrar uma série de seqüências textuais manifestadas em diferentes gêneros, porém destacam-se os argumentativos que priorizam a linguagem formal em sua composição. Dessa forma, é imprescindível compreender as exigências formais da escrita, haja vista saber escolher adequadamente os elementos textuais e gramaticais para a composição do suporte como um todo, o que está de acordo com a finalidade do projeto de letramento envolvendo o ensino de gramática, de modo particular, da concordância verbal.

Depois de escolhermos o suporte para circular as produções dos educandos (artigos de opinião), dando uma funcionalidade comunicativa e interacional a tais produções, que passariam a atuar como práticas escritas situadas e concretas constituindo ações sociais, levantamos, na turma em evidência, temáticas que pudessem estimular o desenvolvimento dos textos e que fossem de interesse dos alunos diante de suas realidades sociais e culturais. Muitas temáticas foram sugeridas, mas a maioria da sala optou, inicialmente, pela temática “Drogas na adolescência”.

A opção por essa temática deu-se pelas discussões realizadas na escola pela equipe do Programa Saúde na Escola e mostrou-se bastante pertinente por se tratar de um assunto recorrente entre jovens e adolescentes. Dessa forma, os alunos dispunham de informações para produzir seus artigos, e como tínhamos a pretensão de publicar as produções em um *blog*, orientamos a escrita de artigos de opinião, já que esse suporte hipertextual se mostra apropriado para a veiculação de opiniões e pontos de vistas por meio de textos mais formais que se constituem através de uma linguagem mais culta, e ainda, por ter sido esse gênero que, a partir das nossas análises, motivou a organização desse projeto, uma vez que os textos iniciais que nos chamaram atenção quanto às recorrências linguísticas inadequadas caracterizavam-se como tal gênero.

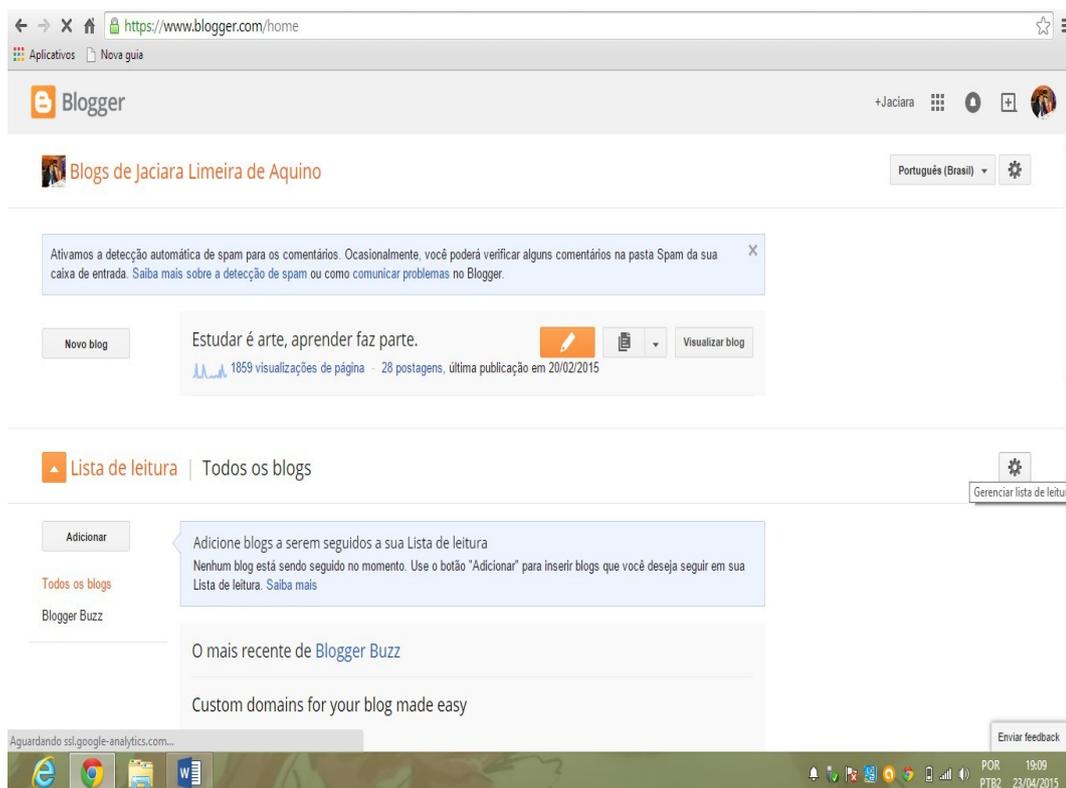
A produção dos textos passou por um processo de escrita, de correção e de reescrita orientada por nós e desenvolvida colaborativamente entre os agentes de letramento envolvidos. Por meio de sorteios, foram organizadas comissões para avaliar os textos e orientar as correções e reescritas sob a nossa supervisão. Essas comissões iam mudando à medida que novas produções iam sendo realizadas, o que implica em inclusão e participação coletiva, tendo em vista as propostas dos projetos de letramento, conforme Oliveira & Tinoco et. all (2011), em que a todos deve ser dada a oportunidade de construir aprendizados e atuar significativamente por meio da leitura e da escrita em situações comunicativas que possam levar a mudanças e transformações sociais. Além disso, essas atividades deram autonomia aos alunos, bem como estimularam o aprendizado com base em reflexões sobre aspectos linguísticos, dando especial atenção ao fenômeno da concordância verbal, pois este ponto foi o mais focado em nosso trabalho.

Com os artigos de opinião produzidos, avaliados e reescritos, a comissão fez a escolha de alguns exemplares desse gênero, levando em consideração critérios como coesão, coerência e aspectos linguísticos, principalmente, o uso adequado da concordância verbal em virtude da formalidade do gênero, bem como aspectos textuais ligados às características do gênero e sua funcionalidade comunicativa. É interessante destacar todo o processo de escrita que perpassou a composição das práticas escritas dos alunos, haja vista a constate necessidade de refacção e aperfeiçoamento, levando em conta a funcionalidade dos gêneros e seus objetivos comunicacionais, envolvendo público leitor e veículo de divulgação.

Tendo sido cumpridas essas etapas, o nosso próximo passo foi à criação do *blog*. Para criá-lo, escolhemos, em conjunto com a sala, um grupo de alunos que já demonstrava certas habilidades digitais com ferramentas hipertextuais, pois já possuíam *blogs* pessoais e/ou tinham o hábito rotineiro de acessar *blogs* com finalidades diversas. Esse grupo coordenou, desde a escolha de um nome para o *blog*, o qual foi denominado “Estudar é arte, aprender faz parte” (<http://estudaraprender92014.blogspot.com.br>), até a inserção de todos os alunos da turma como administradores e colaboradores, haja vista ser uma forma de todos serem autores desse objeto, o que implicaria também no desenvolvimento de multiletramentos (KLEIMAN, 2012). Com isso, não deixamos de lado a participação dos demais alunos, pois o papel primordial do grupo que organizou o *blog*, usando, principalmente, um e-mail do professor pesquisador, foi gerenciar as atividades de modo a desencadear a participação de toda a sala, que, coletiva e colaborativamente, atuou no desenvolvimento de habilidades gramaticais ligadas à concordância verbal, às práticas escritas e também ao universo digital.

Como forma de explicitação, é interessante apresentar a aparência do *blog* ora citado.

Imagem 01: *Blog* “Estudar é arte, aprender faz parte”



Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Conforme anteriormente mencionado, o *blog* foi criado através de um e-mail do professor pesquisador, de modo que a maioria dos alunos foram cadastrados como administradores (com exceção de alguns alunos que tiveram problemas com seus e-mail pessoais, a maior parte tornou-se administrador do *blog*), facilitando o acesso ao universo digital em foco, já que mesmo em outros ambientes e não apenas no espaço da sala de aula, era possível acessá-lo e interagir por meio dele de modo colaborativo, atendendo aos princípios de Oliveira & Tinoco et. all (2012) no que diz respeito à promoção de espaços significativos de aprendizagem.

A imagem inicial do *blog*, é a porta de entrada para esse espaço que oferta uma série de possibilidades comunicativas, como vemos a seguir:

Imagem 02: *Blog* “Estudar é arte, aprender faz parte”



Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Observando essa imagem é possível mostrar a dimensão interacional obtida por meio do *blog*. Como vemos, esse espaço funcionou bem mais do que apenas para veicular a escrita dos alunos, haja vista servir como meio de divulgação de eventos da escola, de imagens do ambiente escolar como uma forma de abrir as portas da instituição para a comunidade externa, isto é, como um lugar/ambiente para expor trabalhos da comunidade escolar como um todo.

Com a criação do *blog* e com o acordo firmado com a turma com a finalidade de que o uso da internet na sala de aula seria como objeto e fonte de aprendizados, a comissão responsável pela avaliação e escolha dos artigos fez o papel de editora, publicando os aqueles que foram selecionados no *blog*. Enquanto isso, outro grupo de alunos se encarregou de inserir, nesse suporte, outros gêneros relacionados à temática em evidência, como tirinhas, charges e curiosidades. Essa autonomia para a realização das atividades sugeridas estimulou os alunos a estabelecerem com a língua, por meio de gêneros variados, um diálogo dinâmico e heterogêneo, o que está em consonância com as proposições de Neves (2003) para o ensino de língua materna.

Nesse processo de escrita e reescrita de gêneros com a finalidade de serem publicados no *blog*, seguimos com outras temáticas, como por exemplo: “gravidez na adolescência” e “a infância de ontem e hoje”. Seguimos os mesmos processos como uma forma de dar continuidade ao projeto, não o deixando cair em vazios. Sendo assim, quinzenalmente,

retomávamos o projeto, estimulávamos a produção, a avaliação, a reescrita e a seleção de textos, e, conseqüentemente, alimentávamos o *blog*.

Em meio a esse processo, percebemos que os alunos identificaram inadequações com relação ao fenômeno estudado (concordância verbal), bem como faziam escolhas apropriadas e condizentes com os níveis de formalidade ou informalidade de gêneros diversos, assim como sugere Vieira (2007). Outro ponto que nos chamou atenção foi a autoavaliação feita pelos discentes quanto ao conceito e uso da concordância, já que conseguiram identificar com facilidade desvios quanto a isso em seus próprios textos e nos textos dos colegas.

Com o desenvolvimento de todas as etapas do projeto, pudemos perceber avanços significativos com relação à compreensão do fenômeno em questão. Como não partimos, simplesmente, da prescrição de normas e regras, fizemos os alunos refletirem científica e criticamente acerca das variedades linguísticas, compreendendo a heterogeneidade da língua em meio à sua funcionalidade em contextos reais de uso.

Ao lidar com possibilidades múltiplas e não com regras únicas e estáveis, permitimos aos alunos uma reflexão sobre as escolhas linguísticas, uma vez que o uso que fazemos da língua é determinado pelo contexto de comunicação e pelas especificidades das situações interativas.

Enfim, por meio dos gêneros diversos, dos multiletramentos proporcionados pelo *blog* enquanto veículo de circulação das produções dos alunos, através das discussões sobre o conceito de concordância verbal e suas possibilidades, por meio das práticas escritas realizadas seguindo todo um processo de elaboração, avaliação e refacção, confirmamos a relevância do ensino de gramática na escola, sendo este pautado numa perspectiva funcionalista pautada nos usos variáveis e possíveis, isto é, tomando por base a heterogeneidade da língua e seus contextos de usos e funções comunicacionais, bem como suas inúmeras possibilidades, a serem escolhidas em virtude das necessidades comunicativas.

De antemão, afirmamos que o projeto contribuiu significativamente para o entendimento do fenômeno da concordância verbal, como veremos a seguir por meio de considerações analíticas feitas levando em consideração alguns artigos de opinião escritos durante o seu desenvolvimento, os quais tomaram por base as sugestões teórico-metodológicas funcionalistas e variacionais já retratadas, como uma forma de apontar as implicações do projeto de letramento no tocante à evolução dos alunos com relação a compreensão do fenômeno da concordância verbal e da produção de artigos de opinião.

5.3 Implicações do projeto de letramento: a compreensão da concordância verbal em artigos de opinião

Conforme mencionado em momentos anteriores, durante o desenvolvimento do projeto de letramento sobre concordância verbal, priorizamos atividades de leitura e de escrita, partindo de gêneros variados, o que está de acordo com os pressupostos dos PCN (1997). Nessas atividades, levantamos questionamentos e reflexões de modo a contemplar a dinamicidade da língua, tendo em vista as diferentes variedades linguísticas, bem como os níveis de formalidade e/ou informalidade da linguagem no intuito de cumprir objetivos comunicacionais específicos e determinados pelo uso da língua em situações reais.

Em meio a esse contexto, propomos um ensino de gramática pautado nos usos linguísticos em situações concretas e reais de interação, uma vez que concordamos com os princípios apontados por Neves (2003), quando argumenta que está na hora de, enquanto professores, deixarmos de apontar erros e passarmos a pensar em criar condições para um ensino mais eficiente da língua portuguesa, o qual deve partir das necessidades dos alunos, de suas condições reais e não de modelos idealizados e diretivos.

Pensando no desenvolvimento de um ensino de língua materna eficiente, acreditamos que é necessário ensinar gramática na escola, porém não do ponto de vista normativo e prescritivo. Por isso, assumimos, em consonância com Martelotta (2013), uma perspectiva funcionalista de gramática, que considera essa parte dos estudos linguísticos como um conjunto de possibilidades, associado ao uso efetivo da língua e do discurso a fim de produzir sentidos em situações reais de comunicação. Sendo assim, partimos dos próprios gêneros dos alunos (artigos de opinião produzidos em um momento anterior ao desenvolvimento do projeto de letramento e principais motivadores na elaboração deste) e de suas inadequações quanto ao uso da língua em determinadas situações comunicativas, principalmente aquelas ligadas à situações formais, isto é, tomamos como ponto de partida o contexto real da sala de aula no qual os alunos estão inseridos, para construir, juntamente com os discentes, compreensões quanto ao fenômeno da concordância verbal.

Assumindo essa postura e pensando em apresentar as implicações efetivas do projeto que foi desenvolvido durante essa pesquisa, bem como, de modo geral, do papel imprescindível que tem o ensino de gramática na escola, levando em consideração a língua em uso e sua variedade, apresentamos considerações com relação a cinco artigos de opinião que foram produzidos durante o desenvolvimento do projeto de letramento.

É válido destacar, que os artigos expostos nesse tópico foram produzidos em meio a situações reflexivas quanto à concordância verbal, levando em consideração a compreensão de gêneros variados, a diversidade da língua em situações específicas de comunicação, dentre outros aspectos. Além disso, em conjunto com os educandos, discutimos diferentes possibilidades de utilização do sistema linguístico, tendo em vista fazê-los reconhecer inadequações e/ou desvios da língua, bem como, de modo consciente e autônomo, serem capazes de escolher as variedades mais adequadas em decorrência do gênero com o qual irão realizar suas práticas sociais, e ainda, as especificidades da linguagem e suas implicações, pois evidenciamos o ensino de gramática em meio a contextos comunicativos concretos (Cf. FURTADO DA CUNHA, 2013).

A produção dos artigos se deu partindo de finalidades comunicativas específicas, e, seguindo, os direcionamentos do que é esperado pela prática de projetos de letramento, conforme apontamentos de Oliveira & Tinoco et. all (2012). Sendo assim, os gêneros produzidos, ou melhor, as práticas escritas, não se limitaram a cumprir critérios meramente avaliativos sob o olhar taxativo do professor, mas representam práticas sociais situadas. A publicação dos mesmos foi feita no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte” (<http://estudaraprender92014.blogspot.com.br/?view=classic>), orientado e gerenciado como um ambiente de aprendizagem, haja vista suas contribuições pedagógicas, assim como nos mostram as discussões de Senra & Batista (2011).

Reiteramos com relação à escolha e uso do *blog* como veículo de divulgação das escritas dos alunos e como espaço de interação e informatividade, que ele fez parte das etapas de desenvolvimento de projeto, sendo considerado como espaço apropriado para o compartilhamento de opiniões e pontos de vistas, conforme mencionado e discutido mais detalhadamente no tópico anterior. Dessa forma, não nos aprofundamos, nesse trabalho, em discussões a respeito desse espaço hipertextual e multimodal e, sim, o situamos como o lugar em que os alunos tinham consciência de que iam divulgar seus textos, o que provocou certas preocupações no tocante às escolhas linguísticas que iam fazer.

Quanto a temática dos artigos em análise, em especial, “Drogas na Adolescência” e “Gravidez na Adolescência”, é cabível evidenciar que elas não foram impostas pelo professor pesquisador, foram escolhidas pelos alunos, em decorrência do contato com palestras proferidas por profissionais ligados ao Programa Saúde na Escola –PSE, que advém de uma parceria entre escola e secretarias estaduais e municipais de saúde e de educação. Nesse ínterim, apesar de serem temas recorrentes em debates e produções textuais, os educandos demonstraram interesses por eles, o que se justifica, tanto pela faixa etária dos discentes, quanto por serem

assuntos com presenças perceptíveis em suas rotinas socioculturais diárias. Mesmo tendo sido trabalhadas outras temáticas, como por exemplo, “Infância, antes e hoje”, bem como outros gêneros textuais, e terem sido divulgadas informações diversas no *blog*, os artigos selecionados foram escolhidos aleatoriamente, de modo a contemplar as duas temáticas anteriormente apontadas, uma vez que o envolvimento dos alunos com elas foi bem maior se comparado às demais.

Antes de passarmos para as considerações específicas acerca dos artigos de opinião selecionados, queremos frisar que eles passaram por processos de escrita, reescrita e seleção criteriosa antes de serem postados no *blog*, o que foi feito de modo colaborativo e coletivo entre alunos e professores. Isso provocou uma evolução no nível de escrita dos alunos, apesar de não terem sido solucionados todos os problemas recorrentes em suas produções, até porque não era a nossa intenção, já que isso seria utópico diante das realidades linguísticas que vivenciamos no contexto escolar e da própria heterogeneidade da língua.

Diante dessas pressuposições, utilizamo-nos dos aportes teóricos levantados nessa pesquisa, conforme expomos nos capítulos teóricos e metodológicos do trabalho, tais como: Vieira (2007), Martelotta (2013), Perini (2010), Furtado da Cunha & Souza (2007), Pezatti (2009), dentre outros, para lançar mão de comentários analíticos sobre os textos, evidenciando a evolução da escrita dos discentes e considerando os artigos escritos anteriormente ao projeto, que mostram limitações, assim como também, as implicações deste para a compreensão de questões gramaticais, de modo específico da concordância verbal.

Inicialmente, trazemos à baila o artigo “Um mundo diferente”, tratando da temática “Drogas na Adolescência”, conforme orientações propostas para a sua produção.

Imagem 03: Artigo de Opinião 6 – *Um mundo diferente*.

The image shows a screenshot of a blog post. At the top left, there is a small icon with the number '26'. The title of the post is 'Um mundo diferente' with a pencil icon. The main text discusses the deterioration of Brazilian society, focusing on drug use and violence among adolescents. It mentions that some research shows adolescents are starting to drink or use other drugs earlier. It also notes that Brazil has been through changes, but not all are good, and that it is common to see headlines about the deaths of young people for trivial reasons. The text continues to discuss the intensity of drug use since the 1990s, particularly in major cities like São Paulo, where crack use is high. It mentions the existence of 'cracolândia' (crackland) and how it affects people. The author suggests that the answer to the problem might be hormones, but specialists say hormones don't control teenagers, and the brain can make bad decisions. The author concludes that the cause of these decisions is a simple desire to appear to society. Finally, the author calls for greater vigilance from parents and public agencies to improve safety and give people more hope, especially in the periphery.

Below the text, there are two blue rectangular boxes, likely representing redacted information. Underneath these boxes are social media sharing buttons for Google+, Twitter, and Facebook. The Google+ button shows 0 shares, the Twitter button shows 0 tweets, and the Facebook button shows 1 like. At the bottom of the post, there is a link to 'Visualizar comentários' and a small logo for 'Modelo Dynamic Views. Tecnologia do Blogger'.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Nesse artigo, destacamos, primeiramente, a construção dos argumentos e a sequência lógica seguida pelo escritor/aluno. Na apresentação dos seus pontos de vistas a respeito do uso de drogas pelos adolescentes, o aluno/escritor mostra, embasado em dados estatísticos de pesquisas, embora não explicita a fonte dos mesmos, que, a cada dia, o uso dessas substâncias vem aumentando e acontecendo cada vez mais cedo. Para ele, esse grande índice de uso de drogas vem da questão de os jovens, em sua maioria, quererem chamar a atenção dos pais e/ou da sociedade e que isso requer uma maior vigilância e prevenção por parte, principalmente, dos órgãos públicos.

Com relação aos aspectos linguísticos, observamos a opção por escolhas gramaticais apropriadas ao gênero e à formalidade exigida por ele, o que não implica dizer, que do ponto de vista do português padrão imposto pela gramática tradicional, não estejam presentes alguns desvios, porém as construções são coerentes e seguem processos de coesão que contribuem para a significação global do artigo. Sobre o fenômeno da concordância verbal com o qual lidamos mais enfaticamente durante o desenvolvimento do projeto de letramento, percebemos que há indícios de realização da concordância, até mesmo naqueles contextos desfavorecedores desse fenômeno, conforme estudos de Vieira (2007), como por exemplo, em enunciados que evidenciam a variável relacionada ao paralelismo no nível oracional, como vemos na amostra

a seguir, em que mesmo estando o sujeito no singular, o verbo encontra-se no plural concordando com o seu objeto que também está no plural:

Amostra 16: Artigo de Opinião 6 – *Um mundo diferente.*

A resposta comum seriam os hormônios.

Para nós, ajustes como esses, ou melhor, escolhas linguísticas como essas, são respostas positivas obtidas por meio de reflexões direcionadas e vivenciadas durante o desenvolvimento do projeto de letramento, pois ao discutir questões gramaticais do ponto de vista funcional pautado em usos concretos da língua em situações comunicativas diversas (Cf. MARTELOTTA, 2013), enfatizamos, juntamente com os discentes, a importância em realizar escolhas adequadas no tocante à concordância, tendo em vista as formalidades da língua portuguesa exigidas em gêneros escritos diversos, como é o caso do gênero artigo de opinião.

Destacamos, ainda, o papel importante da escrita e rescrita das produções, desencadeando aprendizados de modo coletivo e colaborativo, seguindo as sugestões de Oliveira & Tinoco et. all (2012), e também do fato de terem as produções, objetivos definidos, bem como um suporte pré-estabelecido para a sua circulação, o *blog*.

Em meio a essas considerações, salientamos o que sugere Neves (2003) no tocante ao ensino de gramática nas aulas de língua materna, quando afirma que o ensino de gramática e de língua não pode se dar sob as amarras de uma camisa de forças enraizada na gramática tradicional normativa, apenas. É necessário respeitar a natureza da linguagem, a dinamicidade e variedade da língua, como também sua capacidade de adaptação e flexibilidade tendo em vista os diversos contextos sociais.

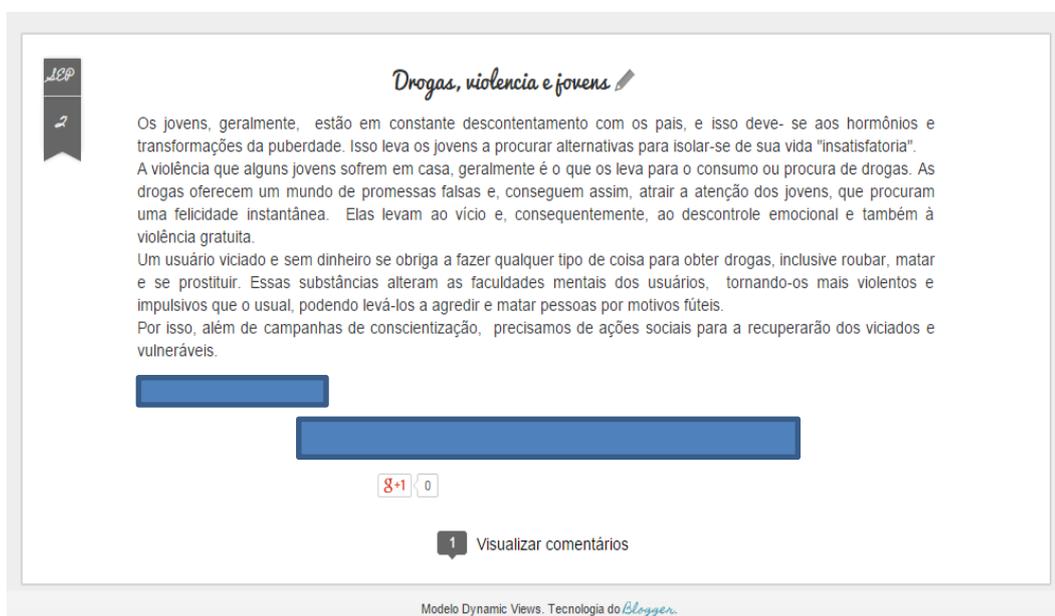
Nesse sentido, considerar tão somente aspectos estruturais dos textos oferece muitas limitações com relação aos usos possíveis que um falante/escritor, criativamente, faz de sua língua (Cf. MARTELOTTA, 2013). Desse modo, para nós, o fato dos discentes, em sua maioria, conseguirem optar por aspectos linguísticos eficientes, em decorrência dos ambientes sociocomunicativos em que estão imersos, apresenta-se como uma implicação satisfatória do processo de intervenção que realizamos em sala de aula.

Como é nosso objetivo evidenciar o papel do ensino de gramática nas aulas de língua portuguesa e, também, as implicações e/ou contribuições do projeto de letramento desenvolvido

em nosso contexto de ensino, afirmamos que, diante do artigo em foco, é possível perceber avanços significativos na escrita dos alunos de modo geral, e não só do aluno/escritor desse texto, haja vista o processo colaborativo e coletivo no qual ele foi produzido, uma vez que o ato de escrita não se dá de forma isolada. As escolhas utilizadas demonstram compreensão quanto às exigências do gênero e sua formalidade, o que não quer dizer que outras opções não pudessem ser feitas, mas que, de modo global, o texto apresenta significação, sendo que esta não se limita, apenas, aos aspectos estruturais.

Dando continuidade, trazemos para a discussão o artigo “Drogas, violência e jovens”:

Imagem 04: Artigo de Opinião 7 – *Drogas, violência e jovens*



Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Nesse artigo, encontramos um encadeamento lógico de ideias que nos levam a construir significações quanto à temática sugerida (Drogas na Adolescência), estabelecendo uma relação entre os três pontos abordados a partir do título: drogas, violência e jovens.

Para o escritor/aluno desse gênero, esses três elementos podem estar associados, já que, por passar por uma fase complexa de mudanças e transformações, os jovens e/ou adolescentes tendem a mostrarem-se insatisfeitos com suas vidas, com os posicionamentos dos pais e/ou responsáveis. Com isso acabam experimentando algum tipo de droga, podendo ocasionar, conseqüentemente, o vício e, sucessivamente, a prática de atos violentos para conseguir alimentá-lo.

A apresentação dos argumentos e pontos de vistas mostra-se bem estruturada por meio de uma sequência de parágrafos que se ligam, completando-se e dando continuidade a tessitura do gênero, simultaneamente. Dessa forma, é nítida a coerência com relação à temática e às escolhas linguísticas efetuadas pelos discentes, uma vez que seguem critérios estabelecidos pela situação comunicativa em destaque, inclusive do suporte que veiculará os textos, posto que o *blog*, enquanto espaço hipertextual altamente interativo, dá alguns direcionamentos de escrita e construção dos textos (SENRA & BATISTA, 2011).

Dando relevo ao fenômeno da concordância verbal, o qual estimulou o desenvolvimento de um ensino de gramática pautado no uso da língua em situações concretas, concordamos com Martelotta (2013) quando ele afirma que ensinar gramática é mais pertinente e útil quando parte da realidade do sujeito falante (aluno), já que isso sugere levar em conta todo o processo comunicacional do qual ele faz parte, seus objetivos, possíveis interlocutores, contextos discursivos, entre outras coisas. Dessa forma, partir do “erro” do aluno deve ser encarado como algo que pode levar a acertos e não como algo impositivo e preconceituoso.

Sendo assim, o fato de termos partido das produções dos discentes, de suas reais necessidades e dificuldades, foi um ponto relevante em nosso trabalho. Com isso, fomos além da prescrição de normas e gerenciamos reflexões embasadas em critérios científicos, que geraram compreensões significativas quanto às possibilidades que a língua portuguesa nos oferece para interagir socialmente, já que há diversas maneiras de compreender e fazer uso da linguagem, pois todas as variedades possuem uma organização estrutural própria e aceitável diante dessa interação e uso real (Cf. FRANCHI, 2006).

Em meio a isso, cabe-nos, enquanto professores de língua materna, assegurar ao aluno o conhecimento dessas variedades, para que ele possa fazer uso delas em suas situações sociocomunicativas. É também nosso papel, levar ao conhecimento do educando a variedade culta da língua, não como forma de estigmatizações preconceituosas, mas por ser na escola que essa variedade se dissemina, podendo ser trabalhada e apreendida. O ensino de gramática não deve partir de exemplos pré-estabelecidos e descontextualizados, e sim da variedade que os alunos trazem para a escola, bem como de outras variedades possíveis (Cf. NEVES, 2003).

Os falantes/escritores não combinam elementos linguísticos aleatoriamente, seguem regras próprias do sistema linguístico. Isso não implica dizer que estas regras, tenham, obrigatoriamente, que estar atreladas à gramática normativa ou à língua culta (Cf. MARTELOTTA, 2013). No entanto, em determinados contextos discursivos, é pertinente fazer usos de elementos mais ligados à variedade culta ou formal, como é o caso da escrita de alguns

gêneros institucionalizados pela escola e por outras instituições da sociedade, por isso a importância de ensiná-la na escola.

No artigo em evidência, destacamos uma adequação visível das escolhas linguísticas utilizadas pelo escritor/aluno, que contribuíram para a realização da concordância verbal em contextos desfavorecedores, conforme estabelece Vieira (2007). Com relação a isso, citamos a realização da concordância verbal em enunciados em que há uma distância considerável entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo; e, também, naqueles que apresentam saliência fônica na forma verbal.

No primeiro caso, de acordo com Vieira (2007), quanto maior a distância entre esses dois constituintes, maior seria a não realização da regra de concordância entre o sujeito e o verbo, entretanto, na amostra a seguir, vemos que, apesar da distância entre esses dois elementos, há a concretização da concordância:

Amostra 17: Artigo de Opinião 7 – *Drogas, violência e jovens.*

Os jovens, geralmente, estão em constante descontentamento com os pais [...]

No segundo caso, a saliência fônica que, em dados contextos, leva à ausência de marcas de plural em verbos flexionados na terceira pessoa do plural, do presente do indicativo, também não implica em não realização da concordância, pois o verbo “alterar” encontra-se flexionado adequadamente em relação ao sujeito e em meio a amostra destacada:

Amostra 18: Artigo de Opinião 7 – *Drogas, violência e jovens*

Essas substâncias alteram as faculdades mentais dos usuários [...]

Esses exemplos mostram o quanto as reflexões e discussões orientadas e gerenciadas durante o desenvolvimento do projeto de letramento sobre concordância verbal, fazendo uso de atividades de leitura e escrita diversificadas, foram positivas para a compreensão desse fenômeno, uma vez que percebemos, claramente, uma evolução nas produções escritas dos discentes. Isso comprova ainda a relevância de se ensinar gramática na escola, sendo o seu

papel, possibilitar os alunos a usarem a língua de maneira autônoma e adequada aos objetivos interacionais, assim como nos diz Neves (2003).

A evolução na escrita dos educandos deve-se a todo o processo de escrita e reescrita desenvolvido de modo coletivo e colaborativo, em que o escritor/aluno não realiza o ato de escrever isoladamente, mas em conjunto com outros agentes de letramento (OLIVEIRA & TINOCO ET. ALL, 2012). Acrescentamos a esse ponto, as particularidades do *blog* que direcionam formas apropriadas de produção escrita, fazendo com que os alunos tenham certas possibilidades e tomem direcionamentos específicos para produzir de maneira adequada, demonstrando competência linguística.

O terceiro artigo selecionado para levantarmos discussões em nossas análises, tem como título: “Gravidez na Adolescência”, sendo assim fazem parte da segunda temática selecionada para a escolha aleatória de artigos com o objetivo de serem analisados nesse tópico:

Imagem 05: Artigo de Opinião 8 – *Gravidez na adolescência*

Gravidez na adolescência

No Brasil, o índice de gravidez na adolescência tem crescido. A iniciação precoce da vida sexual dos adolescentes agregada a pouca informação, muitas vezes gera a gestação inesperada. Algumas letras de músicas, que tem surgido nos dias de hoje, inclinam os adolescentes a praticar o sexo.

O número de adolescentes que são mães, tem crescido significativamente. Algumas pesquisas realizadas pelo IBGE, em especial a ocorrido em 2000, mostra que o número de adolescentes entre 10 e 14 anos, quase dobrou, e os de 15 a 19 cresceu mais da metade.

A mídia, já a alguns anos, com diversos programas, gira em torno de conteúdos que ajudam os adolescentes a querer praticar esse ato.

A maioria dos jovens "em busca de mais prazer" deixam de usar preservativo, o que na maioria dos casos pode levar a gravidez.

Já a alguns anos, as letras de músicas, principalmente as dos funks cariocas, a utilização de rimas ofensivas as mulheres, inclina-as a querer praticar tais coisas presentes nas músicas.

Conclui-se que, é necessário uma comunicação maior entre os pais e adolescentes, precisando de uma maior influência dos outros, mas principalmente de uma melhor compreensão dos adolescentes.

0 eitas

0

0

0

0

Adicionar um comentário

Modelo Dynamic Views. Tecnologia do Blogger.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Esse artigo, assim como os anteriores (embora com temática diferente), também mostra-se organizado, de modo geral, por meio de uma sequência lógica de argumentos que corroboram para a construção de significados e sentidos. Sem dúvida, trata-se de um tema bastante debatido e até mesmo vivenciado pelos jovens e adolescentes com os quais desenvolvemos o projeto. No entanto, percebemos que há um recorrente interesse em discuti-lo.

O escritor/aluno, nesse artigo, afirma, embasado em pesquisas, que a gravidez na adolescência, além de ter crescido nos últimos anos, tem acontecido, cada vez mais, precocemente. Para ele, isso deve-se à forte influência da mídia, de músicas, filmes e programas, que incitam os adolescentes a praticarem atos sexuais sem responsabilidade, até mesmo por não terem maturidade suficiente para tomarem certas decisões e precauções. Soma-se a isso a falta de diálogo entre pais e filhos e uma certa falta de compreensão dos pais para com os filhos adolescentes que acabam buscando e recebendo informações de fontes distorcidas e ineficientes.

Sendo a escrita um processo complexo que sofre interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos, vemos que o fato de este ter finalidades e objetivos comunicacionais estabelecidos haja vista as orientações de produção e veiculação do gênero (no nosso caso, o fato de serem destinados a postagens no *blog* “estudar é arte, aprender faz parte”), faz com que o aluno opte por algumas escolhas em detrimento de outras. Nesse sentido, ele faz uso de uma linguagem formal, marcada por adequações no que diz respeito à concordância verbal, aos elementos coesivos, vocábulos utilizados, dentre outros aspectos consideráveis, tendo em vista os objetivos comunicacionais a que se propõe.

Tais fatores nos permitem sugerir, em consonância com Furtado da Cunha (2013), que ensinar língua portuguesa e, mais especificamente, gramática, deve partir dos reais contextos linguísticos e sociais em que os alunos estão imersos, uma vez que é imprescindível compreender que a língua é maleável, flexível e dinâmica em virtude das situações de comunicação e de suas possibilidades.

Com relação à concordância verbal e às variáveis favorecedoras da não realização desse fenômeno, tomando por base os estudos de Vieira (2007), em alguns contextos desfavorecedores há, ao contrário do que se espera a partir dessas indicações, a realização da concordância verbal, como é o caso das amostras expostas a seguir, em que, mesmo havendo uma distância considerável entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo, há a concretização da concordância entre esses elementos.

Amostra 19: Artigo de Opinião 8 – *Gravidez na adolescência*

A iniciação precoce da vida sexual dos adolescentes agregada a pouca informação, muitas vezes gera a gestação inesperada.

Amostra 20: Artigo de Opinião 8 – *Gravidez na adolescência.*

A mídia, já a alguns anos, com diversos programas, gira em torno de conteúdos [...]

Por outro lado, existem nesse artigo alguns problemas de ordem linguística, que ainda afetam a concordância verbal e também a nominal, bem como questões ligadas à má elaboração de enunciados que afetam a compreensão do gênero em alguns pontos. Isso nos faz refletir a respeito de pontos fracos em nossa pesquisa, como por exemplo, as limitações que temos, enquanto professores, em lidar com todos os aspectos da língua em sua totalidade, o que mostra-se praticamente impossível diante da própria heterogeneidade a que ela está submetida (Cf. NEVES, 2003).

Essa heterogeneidade nos faz tomar determinados caminhos, entretanto, isso não impede de repensarmos as práticas pedagógicas sempre que evidenciamos ineficiências e falhas. Repensar tais práticas em busca de melhores resultados é algo condizente com o desenvolvimento de projetos de letramento nas escolas, pois à medida que rompemos as barreiras do que está posto e buscamos contribuir com novas perspectivas levando em consideração a realidade vivenciada, estaremos dando maiores possibilidades de tornar o ensino-aprendizagem mais significativo e eficiente, assim como defendem Oliveira & Tinoco et. all (2012).

Dessa forma, apesar das inadequações observadas, consideramos a produção em evidência, como um verdadeiro avanço se comparada às produções iniciais que nos levaram a organizar e desenvolver o projeto de letramento abordando pontos sobre a concordância verbal. A justificativa para esse avanço advém de contatos com atividades de leitura e de escrita atreladas a gêneros diversos, que tiveram como ponto de partida as particularidades dos alunos, suas imaturidades, dificuldades e limitações.

As reflexões levantadas em conjunto com os educandos, apesar de não ter dado conta de todos os fenômenos linguísticos observáveis em suas produções, contribuiu para

desencadear compreensões significativas no que diz respeito ao ensino de gramática no contexto escolar.

Na sequência, nos debruçamos sobre o artigo “Quais as consequências da gravidez na adolescência”, o qual aborda, de forma coerente, problemas enfrentados pelos adolescentes aos serem acometidos por uma gravidez precoce e indesejada. A argumentação é construída por meio de um encadeamento lógico de ideias que corroboram para uma compreensão significativa do gênero em sua totalidade.

Imagem 06: Artigo de Opinião 9 – *Quais as consequências da gravidez na adolescência?*



Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

No artigo em foco, vemos que o escritor/aluno toma posicionamentos pautados em dados empíricos que mostram a gravidez na adolescência como um problema que se deve, principalmente, à falta de orientação por parte dos pais e da família, bem como à busca por prazeres momentâneos. Como consequências de uma gravidez precoce, cita problemas sérios de saúde, risco de morte advindo de abortos clandestinos e ilegais e o abandono da escola, além do fato de terem que assumir certas responsabilidades para as quais não estão preparados. Por fim, aponta para a necessidade de haver mais informações e cuidados direcionados a esses sujeitos em desenvolvimento.

No tocante aos aspectos linguísticos estruturais do artigo em destaque, observamos que as escolhas mostram-se adequadas, em sua maioria, à formalidade do gênero, às especificidades

da situação comunicativa e ao veículo/suporte no qual circula – o ambiente digital do *blog*, criado e gerenciado pelos alunos, sujeitos ativos da nossa pesquisa e intervenção. Essa questão de ter autonomia para efetuar escolhas linguísticas adequadas às situações sociocomunicativas é o que se espera de um ensino de gramática eficiente, que para nós, em consonância com Neves (2003) e Martelotta (2013), pode se dar a partir de uma perspectiva funcionalista que leve em consideração os usos reais da língua e sua heterogeneidade.

A composição deste artigo mostra que o educando, assessorado pelo contexto colaborativo vivenciado em sala de aula, está desenvolvendo competências de leitura e, principalmente, de escrita, que o permite realizar práticas escritas, refletindo sobre as estruturas gramaticais que lhe são pertinentes, pois em decorrência dos contextos interacionais, algumas escolhas se mostram mais adequadas do que outras e, ter autonomia para optar por aquelas mais coerentes, são objetivos a serem desenvolvidos pelo ensino de língua portuguesa, assim como afirma Vieira (2007).

Para isso, o ensino deve se deter menos a exercícios gramaticais descontextualizados e possibilitar ao aluno o reconhecimento e domínio das várias modalidades da língua e da modalidade culta, conforme sugere Vieira & Brandão (2007). Nesse sentido, acentuamos mais uma vez as implicações positivas de uma prática de ensino que toma forma a partir das reais necessidades e interesses dos alunos, considerando suas histórias culturais e sociais, o que está em conformidade com as pretensões dos projetos de letramento (Cf. OLIVEIRA & TINOCO et. all, 2012), de modo geral, bem como do que foi desenvolvido em sala de aula como mostramos no capítulo metodológico do nosso trabalho.

A abordagem tradicional sobre concordância verbal, tomando por base as sugestões de Bechara (2009) e de outros gramáticos discípulos de tal perspectiva, propõem uma regra geral e uma série de exceções que não dão conta de todas as variáveis concretizadas por meio do uso da língua em situações comunicativas efetivas. Esse fato foi comprovado a partir da nossa vivência enquanto professor pesquisador e nos motivou a propor um ensino gramatical sobre esse fenômeno, possibilitando reflexões que possam ajudar os alunos a compreenderem as várias possibilidades da língua e seus efeitos em meio aos usos concretos.

Esse ensino, organizado e direcionado por meio de um projeto de letramento sobre o fenômeno ora citado, acarretou avanços nas práticas escritas dos alunos e a superação de “falhas” e ou “erros”, se é que podemos tratar certas inadequações com essas nomenclaturas, uma vez que, de acordo com a postura funcionalista, o “erro” não pode ser tomado como objeto de punição e sim como algo para ser refletido, levando em conta as várias possibilidades que a língua oferece aos seus usuários (Cf. NEVES, 2003).

No intuito de explicitar a realização da concordância verbal em situações desfavorecedoras à concretização do fenômeno em cheque, trazemos duas amostras do artigo ora em análise. Primeiramente, temos uma amostra em que se observa uma distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, o que para Vieira (2007) é desfavorecedor da realização da concordância:

Amostra 21: Artigo de Opinião 9 – *Quais as consequências da gravidez na adolescência?*

Um dos problemas que continua atingindo uma grande porção de jovens é a gravidez precoce.

Nesse período composto por coordenação, a concordância verbal é evidenciada nitidamente, conforme destacamos na própria amostra. No entanto, destacamos que exemplos como esses não podem ser tomados como categóricos, nem muito menos como constituindo uma regra, pois ao passo que os usos linguísticos vão se fazendo presentes nas situações comunicativas, eles estão expostos à própria evolução da língua, o que implica no aparecimento de novas estruturas e possibilidades.

Na sequência, expomos uma amostra, também retirada do artigo em foco, no qual a concordância é realizada em meio a um paralelismo sequencial de verbos, que segundo Vieira (2007), implica e/ou dificulta a realização do fenômeno:

Amostra 22: Artigo de Opinião 9 – *Quais as consequências da gravidez na adolescência?*

[...] as garotas param de estudar, enfrentam transtornos com a família por falta de apoio [...]

Como vemos, os verbos “parar” e “enfrentar” flexionam-se na terceira pessoa do plural, concordando com o sujeito “as garotas”. De acordo com Vieira (2007), verbos terminados com essas desinências são mais propícios a não realização da concordância, coisa que não acontece nesse enunciado. Para nós, isso se mostra como uma superação de limitações por parte dos

alunos, tendo em vista a cientificidade e as reflexões que perpassaram os estudos acerca de tal fenômeno. Vale destacar que esse exemplo é ainda representativo da variável explicitada anteriormente, pois o verbo “enfrentar”, apesar de distante do sujeito, concorda com este em gênero e número.

Diante dessas considerações, reiteramos nossa crença de que o trabalho com projetos de letramentos pode constituir-se como favorável ao ensino de língua portuguesa, de modo geral, e de gramática, de modo específico, pois oferta possibilidades de reflexão acerca da língua, vendo-a como algo constitutivo das reais situações comunicativas e não como algo idealizado. Além disso, supõe colaboratividade e horizontalidade das práticas pedagógicas, sendo isto eficiente e favorecedor de um ensino-aprendizagem significativo e de qualidade (Cf. OLIVEIRA & TINOCO ET. ALL, 2012).

Finalizando esse tópico, trazemos o artigo “Algo comum, mas nem sempre bom”. De modo geral, o texto traz discussões e posicionamentos pertinentes sobre o tema lançado para a produção – “Gravidez na adolescência”. O aluno/escritor mostra conhecimento a respeito do referido tema e consegue organizar as ideias de modo coerente e compreensível para seus possíveis interlocutores, como vemos a partir de uma leitura crítica.

Imagem 07: Artigo de Opinião 10 – *O apressado come cru.*

O apressado come cru.

É fato que a vida sexual dos de nosso país está sendo iniciada cada vez mais cedo. Esse fator combinado com a falta de conscientização e de diálogo com os pais, faz com que haja , atualmente, um enorme número de mães adolescentes e/ou solteiras no Brasil e no mundo.

O apelo sexual presente nos filmes, livros e na TV atraem a atenção dos adolescentes. Segundo um estudo realizado pela empresa Rand Corporation, adolescentes expostos a esse tipo de conteúdo têm o dobro de chances de serem pais na adolescência . E isso deve-se ao estímulo que os jovens sentem à praticar o ato sexual quando são expostos à programas, filmes e músicas que tratam o sexo como algo cotidiano, incitam e pressionam os jovens.

O adolescente, à procura de novas emoções, e desprovido de conscientização sobre o assunto, não toma as precauções necessárias para evitar o contaminação por doenças sexualmente transmissíveis ou a gravidez indesejada. Um adolescente, que está em fase de transformações físicas e psicológicas não tem a capacidade de criar uma criança, suprimindo todas as suas necessidades e preparo, e acabam passando pelo mesmo problema na adolescência.

As medidas preventivas para esses problemas não são apenas os preservativos, o mais importante é o diálogo entre os pais e os filhos, a conscientização de que iniciar a vida sexual precocemente pode acarretar em sequelas para a vida emocional e profissional.

Autor: Paulo Henrique Queiroz

Postado há 8th October 2014 por Paulo Henrique

Modelo Dynamic Views. Tecnologia do Blogger.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Em comum com os demais artigos explicitados nesse tópico, vemos a exposição de argumentos que demonstram a precocidade de uma gestação durante a fase da adolescência, haja vista o fato de poder acarretar uma série de consequências para o adolescente e para a sua família, tais como, abandono dos estudos, problemas de saúde, mudanças radicais para as quais ainda não há um verdadeiro preparo, dentre outras. Isso faz com que, segundo as opiniões constatadas, deva existir um direcionamento mais eficiente de informações e orientações para esse público, no que diz respeito à educação sexual e as formas de prevenção, tanto da gravidez, quanto de doenças sexuais.

No tocante aos aspectos linguísticos, algumas escolhas estão inadequadas às exigências de uma língua dita culta e formal em consequência das especificidades do gênero. A partir disso se evidencia o próprio funcionamento da língua tendo em vista os processos cognitivos imbuídos nas opções de uso que o falante/escritor faz, conforme discute Ploenes & Brasil (2015). Porém, em se tratando das variáveis favorecedoras da não concordância apontadas por Vieira (2007), que destacamos com mais ênfase no primeiro tópico do capítulo de análises, observamos a superação de algumas recorrências, como é o caso das amostras a seguir, em que, mesmo havendo uma distância considerável entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo, a realização da concordância é estabelecida.

Amostra 23: Artigo de Opinião 10 – *O apressado come cru.*

Um fato que vem se tornando cada vez mais frequente é a gravidez na adolescência.

Amostra 24: Artigo de Opinião 10 – *O apressado come cru.*

A menina que se encontra [...] não está suficientemente preparada para a gestação [...]

Reiterando, nessas amostras a variável apontada por Vieira (2007) não impede que a concordância verbal seja efetivada. Essa efetivação é explicável se levarmos em consideração todo o processo interventivo que foi realizado com os alunos em decorrência de problemas diagnosticados em suas práticas escritas (conforme apontamentos anteriores). Tal processo, que

seguiu orientações funcionalistas de um ensino pautado no desenvolvimento de projetos de letramento na escola, especialmente, nas aulas de língua materna, contribuiu significativamente para elevar a competência escritora dos alunos.

A elevação a que nos referimos considera que o ensino de língua portuguesa, especialmente de gramática, que muito aflige educadores e alunos, só pode fazer sentido e ser eficiente quando apresenta a língua, sua estrutura e seus elementos, de modo contextualizado com a realidade sociocultural dos mesmos. Sendo assim, os fenômenos linguísticos devem ser tratados em relação com a língua em uso, evidenciando a sua variedade constitutiva em meio as diversas possibilidades de interação (Cf. NEVES, 2003).

As considerações gramaticais levantadas em sala de aula destacaram as possibilidades de se desenvolver um raciocínio científico sobre a língua, pois de acordo com Martelotta (2013) e com Vieira (2007), essa cientificidade leva os discentes a identificarem enunciados e textos “malformados”, isto é, em desacordo com algumas formalidades exigidas por alguns gêneros, bem como efetuar escolhas adequadas e coerentes às particularidades das práticas escritas com as quais se comunicam.

Em consonância com esse pensamento, Perini (2010) afirma que os falantes munidos de um ensino que se sustente nas variedades constitutivas da língua, conseguem compreender situações linguísticas, quando essas mostram-se adequadas e/ou inadequadas, já que um ensino que finca suas bases nos reais usos da língua e na sua funcionalidade não pode obscurecer a dinamicidade e heterogeneidade da nossa língua materna.

A funcionalidade da língua e seus usos efetivos mostram que a linguagem é um instrumento de interação social. Posto isso, concordamos com Pezatti (2009), quando pontua que a variedade da língua não pode ficar de fora das práticas de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, nem tão pouco ser abordada como erro, caso fuja ao que é imposto pela variedade culta. Porque, segundo o referido autor, para, de fato, haver uma compreensão eficiente da língua, enquanto sistema comunicativo e social, devemos levar em conta sua flexibilidade e capacidade de adequação e evolução em virtude das práticas sociocomunicativas, o que foi nossa principal preocupação nessa pesquisa.

Outro ponto a destacarmos é a eficiência do *blog*, veículo de divulgação das produções dos alunos, haja vista as proposições e pretensões do projeto de letramento que foi desenvolvido, uma vez que, por se tratar de uma possibilidade didático-pedagógica (Cf. SENRA & BATISTA, 2011), estimulou os discentes a determinarem suas escolhas linguísticas de acordo com o gênero o qual produziram, e, além disso, deu uma finalidade comunicativa e

interacional às práticas escritas de forma motivada, fazendo-os refletirem sobre aspectos linguísticos e textuais de modo científico.

Diante do exposto, os avanços averiguados nas escritas dos discentes, as quais foram realizadas em meio às discussões orientadas em virtude das variedades linguísticas destacadas em sala de aula por meio de gêneros diversos, mostra-nos a eficiência da prática de projetos de letramento abordando questões gramaticais. Enfim, quando o ensino se configura como uma prática atrelada às reais condições da sala de aula, bem como quando se fundamenta nos usos reais da língua, colaboramos para um ensino verdadeiramente funcional, eficiente, criativo e com possibilidades de desenvolver o raciocínio crítico e a autonomia dos discentes, ao menos em alguns aspectos.

5.4 Retomando alguns pontos e estabelecendo algumas considerações quanto as análises levantadas

Como forma de interrelacionar os principais pontos abordados nas análises de nossa pesquisa, achamos conveniente chamar a atenção para alguns aspectos e considerações que se mostram importantes por corroborarem na compreensão do papel do ensino de gramática na escola, especificado através do fenômeno da concordância verbal, bem como das implicações evidenciadas através da promoção de um projeto de letramento sobre esse fenômeno, e ainda, das explicações lançadas para justificar a não concordância em determinados contextos.

Ao apontarmos explicações para a não realização da concordância verbal em determinados contextos evidenciados em artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano do ensino fundamental da escola especificada nessa pesquisa, tomando por base as considerações de Vieira (2007), Furtado da Cunha & Tavares (2007), dentre outros teóricos, tivemos a possibilidade de constatar que inadequações linguísticas não podem ser, simplesmente, encaradas como erros e tidas como objetos de avaliações negativas por parte do professor e da escola, uma vez que para tais inadequações há, na maioria das vezes, uma justificativa embasada em critérios científicos.

No caso das recorrências apontadas, percebemos que a variedade própria da língua materna contribui para a realização de escolhas que, em muitos momentos, podem estar inadequadas, o que requer reflexão e discussão em meio ao espaço do ensino e da aprendizagem a fim de promover o desenvolvimento de compreensões significativas à respeito da língua em uso e de suas diversidades, promovendo nos educandos a capacidade de optar por aquelas que melhor possam se fazer presentes mediante as especificidades da situação comunicativa.

Conforme podemos observar, partir de problemas reais constatados na sala de aula em que vivenciamos a experiência de docência em língua portuguesa, foi fundamental para direcionarmos reflexões à respeito da nossa prática de ensino, estruturando um projeto que pudesse contribuir para a compreensão do fenômeno da concordância verbal, enquanto item gramatical de grande importância na composição de determinados gêneros textuais.

Esse projeto, motivado pelas recorrências de inadequações de escolhas linguísticas que promoviam falhas na concordância verbal, foi de grande contribuição para o avanço da escrita dos alunos, que passaram a compreender determinadas particularidades da língua e a realizar escolhas linguísticas de modo consciente, que pudessem estar adequadas a níveis de linguagem diversos. Mesmo não dando conta de todos os “problemas” constatados nas produções escritas dos educandos, o projeto de intervenção se sobressaiu positivamente, contemplando atividades de leitura e de escrita em diferentes ambientes de aprendizagem com destaque para a influência do *blog* (ambiente de circulação e divulgação dos textos dos alunos criado durante o desenvolvimento do projeto).

A positividade do projeto de letramento sobre concordância verbal que foi desenvolvido na sala de aula já apontada, pode ser evidenciada por meio das práticas escritas dos alunos (artigos de opinião produzidos durante o desenvolvimento do projeto) em que, mesmo em contextos desfavorecedores, há a realização da concordância, pois educandos (escritores/alunos) conseguiram optar por escolhas que se mostraram adequadas à formalidade exigida pelo gênero e por seu ambiente de circulação.

Tudo isso mostra que, em consonância com os posicionamentos de Neves (2003) e de outros teóricos, como por exemplo, Furtado da Cunha & Tavares (2007), Martelotta (2003), dentre outros estudiosos, há necessidade de a escola trabalhar com os conteúdos gramaticais, mas o ensino não pode estar limitado à prescrição de norma e regras ditadas de modo descontextualizado. O papel do ensino de gramática na escola é de extrema relevância, pois é lá que o aluno pode ter acesso a saberes institucionalizados. Entretanto, só fará sentido se, seguindo a postura de Martelotta (2013), Martelotta & Areas (2003) e Franchi (2006), estiver ancorado nos princípios funcionalistas da língua, partindo dos usos reais com os quais os falantes interagem nas situações comunicativas, considerando ainda, a heterogeneidade desse sistema, bem como sua capacidade de evolução e dinamicidade para se adequar a esses diferentes contextos interacionais.

Dessa forma, acreditamos ter alcançado os objetivos a que nos propomos, como também comprovamos a nossa pré afirmação sobre a necessidade do ensino de gramática na escola,

assumindo que esse ensino requer constantes reflexões que possam ir ao encontro da intrínseca funcionalidade da língua como sistema comunicativo, dinâmico e heterogêneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da nossa vivência enquanto docente de língua portuguesa, observamos que os educandos, em sua maioria, enfrentam dificuldades para lidar com a língua. Essas dificuldades vão desde a escolha de vocábulos para expressarem suas opiniões, até o modo como os organizam em textos, uma vez que escolhas inadequadas podem incorrer em “desvios”, gerando a reprodução e perpetuação de mitos quanto ao ensino de português.

Na nossa vivência diária enquanto docente de língua portuguesa, constatamos, por meio de observações das nossas rotinas diárias em sala de aula e em textos produzidos pelos educandos (9º ano do ensino fundamental, da E. E. 29 de Março, Portalegre-RN), que seria necessário repensar o ensino de gramática na escola, haja vista ser este imprescindível para que eles pudessem agir por meio da língua em seus contextos comunicativos e interacionais. Dessa forma, foi desse ponto que partimos para desenvolvermos esse trabalho, uma vez que foi constatado que ensinar a gramática pela gramática não fazia sentido para os alunos e que seria necessário promover um ensino que tomasse a língua em uso e não que partisse de uma noção ideal de língua e, conseqüentemente, de gramática.

Ao observamos, com olhares críticos, as práticas disseminadas nas aulas de língua materna, pudemos ver que, na maioria das vezes, o ensino da língua limitava-se à transmissão de regras e prescrições impostas por uma noção ideal de gramática ancorada no tradicionalismo de estigmatizar esse ideal como o correto, bem como a própria língua em sua totalidade. Esse ensino, responsável pela disseminação de mitos e preconceitos, colabora para a geração e reprodução de ineficiências que se tornam visíveis através das dificuldades que os discentes demonstram com relação ao uso da língua, principalmente, quando este uso está ligado a situações escritas formais.

Essas dificuldades que mencionamos foram confirmadas ao passo que tomamos as práticas escritas dos alunos (artigos de opinião produzidos anteriormente ao desenvolvimento do projeto de letramento e principal motivador deste) como objetos de análises para repensar o ensino no qual estávamos inseridos. Nessas escritas, várias recorrências foram destacadas, dentre elas, a que mais nos chamou a atenção, foi a não realização da concordância verbal, e

como não pretendemos dar de conta de todo o universo possível nessa perspectiva, nos detemos apenas ao fenômeno ora mencionado.

Com isso, levantamos alguns questionamentos e traçamos alguns objetivos que pudessem promover considerações quanto ao papel do ensino de gramática na escola, pensando em sugerir reflexões e explicações, ancoradas em critérios científicos, para o fenômeno em destaque nos gêneros produzidos pelos alunos, bem como possibilidades, através de intervenções pedagógicas, que pudessem amenizar as dificuldades observadas e, colaborar para a compreensão da língua, como um sistema dinâmico, heterogêneo e que estar a serviço da comunicação.

Diante dos questionamentos e objetivos lançados no intuito de desenvolver a nossa pesquisa, foi possível perceber que, em se tratando de entender qual o papel do ensino de gramática na escola, de modo geral, e da concordância verbal, especificamente, tomando por direcionamento as contribuições do funcionalismo linguístico e o caráter variável da língua, seguramente, é necessário tratar de questões gramaticais no âmbito escolar, porém esse tratamento não deve partir das regras, como se estas não tivessem relação com a comunicação social efetiva e como se os alunos não tivessem, a seu modo, um conjunto de regras com as quais eles utilizam o sistema da língua em seus contextos interacionais, deve partir, ao contrário, da comunicação em situações reais.

Como vemos, ao sugerirmos explicações científicas para a compreensão do fenômeno da concordância verbal, entendendo que determinados contextos cooperam para a sua realização ou não, começamos a tratar os “erros” observados nas produções dos alunos, não do ponto de vista negativo e punitivo, mas como uma possibilidade para retextualizações, vendo-os como ocorrências possíveis dentro do sistema linguístico que, em contextos particulares, podem acarretar em inadequações ou em escolhas eficientes. Assim, a análise realizada nas práticas escritas dos alunos (artigos de opinião), nos faz afirmar, reiteradamente, a importância de promover vivências científicas com relação aos fatos da língua, na tentativa de desenvolver considerações que possam afetar a prática de ensino e a sua compreensão do ponto de vista social.

Ao querer tratar esse fenômeno dentro da sala de aula de uma maneira que pudesse fazer sentido para os discentes e sem levar em conta apenas questões teóricas, optamos, então, pelo desenvolvimento de um projeto de letramento, o qual, por meio de atividades de leitura e, principalmente, de escritas pré-estabelecidas e funcionais, contribuiu, significativamente, para a compreensão do fenômeno em evidência. Esse projeto foi fundamental para comprovarmos que o ensino deve partir dos anseios dos alunos, oferecendo a eles, as condições necessárias

para que possam desenvolver as competências esperadas e superar as dificuldades que lhe afligem, ao menos em parte. O fato de partirmos de gêneros com níveis de linguagem distintos, circuláveis em suportes diversos e com funcionalidades comunicativas várias, possibilitou a observação de que a língua é um sistema dinâmico e variável que toma forma em decorrência do uso em situações reais, tendo em vista os objetivos e interesses imbuídos nos processos de interação e comunicação. Outro ponto a destacar com relação ao projeto interventivo desenvolvido em sala, foi a finalidade dada às produções escritas dos discentes, uma vez que o ambiente digital do *blog* criado e gerenciado por eles, além de determinar critérios e escolhas linguísticas relacionadas à produção, oportunizou a visibilidade de suas escritas, pontos de vistas e opiniões, ao invés de pararem, literalmente, na pasta do professor, servindo como algo para gerar apenas uma nota.

As contribuições do projeto podem ser explicitadas, por exemplo, pela evolução observada nas práticas escritas que os educandos desenvolveram no decorrer do desenvolvimento do projeto, uma vez que demonstraram compreensão a respeito do fenômeno discutido, haja vista que, mesmo em contextos desfavorecedores à realização da concordância verbal, esta foi, na maioria dos casos, adequadamente concretizada. Isso mostra que estimular os alunos a pensarem a respeito da língua, entendendo-a como dinâmica, heterogênea e variável, é algo a ser priorizado pelo ensino de língua materna. Desse modo, questões como autonomia, criticidade e criatividade podem ser levadas em conta, tornando o ensino prazeroso e significativo, e deixando de lado as concepções que afastam os alunos da escola, porque pretendem desvinculá-los dos seus contextos socioculturais reais, desconsiderando seus conhecimentos e competências.

Em linhas gerais, tratar na sala de aula da língua em uso, enquanto instrumento de interação atrelado às situações reais de comunicação, é dar a oportunidade dos educandos pensarem a respeito dos usos que eles próprios fazem da língua, levando-os, com isso, a tomarem consciência de que algumas escolhas podem ser mais adequadas do que outras, o que demonstra a variedade da língua e não que o escrevente errou ou acertou ao fazer uso de tais escolhas, quando pretendia cumprir seus objetivos comunicacionais. É claro que existem escolhas que se mostram como verdadeiras impossibilidades de significação, mas, na maioria dos casos, o que é encarado como erro é passível de explicação e justificativa, haja vista critérios linguísticos e extralinguísticos.

Diante do exposto, com as discussões apresentadas nesta pesquisa, comprovamos a hipótese de que é necessário repensar o ensino de gramática na escola, pois este é indispensável para que os usuários da língua possam participar de diversas situações interativas e

comunicacionais a que sejam submetidos. Sendo assim, o seu papel é estar a serviço da comunicação, uma vez que só no uso efetivo e concreto é que ela pode ser estudada e compreendida.

Sendo assim, essa pesquisa contribui com discussões a respeito do ensino de gramática, que mesmo bastante discutido, ainda requer atenção, haja vista sua necessidade no contexto escolar e em outras situações interacionais que lidam com a língua em sua variedade. De modo específico, contribui com sugestões interventivas práticas e exitosas que reconfiguram a dinâmica tradicional do ensino-aprendizagem em língua materna.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CEZARIO, M. C & FURTADO da CUNHA, M. A. **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FURTADO da CUNHA, M. A. & SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007;
- FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 157-176)
- FURTADO DA CUNHA, Angélica & TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, Angélica & TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Editora da UFRN, Natal-RN, 2007 (p. 13-52)
- GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2004.
- GUTIERREZ, Suzana. **O fenômeno dos weblogs: as possibilidades trazidas por uma tecnologia de publicação na internet**. Informática na Educação: teoria & prática. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=o+f%C3%AAnomeno+dos+weblogs:+as+possibilidades+trazidas+por+uma+metodologia+de+publica%C3%A7%C3%A3o+na+internet>. Acesso em: 05 de janeiro de 2013.

HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KLEIMAN, Ângela & SEPULVEDA, Cida. **Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 14. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LORENZI, Gislaíne Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Reká Wanderley de. Blog nos anos iniciais do Fundamental I. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (p. 35-54)

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 43-70).

_____, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, M. A & RIOS DE OLIVEIRA, M. et. all (Orgs.). **Linguística funcional teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (p. 57-71).

MARTELOTTA, Mário Eduardo & AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A & RIOS DE OLIVEIRA, M. et. all (orgs.). **Linguística funcional teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (p. 17-28).

MINAYO, Mara Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira D. Romeu (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2011.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2001.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, F & BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTES, Renata Lopes Jaguaribe; FILHO, José Aires de Castro. **O uso do blog como ferramenta de ensino-aprendizagem por professores participantes do Projeto Um Computador por Aluno (UCA)**. Anais do XXII SBIE – XVII WIE, Aracajú, 2011. Disponível em: portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016590.pdf. Acesso em: 05 de outubro de 2013.

PLOENNES, C. & BRASIL, M. Reviravoltas da Concordância. Revista **Nova Escola**, Ano 9, n. 105, julho de 2014. (p. 26-33).

SENRA, Marilene Lanci Borges; BATISTA, Helena Aparecida. **Uso do blog como ferramenta pedagógica nas aulas de língua portuguesa**. Diálogo e Interação, v. 5, 2011. Disponível em: <http://www.facrei.edu.br/gc/anexos/diartigos69.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2013

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. **A pesquisa participante e seus desdobramentos – experiências em organizações populares**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Direitos/Direitos8.pdf>. Acesso em: 29 de outubro de 2013.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIEIRA, S. R. **Variação linguística, texto e ensino**. Revista (Con-)texto linguístico. Vitória/ES: EFES, 2009.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.) **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, S. R. Concordância Verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.) **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007 (p. 85- 102)

VOTRE, S. J. **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

ANEXOS

Artigo de Opinião 1: Abrir o olho para o abuso

DSTQ, QSS



língua Portuguesa

Produção textual:

título: Abrir o olho para o abuso.

Abuso sexual, é impropriedade de "Afeto" de quem abusa a mais com alguma pessoa que se mal conhece ou principalmente com as pessoas que o abusador conhece de longe ou que tem muito contato.

O abusador preferi "Ataca" crianças e adolescentes, ele se aproveita da inocência daquela pessoa de pouca idade sem muito conhecimento, daquela jovem ou daquela jovem e faz chantagens, procura comprar de várias formas a vítima de várias formas, presentando procurando agradar o futuro abusado.

Os pais da criança as vezes nem percebem nada nem um sinal do abuso, e o jovem a criança não quer falar nada para os pais com medo das ameaças, com medo que aconteça algo com seus família ou com ela mesma.

A maioria dos abusos podem durar por um longo período de tempo as vezes quando a pessoa é muito jovem, muito nova ai ocorre o abuso por até anos ou no mais comum meses.

Portanto, os pais tem que ter mais cuidado com seus filhos, olhar sempre as redes sociais se está conversando com pessoas estranhas, o que é que estão conversando. Ser mais aberta com seus filhos para que eles sejam abertos com os pais.



Artigo de Opinião 2: Abuso sexual nas redes sociais

Língua Portuguesa

Título: Abuso sexual nas redes sociais

O abuso sexual com crianças e adolescentes é muito comum, muitas cidades grandes, país, as abusadoras muitas vezes estão aumentando o nível de abuso sexual com crianças e adolescentes, estão aumentando as abusadoras também nas redes sociais.

As redes sociais não as principais chamadas para o abuso sexual contra crianças e adolescentes, país, as abusadoras muitas vezes encontram com crianças ou adolescentes e com isso elas fazem abuso, elas podem pagar nas partes íntimas de suas vítimas e podem até fazer coisas ruins, essas abusadoras não muitas vezes elas espancam a vítima, bate na vítima e fazem outras crueldades.

Os abusadoras procuram mais as crianças, país, elas das promotoras para fotografar as crianças, isso elas promotoras pelas redes sociais, e as crianças recebem nas escolas, as crianças não sabem o abuso, país, elas sabem muito cedo, essas crianças e adolescentes tem que ficar esperto quando estiver conectado nas redes sociais.

Essas promotoras de abuso sexual essas organizações públicas tem que tomar providência de seus crimes há muito, essas adolescentes não pode continuar com pessoas desconhecidas nas redes sociais.

Exigimos, essas organizações tem que ser punidas, a autoridade tem que aumentar mais leis e o abuso sexual nas redes sociais, as leis, as culpadas é as país, por deixarem essas adolescentes pensarem quase o dia todo conectado nas redes sociais.

Artigo de Opinião 3: Abuso sexual com crianças e adolescentes

Língua Portuguesa

Título: Abuso sexual com crianças e adolescentes.

O abuso sexual contra crianças e adolescentes ultimamente está muito grande na sociedade, nesse anos o nível de abuso sexual aumentou muito, até nas redes sociais contra o abuso. Pais também gera muitas perguntas com relação ao abuso de crianças e adolescentes.

Muitos adolescentes e crianças quando é abusado não falam denúncias com vergonha até as vezes o estupro por terceiros, as redes sociais também ventila muito tipo de abuso como inadjetivos, pornografia e outros, isso acontece muito nas cidades grandes que recebem muito abuso mas não denunciam com medo.

Muitas crianças e adolescentes são abusado por conhecidos alizando elas, tirando fotos inadjetivos, e também abusando de outras formas como dando presentes, beijos no rosto e outros. Pais também o abuso que leva até estupro pode até ocorrer se não se tratar, pois muitas famílias que a criança ou adolescente que recebem o abuso ficam com vergonha por ter outras culpas.

Por tanto devemos combater o abuso não tendo conversas com pessoas estranhas, ter cuidado nas redes sociais no que você for ver, não receber presente também de estranhos que você não conhece, pais devemos ter cuidado e vamos combater o abuso sexual.

Artigo de Opinião 4: Abuso sexual geral muita consequência



Wérgia Portuguesa

Título: Abuso sexual geral
muita consequência

Atualmente, o abuso sexual contra crianças e adolescentes está se tornando cada vez mais comum. Isso gera muita repercussão, pois esse tipo de crime causa muitos danos físicos e psicológicos à vítima.

O abuso pode ocorrer de várias formas: verbalmente, por meio dos olhos, sorrisos e fisicamente, e entre outros, geralmente os agressores da presentando em forma de carícias melancólicas, e quando ganha finalmente a confiança da vítima, eles começam a abusar dela, em forma de determinados atos inadequados, forçando-a a fazer coisas que ela não quer.

Quem são os vítimas? Segundo os dados estatísticos são os crimes entre 5 e 10 anos de idade, eles são escolhidos pois, são muito ingenuos, fofos e fofos. Quem são os agressores? Os pais, irmãos, tios, avós, e pessoas que estão no ciclo de amizade da família.

Podemos concluir, o abuso sexual impede uma vida feliz e cheia de vitórias, por isso devemos evitar o máximo contato com pessoas desconhecidas e denunciar qualquer atitude suspeita.



APS

Artigo de Opinião 5: Os abusos sexuais nos dias atuais

Língua Portuguesa

Título: Os abusos nos dias atuais.

nos dias atuais o abuso sexual está em alta e os principais vítimas são os crianças e os adolescentes, sendo abusados por parentes desconhecidos de uma forma abusiva da acontece com seus vidas e com a vida da família.

Os agressores abusam mais os crianças entre os e 10 anos pois são inocentes e não tem tanta facilidade de denúncia, com isso esses agressores tomam posse daquele momento fazendo o que sem entender com eles, os crianças, os sequestra e no fim praticam atos peculiares de uma forma inadequada deixando a criança com medo e vergonha.

Esses problemas é muito afetado também com os adolescentes entre 13 e 17 anos com eles os abusos são mais agressivos pois eles por terem mais hormônios contém um corpo adequado, mais não precisa ser daquele tipo de abuso mais agressivo não!

Então não vão em papos de desconhecidos e conheçam melhor suas famílias porque são das partes menos esperada que não pode ser abusada, há e assim que se arruarem fale com seus responsáveis pois providências devem ser tomadas, antes que aconteça com sua vida.

Portanto o mais adequado é denúncia antes que se torne algo mais grave, não tenha medo!, porque é dia sua vida que estamos falando e é capaz de sua existência.

Imagem 01 – Blog “Estudar é arte, aprender faz parte”

The image shows a screenshot of a Blogger blog page. The browser address bar displays <https://www.blogger.com/home>. The page header includes the Blogger logo, the name '+Jaciera', and a language selector set to 'Português (Brasil)'. Below the header, there is a notification about spam detection. The main content area features a 'Novo blog' button and a featured blog entry titled 'Estudar é arte, aprender faz parte.' with a 'Visualizar blog' button. Below this, there is a 'Lista de leitura' section with an 'Adicionar' button and a message: 'Adicione blogs a serem seguidos a sua Lista de leitura. Nenhum blog está sendo seguido no momento. Use o botão "Adicionar" para inserir blogs que você deseja seguir em sua Lista de leitura. Saiba mais'. There are also links for 'Todos os blogs' and 'Blogger Buzz'. At the bottom, there is a 'Gerenciar lista de leitura' button and an 'Enviar feedback' button. The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the date '23/04/2015' and time '19:09'.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Imagem 02 – Blog “Estudar é arte, aprender faz parte”

The image shows a screenshot of a Blogger blog page titled "Estudar é arte, aprender faz parte". The page is displayed in a mosaic view. At the top, there is a navigation bar with options: Clássica, Flipcard, Revista, Mosaico (selected), Menu Lateral, Fotografia, and Linha Do Tempo. Below the navigation bar is a search bar with the text "pesquisar".

The main content area is divided into several columns and rows of articles:

- Frases da minha autoria:** O verdadeiro amor não está no luxo, e sim na simplicidade.
- Infância: antigamente e hoje:** A infância de alguns tempos atrás era bem melhor do que atualmente. As crianças interagiam umas com as outras de forma afetuosa, brincavam na rua sem se preocupar com a violência, ou seja, viviam realmente a sua fase.
- Satisfação:** É com prazer que compartilhamos com todos, os textos selecionados para a etapa estadual da 4ª Edição da Olimpíada.
- Quais as consequências da gravidez na adolescência?:** Um dos problemas que continua atingindo uma grande porção de jovens é a gravidez precoce. Adolescentes entre 12 e 15 anos acabam iniciando sua vida sexual mais cedo. Isso se deve, principalmente, a falta de orientação por parte dos pais e da família.
- CONVITE:** A escola é a única instituição social que oferece crescimento intelectual, cultural e social. Nesse sentido, a E.E. 29 de Março, promoverá a XIV Semana do Estudante com a seguinte temática: A arte, cultura, esporte, e lazer fortalecendo o ensino e a aprendizagem dos nossos educandos.
- Algo comum, mas nem sempre bom:** Um fato que vem se tornando cada vez mais frequente é a gravidez na adolescência.
- Gravidez na adolescência:** No Brasil, o índice de gravidez na adolescência tem crescido. A iniciação precoce da vida sexual dos adolescentes agregada a pouca informação, muitas vezes gera a gestação inesperada. Algumas letras de músicas, que tem surgido nos dias de...
- O apressado como cri:** É fato que a vida sexual dos de nosso país está sendo iniciada cada vez mais cedo. Esse fator combinado com a falta de conscientização e de diálogo com os pais, faz com que haja, atualmente, um enorme número de mães adolescentes e/ou solteiras no Brasil e no mundo.
- Adolescência:** Não sou criança, Não sou adulto, Sou ser mutante?
- CRÔNICA: A Adolescente:** Mariana choramingava pela casa segurando um lenço de papel.
- Ser Brotinho:** Ser brotinho não é viver em um pinheiro azulado, é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, ridículo ou insólito...
- Adolescência: fase de mudanças...:** A adolescência é uma fase complexa. Isso, embora clichê, em muitos aspectos define os sujeitos acometidos por mudanças repentinas: de humor, pela busca...
- Frases do Dia:** Nunca devemos desistir dos nossos sonhos.
- Drugs, violência e jovens:** Sugestões de Livros!
- Modelo Dynamic Views:** Tecnologia do Blogger.

At the bottom of the page, there is a system tray showing the date and time: POR 19:06 23/04/2015.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Imagem 03: Artigo de Opinião 6 – Um mundo diferente.



26

Um mundo diferente

Aos poucos, a sociedade brasileira vem se deteriorando. Problemas que envolvem drogas e violência na adolescência têm se tornado comum. Algumas pesquisas, tem demonstrado que os adolescentes têm começado a beber ou usar outras drogas bem mais cedo. Já há alguns anos, o Brasil vem passando por mudanças, mas nem todas são boas. Já é comum ver manchetes nos jornais sobre mortes de alguns jovens por motivos banais, torna-se inexplicável saber que um jovem que poderia ter um futuro brilhante pode ser morto.

Desde o início da década de 90, que a intensidade com que os adolescentes começam a usar drogas tem crescido. Em algumas metrópoles do nosso país, o consumo de drogas está em níveis críticos. O consumo de crack em São Paulo está tão alto que já existe mais de uma "cracolândia", isto é, locais onde pessoas se afundam no mundo das drogas. Essa alteração no cotidiano dos jovens vem se tornando muito frequente. Mas por quê? A resposta comum seriam os hormônios, mas, segundo os especialistas os hormônios não controlam os jovens, o cérebro pode tomar algumas péssimas decisões, mas o que causa essas decisões é a simples vontade de aparecer para a sociedade.

Portanto, é preciso ter uma maior vigilância nesses jovens, principalmente por partes dos pais e por parte dos órgãos públicos, tentando melhorar a segurança, e tentando dar uma esperança a mais para as pessoas, principalmente das periferias.

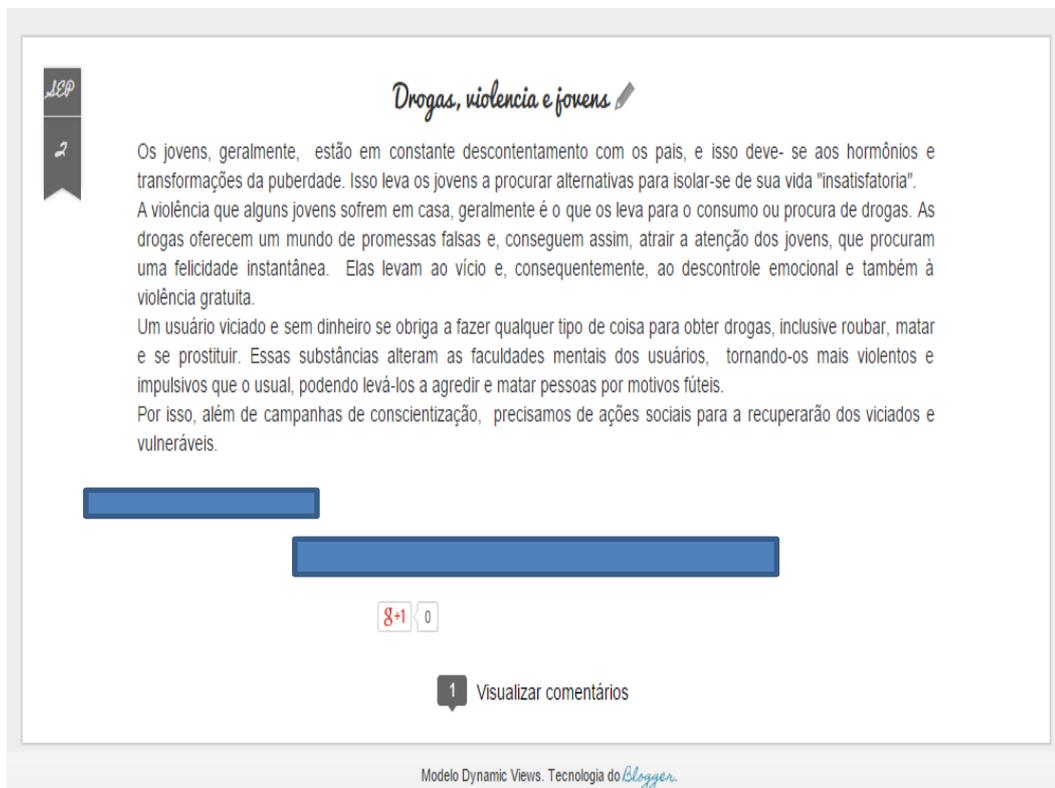
 +1 0
 Tweet 0
 Curtir 1

 Visualizar comentários

Modelo Dynamic Views. Tecnologia do *Blogger*.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

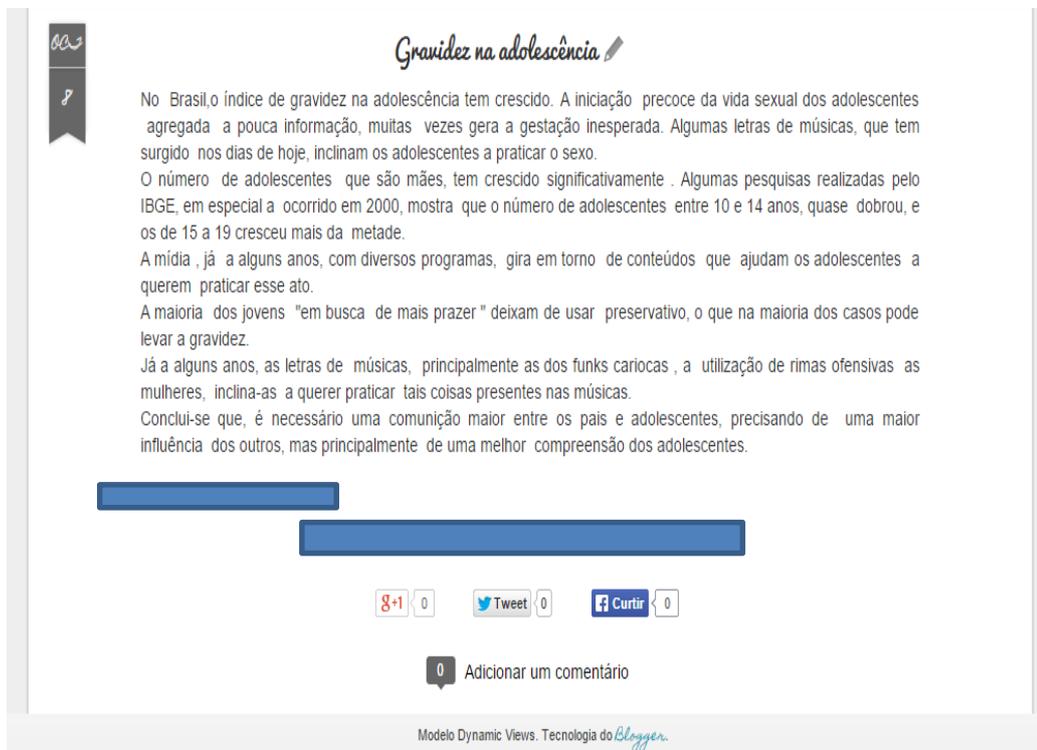
Imagem 04: Artigo de Opinião 7 – Drogas, violência e jovens.



The image shows a screenshot of a Blogger article. At the top left, there is a profile picture placeholder and a name 'LSP' with a checkmark. The article title is 'Drogas, violencia e jovens' with a pencil icon. The text discusses the relationship between drugs, violence, and young people, mentioning that young people often feel discontent with their parents and seek alternatives to isolate themselves. It notes that violence in the home often leads to drug use, and that drugs offer a false world of promises, leading to addiction and emotional control. It also states that addicted and poor users are forced to do anything to get drugs, including stealing and prostitution, and that these substances alter mental faculties, making users more violent and impulsive. The article concludes by stating that awareness campaigns and social actions are needed for the recovery of addicted and vulnerable individuals. Below the text, there are two blue rectangular redaction boxes. Underneath the redactions, there is a Google+1 button showing 0 votes. At the bottom, there is a comment icon with the number '1' and the text 'Visualizar comentários'. At the very bottom of the page, there is a footer that reads 'Modelo Dynamic Views. Tecnologia do Blogger.'

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Imagem 05: Artigo de Opinião 8 – Gravidez na adolescência.



Gravidez na adolescência

No Brasil, o índice de gravidez na adolescência tem crescido. A iniciação precoce da vida sexual dos adolescentes agregada a pouca informação, muitas vezes gera a gestação inesperada. Algumas letras de músicas, que tem surgido nos dias de hoje, inclinam os adolescentes a praticar o sexo.

O número de adolescentes que são mães, tem crescido significativamente. Algumas pesquisas realizadas pelo IBGE, em especial a ocorrido em 2000, mostra que o número de adolescentes entre 10 e 14 anos, quase dobrou, e os de 15 a 19 cresceu mais da metade.

A mídia, já a alguns anos, com diversos programas, gira em torno de conteúdos que ajudam os adolescentes a querer praticar esse ato.

A maioria dos jovens "em busca de mais prazer" deixam de usar preservativo, o que na maioria dos casos pode levar a gravidez.

Já a alguns anos, as letras de músicas, principalmente as dos funks cariocas, a utilização de rimas ofensivas as mulheres, inclina-as a querer praticar tais coisas presentes nas músicas.

Conclui-se que, é necessário uma comunicação maior entre os pais e adolescentes, precisando de uma maior influência dos outros, mas principalmente de uma melhor compreensão dos adolescentes.

g+1 0 Tweet 0 Curtir 0

0 Adicionar um comentário

Modelo Dynamic Views. Tecnologia do Blogger.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Imagem 06: Artigo de Opinião 9 – *Quais as consequências da gravidez na adolescência?*

The image shows a screenshot of a blog post. On the left side, there is a dark vertical banner with the text 'LSP' at the top and '10' below it. The main title of the post is 'Quais as consequências da gravidez na adolescência?' followed by a pencil icon. The text of the article discusses the consequences of early pregnancy, mentioning that adolescents between 12 and 15 years old often start their sexual lives earlier due to a lack of guidance from parents and family. It notes that pleasure can turn into a heavy responsibility, leading to various hardships that could have been avoided with prevention. The article asks about the consequences of teenage pregnancy, stating that in most cases, adolescents practice abortions, which can be risky to their health. It also mentions that some girls stop studying or face family issues due to lack of support. The text concludes by advising parents, families, and schools to provide education about the risks and care needed when starting a sexual life, including sex education and prevention methods. It ends by stating that adolescents should be prepared physically and intellectually before starting an active sexual life.

Below the text, there are two blue horizontal bars. Underneath these bars are social media sharing buttons: Google+ (0), Tweet (0), and Curtir (2). At the bottom, there is a comment section with a speech bubble icon and the text '0 Adicionar um comentário'. At the very bottom of the page, there is a small footer that reads 'Modelo Dynamic Views. Tecnologia do Blogger.'

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.

Imagem 07: Artigo de Opinião 10 – *O apressado come cru.*




O apressado come cru

É fato que a vida sexual dos de nosso país está sendo iniciada cada vez mais cedo. Esse fator combinado com a falta de conscientização e de diálogo com os pais, faz com que haja , atualmente, um enorme número de mães adolescentes e/ou solteiras no Brasil e no mundo.

O apelo sexual presente nos filmes, livros e na TV atraem a atenção dos adolescentes. Segundo um estudo realizado pela empresa Rand Corporation, adolescentes expostos a esse tipo de conteúdo têm o dobro de chances de serem pais na adolescência . E isso deve-se ao estímulo que os jovens sentem à praticar o ato sexual quando são expostos à programas, filmes e músicas que tratam o sexo como algo cotidiano, incitam e pressionam os jovens.

O adolescente, à procura de novas emoções, e desprovido de conscientização sobre o assunto, não toma as precauções necessárias para evitar o contaminação por doenças sexualmente transmissíveis ou a gravidez indesejada. Um adolescente, que está em fase de transformações físicas e psicológicas não tem a capacidade de criar uma criança, suprimindo todas as suas necessidades e preparo, e acabam passando pelo mesmo problema na adolescência.

As medidas preventivas para esses problemas não são apenas os preservativos, o mais importante é o diálogo entre os pais e os filhos, a conscientização de que iniciar a vida sexual precocemente pode acarretar em sequelas para a vida emocional e profissional.

 1
 Tweet 0
 Curtir 0

Modelo Dynamic Views. Tecnologia do *Blogger*.

Fonte: <http://estudaraprender92014.blogspot.com.br> – acesso em 12/05/2015.